**Kevin de Araujo Dias**

# Murray Rothbard, *Left and Right* e a defesa do libertarianismo nos EUA (1965 - 1968)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Marco Antonio Villela Pamplona

Rio de Janeiro

Agosto de 2020

**Kevin de Araujo Dias**

# Murray Rothbard, *Left and Right* e a defesa do libertarianismo nos EUA (1965 - 1968)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Marco Antonio Villela Pamplona**
Orientador
Departamento de História - PUC-Rio

**Prof.Flávio Limoncic**
UNIRIO

**Prof. Rodrigo Farias de Sousa**
UFRJ

Rio de Janeiro, 03 de agosto de 2020

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Todos os direitos reservados. E proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

**Kevin de Araujo Dias**

Graduou-se em História no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) em 2018. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no subprojeto de História (PIBID) pelo qual atuou no desenvolvimento de projetos de ensino de História para a Educação Básica. Tem experiência na área de história, com ênfase em História Intelectual e dos Estados Unidos. É professor da rede municipal de Maricá, desde 2020.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Ficha Catalográfica

Dias, Kevin de Araujo

Murray Rothbard, left and right e a defesa do libertarianismo nos EUA (1965 - 1968) / Kevin de Araujo Dias ; orientador: Marco Antonio Villela Pamplona. – 2020.

95 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2020.

Inclui bibliografia

CDD: 900

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Para os meus pais, avós e esposa,
por todo apoio e cuidado.

## Agradecimentos

Ao meu orientador, Marco A. Pamplona, por ter me orientado de forma brilhante, respeitando minhas singularidades. Obrigado por toda paciência e dedicação.

Ao CNPq e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha esposa, Taíze, pelo companheirismo, carinho e paciência. Sem ela, essa dissertação jamais seria possível.

À minha família e, em especial, aos meus pais, Marta e Alexandre, por me incentivarem a ir cada vez mais longe. Agradeço também a minha irmã, Rebecca, por todo apoio e carinho durante esses anos de trabalho.

Aos meus amigos por toda ajuda durante o desenvolvimento desta dissertação. Obrigado por acreditarem em mim, pelas conversas e conselhos.

Este trabalho compõe o último estágio de uma árdua jornada de mais de dois anos. Acredito que seria impossível ter chegado até aqui sem a ajuda e carinho de um tanto de pessoas maravilhosas, que comigo compartilharam dos melhores e piores momentos dessa experiência.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

## Resumo

Dias, Kevin de Araujo; Pamplona, Marco Antonio Villela. **Murray Rothbard, *Left and Right* e a defesa do libertarianismo nos EUA (1965 - 1968)**. Rio de Janeiro, 2020. 95p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No cenário político do Estados Unidos após 1945, o libertarianismo esteve intrinsicamente ligado ao ressurgimento do movimento conservador. Entretanto, no efervescente ambiente político da década de 60, alguns intelectuais libertários, como Murray Rothbard, decidiram trilhar um caminho diferente. Esses intelectuais passaram a reavaliar suas opções ideológicas, buscando, assim, por alternativas para lidar com os principais dilemas da época. Com a finalidade de melhor entender essas mudanças, esta dissertação teve como objetivo investigar a reinterpretação do libertarianismo operada por Murray Rothbard em sua atuação na revista *Left and Right: A Journal of Libertarian Thought*, criada em 1965. Para isso, foram apresentadas as principais expressões do pensamento libertário na política norte-americana dos séculos XIX e XX. Em seguida, analisou-se os textos de Rothbard presentes na *Left and Righ*t entre 1965 e 1968, a fim de entender suas principais ideias, alianças e conflitos políticos. Dessa forma, as estratégias utilizadas por Rothbard em sua reinterpretação do libertarianismo foram melhor elucidadas, tornando este trabalho uma importante oportunidade de refinar as concepções acerca dessa corrente política no cenário norte-americano.


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA


## Palavras-chave

Direita; Estados Unidos; *Left and Right*; Murray Rothbard; Libertarianismo.

## Abstract

Dias, Kevin de Araujo; Pamplona, Marco Antonio Villela (Advisor). **Murray Rothbard, Left and Right and the defense of libertarianism in the U.S. (1965 - 1968).** Rio de Janeiro, 2020. 95p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In the US political scenario of the aftermath of 1945, libertarianism became intrinsically connected with the rebirth of the conservative movement. Nevertheless, the effusive political environment of the 1960s made Murray Rothbard and other few libertarian intellectuals choose and take a different road to travel. These intellectuals began reviewing some of their ideological options and, therefore, looking for alternatives in order to deal with their main epochal dilemma. In order to better understand these many changes, I intend, in this Dissertation, to investigate the reinterpretation of libertarianism proposed by Murray Rothbard through his writings in *Left and Right*. *A Journal of Libertarian Though*, created in 1965. In order to accomplish this, I began by commenting on some of the main voices of the 19 th - and 20 th - century libertarian thought in American politics. I then analyzed all Rothbard articles in *Left and Right*, between 1965 and 1968, so that some of his main ideas, and understandings regarding political alliances and conflicts, could be made clear. The strategies he enacted in his singular reinterpretation of libertarianism seem to have been better elucidated with this work. We expect such an effort turns out to be a helpful aid in the future refining of ideas and conceptions still in use in the rhetorics of North-American political scene.


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA


## Keywords

Right; United States; *Left and Right*; Murray Rothbard, Libertarianism.

## Sumário


1. Introdução 9

2. O discurso libertário nos Estados Unidos: do anarquismo individualista à *Old Right* 13

2.1 Lysander Spooner, o anarquismo individualista e a defesa do capitalismo 13

2.2 William Graham Sumner e o “Homem Esquecido” 20

2.3 Albert Jay Nock e a dicotomia entre poder social e poder do Estado 26

2.4 O discurso libertário do individualismo norte-americano 30

3. Os caminhos do libertarianismo norte-americano no contexto da Guerra Fria 33

3.1 A Escola Austríaca nos Estados Unidos 34

3.2 Ayn Rand e o Objetivismo 40

3.3 As instituições libertárias: Fundação William Volker e *Foundation for Economic Education* 46

3.4 O libertarianismo de Murray Rothbard 48

4. O “Partido da Esperança”: o libertarianismo de Murray Rothbard na revista *Left and Right* 57

4.1 A causa isolacionista 61

4.2 A Nova Esquerda, Murray Rothbard e a *Left and Right* 68

4.3 A crítica ao conservadorismo 79

5. Conclusão 90

6. Referências bibliográficas 93


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

# 1
# Introdução

O libertarianismo, como aponta a literatura[1], é uma perspectiva política característica do contexto norte-americano do século XX, principalmente no período após a Segunda Guerra Mundial. Foi nesse momento que o termo *libertarian* se tornou popular entre os adeptos dessa corrente de pensamento. Apesar de sua detecção relativamente recente na história política estadunidense, os princípios do libertarianismo têm origens bastante tradicionais, conectadas às principais ideias do liberalismo clássico e do individualismo norte-americano, como, por exemplo, a defesa da propriedade privada, do livre mercado, do Estado limitado – em alguns casos, como veremos, a defesa da abolição do Estado – e a valorização do indivíduo.

Em meados do século XX, a quantidade de pessoas que se identificavam com esse ideário era pequena. Como relata George Nash, o que chamamos hoje de libertarianismo chegou ao cenário de 1945 em descrédito e com pouquíssima força no debate público[2]. Entretanto, o panorama mudou gradativamente nas décadas seguintes. A recuperação do libertarianismo estava associada à revitalização do movimento conservador norte-americano durante as décadas de 1950 e 1960. Como argumenta Nash, o libertarianismo era um componente constitutivo do discurso conservador que se desenvolveu nesse período. A proximidade entre libertários e conservadores ocorreu através de um adversário em comum: o coletivismo. Ambos compartilhavam o discurso contrário a qualquer ideologia política que significasse a presença desnecessária do Estado na economia e na vida dos indivíduos. Essa lógica unia a direita em oposição à um leque de antagonistas muito amplo, abrangendo desde os socialistas até os defensores do moderno liberalismo[3] estadunidense.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

---

[1] Sobre isso ver: o capítulo "*The Revolt of Libertarians*" in NASH, G. H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945* e as duas introduções em HAMOWY, R. (Ed.). *The Encyclopedia of Libertarianism*.

[2] NASH, G. H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*, localização 206.

[3] Existem diferenças importantes entre o moderno liberalismo norte-americano desenvolvido durante o século XX, principalmente após o *New Deal*, e o liberalismo clássico. Importante frisar que a oposição conservadora e libertária era centrada nesse "novo" liberalismo. Sobre a literatura dessa transição no sentido do liberalismo moderno nos EUA durante o século XX, ver: MITCHELL, B. M. A. *O liberalismo moderno nos Estados Unidos: discussões acerca da sua pluralidade entre os séculos XIX e XX*.

O conjunto de indivíduos que se encontravam nas fileiras do libertarianismo estava longe de ser um grupo homogêneo. Algumas questões eram especialmente controversas, como, por exemplo, o papel que o Estado deveria ter em uma sociedade de livre mercado. Não havia dúvidas quanto a necessidade de limitar suas intervenções ao mínimo possível, mas a amplitude desse "mínimo" era um ponto de contenda importante. De modo geral, a discussão ocorria entre aqueles que defendiam um Estado limitado, mas presente em questões essenciais, e aqueles que defendiam a abolição do Estado, um grupo muito minoritário no qual o libertário Murray Rothbard fazia parte.

Além da postura antiestatal, o discurso contrário a política externa norte-americana da Guerra Fria tornava a retórica do libertarianismo de Rothbard bastante distinta. No intenso clima político da década de 1960, decidiu mobilizar tanto a retórica antiestatal quanto a isolacionista para construir uma curiosa e inovadora interpretação do libertarianismo, exposta no periódico *Left and Right: A Jounal of Libertarian Though*. Diante disso, esta dissertação tem como objetivo investigar o discurso político de Murray Rothbard acerca do libertarianismo na revista *Left and Right*, que circulou entre 1965 e 1968 nos Estados Unidos. Dessa forma, nosso propósito está centrado na compreensão do discurso rothbardiano, considerando as intenções do autor na emissão desses "atos de fala" específicos diante de seu contexto histórico e ideológico.

Como produto cultural de sua época, uma revista permite muitas abordagens historiográficas, tendo em vista a dinâmica relação estabelecida entre os produtores e receptores de sua mensagem. Escolhemos priorizar, por causa das especificidades de nosso objeto, uma abordagem focalizada na produção discursiva de Rothbard no periódico. Para isso, nos aproximamos de alguns pressupostos teóricos desenvolvidos por Quentin Skinner e John Pocock por ocasião da "virada linguística" de que fizeram parte[4]. Segundo essa perspectiva, as obras intelectuais devem ser estudadas de acordo com a sua conjuntura histórica e linguística, através de uma metodologia intertextual, de forma a alcançar o

[4] Sobre essa perspectiva teórica, ver: SKINNER, Q. *Meaning and Understanding in the History of Ideas*, *Motives intentions and Interpretation of texts* e *Reply to my Critics*, disponíveis em TULLY, J. H. *Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics*; *Introdução: o estado da arte* e *o conceito de linguagem e o metier d'historien* disponíveis em POCOCK J.G. *Linguagens do ideário político*; FALCON, F.J.C. *História das Idéias* in CARDOSO, C. e VAINFAS, R. *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*;JASMIN, M. G. *História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

"sentido" que o texto possuía em seu tempo histórico, afastando-se, assim, de imprecisões e anacronismos. Nessa abordagem, o texto é entendido como uma ação performática, ou ato de fala, através da qual o autor procura interagir com determinado contexto histórico, servindo-se das linguagens discursivas disponíveis naquele momento, isto é, as imagens retóricas, vocábulos políticos e pressupostos que estão à sua disposição em determinada sociedade.

Portanto, o trabalho do historiador preocupado com as ideias políticas reside especialmente em entender de que maneira o autor manejou essas linguagens específicas em seu tempo, procurando delinear os objetivos de determinado conjunto de atos de fala. Esse processo permite recuperar a historicidade da obra intelectual, tornando possível uma análise das intenções e significados que o autor empregou em seu texto. Dessa maneira, entendemos ser frutífero para os fins pretendidos por essa pesquisa uma investigação do contexto histórico e intelectual de Rothbard e das estratégias por ele empreendidas para lidar com as principais questões de seu tempo. Também a apresentação de algumas das linguagens políticas com as quais o autor se relacionou torna-se muito importante aqui. Resumindo nossa proposta, consideramos Rothbard enunciador de atos de fala que, servindo-se de um arcabouço específico de linguagens discursivas, buscavam responder a diversas questões particulares do seu tempo. Em especial, focalizaremos no que consideramos ser o principal "lance"[5] que motivou sua atuação na *Left and Right*, o seu ato de reinterpretação do libertarianismo.

Por fim, o presente trabalho se encontra dividido em três capítulos. O primeiro e segundo capítulo visam explorar as principais referências do pensamento libertário norte-americano dos séculos XIX e XX. Para isso, trabalharemos com alguns autores e assuntos específicos que foram importantes para Rothbard e seus companheiros de revista, de forma a mapear as linguagens discursivas com as quais os autores lidaram. Já o terceiro capítulo será dedicado a análise do próprio discurso de Rothbard na *Left and Right*, a fim de traçar as

[5] De acordo com Pocock, a ideia de lance diz respeito a uma "manobra tática" do autor, na qual um ato de fala é emitido com a finalidade de causar mudanças em um determinado contexto linguístico. Esse movimento permite ao historiador compreender o que exatamente o autor "estava fazendo" quando executou determinado lance. POCOCK J.G; MICELI, S. (Org.). *Linguagens do ideário político.* p. 39.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

características do libertarianismo proposto por ele à luz do contexto histórico por ele vivenciado e de seu legado intelectual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

# 2

# O discurso libertário nos Estados Unidos: do anarquismo individualista à *Old Right*

Inicialmente, é importante destacar de qual corrente do pensamento libertário falaremos daqui para frente, pois trata-se de um termo utilizado para denominar diversas manifestações políticas, que vão desde os movimentos anarquistas de esquerda, em suas mais diferentes formas, até os movimentos anarquistas de direita. Por isso, o seu uso indiscriminado pode causar confusões desnecessárias. Como nosso objeto de estudo é o libertarianismo norte-americano, nos concentraremos nas manifestações do pensamento libertário de direita. Em outras palavras, focaremos na tradição política estadunidense que enfatiza a primazia e eficiência do livre mercado como princípio econômico ideal, rejeitando qualquer ação do Estado que tenha como efeito prático a interferência no livre mercado. Tal tradição tem o indivíduo como unidade política primordial e a ideia de liberdade como sendo um conceito supremo e inalienável.

No caso norte-americano, esse tipo de discurso político vem desde muito antes da independência dos Estados Unidos. Tendo isso em vista, daremos ênfase às correntes mais radicalizadas dessa tradição nos séculos XIX e XX: àqueles autores que adotaram um discurso contrário ao Estado em prol de uma sociedade focalizada na expansão das liberdades individuais. O objetivo é traçar as principais temáticas, as questões emergentes, os dilemas e as soluções encontradas por esses autores em suas épocas, de modo a embasar a análise posterior do libertarianismo de Murray Rothbard na revista *Left and Right*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

## 2.1

## Lysander Spooner, o anarquismo individualista e a defesa do capitalismo

Um dos nomes principais da corrente anarquista individualista da metade final do século XIX era Lysander Spooner (1808 – 1887). Residente de Massachusetts, foi um jurista e filósofo político, com um importante papel na luta abolicionista nos Estados Unidos. Ficou particularmente conhecido pela radicalidade de seu posicionamento político, principalmente em suas opiniões

sobre a constituição do Estado norte-americano, a instituição da escravidão e o imperialismo estadunidense de fins do século.

Spooner foi um crítico tenaz da constituição dos Estados Unidos e, por diversas vezes, da própria existência do Estado. Ele considerava que a *magna carta* continha um perigoso embrião de um Estado tirânico. Essa reflexão alarmista surgia, principalmente, da possibilidade ilimitada que o congresso norte-americano tinha para estabelecer impostos, organizar e manejar as forças militares, estabelecer as datas e circunstâncias das eleições etc. Se tratava, para ele, de uma aglomeração de poderes exagerada na esfera federal, e isso significaria, invariavelmente, a diminuição da possibilidade de ação dos cidadãos norte-americanos. Uma figura retórica normalmente levantada por ele e por outros autores individualistas era a de que o governo dos Estados Unidos tinha possibilidades de se tornar, para os seus cidadãos, tão tirânico quanto o governo britânico fora para as treze colônias – o que constituiria uma espécie de traição à Revolução Americana e ao seu princípio primordial: a liberdade[6].

Nesse sentido, os principais assuntos com os quais Spooner se ocupava em seus escritos políticos estavam relacionados à justiça, à constituição norte-americana e à natureza e ação do Estado. O paradigma de partida é a defesa incondicional do direito natural. Para ele, o direito natural é "a lei suprema, e igual em todo o mundo, em todos os tempos e para todos os povos; e será a mesma lei primordial e única, em todos os tempos e para todos os povos, enquanto o homem viver sobre a terra"[7]. Segundo sua visão, qualquer lei constitucional só pode ser referendada se estiver de acordo com o direito natural. E, indo um pouco além, dirá que é somente o direito natural que estabelece quais os direitos de um indivíduo, aqueles que não podem ser de nenhuma forma cerceados, como deixa claro ao afirmar: "Se existe um princípio como justiça, ou lei natural, é o princípio ou lei que nos diz quais direitos são, portanto, inerentes a ele como ser humano, e necessariamente permanecem com ele durante a vida"[8]. A discussão remete diretamente aos princípios mais balizares do liberalismo político estabelecidos por

[6] Sobre a relação entre o antifederalismo e os campos libertários/individualistas, ver RAKOVE, J. N. *Original Meanings: Politics and Ideas in the Making of the Constitution*, p.142 – 160.
[7] "The paramount law, and the same law, over all the world, at all times, and for all peoples: and will be the same paramout and only law, at all times, and for all peoples, so long as man shall live upon the earth." SPOONER, L. *Natural Law; Or The Science of Justice*, localização 2047.
[8] "If there be such a principle as justice, or natural law, it is the principle, or law, that tells us what rights are, therefore, inherent in him as a human being, necessarily remain with him during life." Ibid., localização 2022.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

John Locke, associando os direitos naturais como características inalienáveis dos seres humanos.

Com isso, para Spooner, os direitos naturais são as condições necessárias e as regras básicas para a vida pacífica e harmoniosa em sociedade. Isto posto, onde não há a garantia desses direitos, o que impera é uma situação de injustiça, que condiciona os homens a um estado permanente de guerra. Essa situação de conflito dura até que a justiça seja restaurada. Dessa forma, o conhecimento dessa ciência da justiça – a reflexão sobre os direitos naturais - é necessário para que se garanta "uma vida honesta, sem ferir a ninguém e dar a cada um o que lhe é devido"[9]. Essa exigência de "viver de forma honesta e pacífica" seria um exemplo de uma obrigação moral dos indivíduos, que deve ser fiscalizada pelos seus pares em sua vida cotidiana. Além disso, a discussão de Spooner se vê acrescida de um outro elemento importante: a soberania do consentimento individual. Assim, a constituição e o Estado de qualquer nação só teriam validade moral para o uso da força através do consentimento prévio de seus cidadãos. Esse tema foi a pedra de torque de um de seus principais textos, *No Treason*[10]. Nele, Spooner argumenta que sem o consentimento individual prévio, não poderia haver qualquer obrigação moral para com o Estado norte-americano – ou para com qualquer outro Estado anterior ou futuro. Sendo a ideia de traição ou transgressão dos princípios constitucionais, portanto, inócua. Dessa forma, coloca a liberdade de livre associação dos indivíduos acima, de forma soberana, de qualquer atribuição que o Estado possa vir a ter. A Constituição, por exemplo, só poderia incidir sobre aqueles que, de alguma forma, a ratificaram. Assim, a falta de um consentimento prévio se colocava como uma das impossibilidades morais da constituição de um Estado. Ela jamais poderia se aplicar a toda uma comunidade sem, de alguma maneira, ferir o direito básico de livre associação e liberdade de seus cidadãos. Para Spooner e os outros anarquistas individualistas da época, a oposição ao Estado se colocava como uma necessidade, uma vez que sua existência como tal representava risco e perigo para a soberania dos indivíduos.

Nessa mesma linha argumentativa, o direito à justiça também depende de uma associação voluntária, principalmente na formação de organizações que

[9] "To live honestly, to hurt no one, to give to every one his due." SPOONER, L. *Natural Law; Or The Science of Justice*, localização 2047.
[10] Id., *No Treason*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

garantam a defesa e a proteção uns dos outros, em suas palavras "uma associação de proteção mútua contra a injustiça é como uma associação de proteção mútua contra um incêndio ou um naufrágio"[11]. Se trata de uma resposta direta à pergunta: o quê ou quem deveria tomar as rédeas da administração da justiça se não o Estado? Para ele, caberia à própria comunidade. Mas nunca à revelia, sempre através do consentimento e com respeito aos princípios do direito natural. Essa ideia levantava outra questão, como a sociedade educaria os indivíduos para trilharem os caminhos do respeito à vida e à propriedade? Segundo ele, com uma visão bastante idílica da natureza humana, essas noções seriam desenvolvidas de maneira basicamente instintiva e de forma quase automática pela humanidade, de fácil compreensão e disseminação. Quase como uma consequência obrigatória da vida humana em sociedade. Como podemos apreender no seguinte trecho:

> Homens vivendo em contato uns com os outros e tendo relações juntos, não podem evitar de aprender a lei natural, mesmo se quisessem. O trato dos homens com os homens, suas posses separadas e seus desejos individuais, e a disposição de todo homem de exigir e insistir no que quer que ele julgue ser seu, e ressentir-se e resistir a todas as invasões do que ele acredita ser seu por direito, estão continuamente formulando as seguintes perguntas: este ato é justo? Ou é injusto? Isso é meu? Ou é dele?[12]

Spooner deixa claro com esse argumento que ignora completamente qualquer outra forma de organização humana em que a noção de propriedade privada, por exemplo, não se faça presente. Essa perspectiva, entretanto, para um homem do século XIX, fortemente influenciado pelo ideário iluminista, é absolutamente esperada e coerente com a sua visão quanto ao direito natural. Ainda sobre isso, a visão de Spooner dos direitos naturais o colocava em completo antagonismo com a instituição da escravidão. Um dos seus textos mais famosos, *The Unconstitutionality of Slavery*[13], é dedicado especificamente ao assunto. Para ele, a situação norte-americana de manutenção da escravidão é insustentável e

[11]"An association for mutual protection against injustice is like an association for mutual protection against fire or shipwreck." SPOONER, L. *Natural Law; Or The Science of Justice*, localização 1965.

[12]"Men living in contact with each other, and having intercourse together, cannot avoid learning natural law, to a very great extent, even if they would. The dealing of men with men, their separate possessions and their individual wants, and the disposition of every man to demand, and insist upon, whatever he believes to be his due, and to resent and resist all invasions of what he believes to be his rights, are continually forcing upon their minds the questions, Is this act just? Or is it unjust? Is this thing mine? Or is it his?" Ibid., localização 1976.

[13]Id., *The Unconstitutionality of Slavery*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

completamente incompatível com os princípios do direito natural. Por isso, a situação da escravidão era uma violação clara dos princípios básicos de liberdade, sendo a única solução possível a sua abolição. Assim como uma parcela de sua geração, em especial os anarquistas individualistas, levou em consideração a ideia de que os direitos à vida e liberdade não deveriam ser exclusividades dos brancos nos Estados Unidos.

O destaque do posicionamento abolicionista de Lysander Spooner aponta para um componente fundamental da sua visão constitucionalista: qualquer lei que exista na vida em sociedade, deve estar sujeita a criteriosa comparação com o direito natural. No caso de incompatibilidade, o receituário é cristalino: a desobediência e a revolta são os caminhos. Também nesse ponto, ele não estava sozinho. Talvez um dos mais notórios proponentes de uma desobediência a leis consideradas injustas, também um abolicionista e individualista do século XIX, foi Henry David Thoreau. O mais famoso ensaio de Thoreau, *A Desobediência Civil*[14], se tornou rapidamente uma espécie de cartilha para a insubmissão pacífica e individualizada contra situações de injustiça, principalmente por ter sido cotada como uma leitura que influenciou diversas figuras históricas conhecidas por levar a frente movimentos pacíficos de revolta: da rebelião de Mahatma Gandhi contra as forças coloniais inglesas na Índia à liderança de Martin Luther King no movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, durante as décadas de 1950 e 1960. De fato, o posicionamento individualista de Spooner tem um certo aspecto de espírito de época, compartilhando com a sua geração uma grave insatisfação com os rumos adotados pela sociedade norte-americana. Alguns eventos e fenômenos, como o absurdo ético da instituição da escravidão e a agressividade da política externa norte-americana, materializada na guerra contra o México e nas aventuras do imperialismo estadunidense no Caribe, funcionaram como combustível para uma geração de autores individualistas, inconformados com os rumos adotados pelo governo norte-americano.

Spooner também era um tipo de escritor e agitador político extremamente combativo. No ano de 1844, em Nova York, fundou uma concorrente para o serviço postal do governo norte-americano, a *American Letter Mail Company*,

[14]THOREAU, H. D. *A desobediência civil*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

oferecendo o mesmo serviço de transporte de cartas a um preço mais atraente[15]. A ideia era não somente fundar um novo empreendimento, mas também tensionar e rivalizar com a empresa governamental de correios, procurando trazer à tona o debate sobre a livre concorrência no mercado do transporte de cartas. Essa intenção ficara bastante evidente quando, no mesmo ano, Spooner publicou o panfleto intitulado *The Unconstitutionality of the Laws of Congress Prohibitting Private Mails*[16]. De maneira claramente provocativa, Spooner enviou cópias para o Congresso e para o diretor-geral dos correios dos Estados Unidos. Alardeando sobre um suposto monopólio no mercado postal, ele acusou o Congresso norte-americano de ferir o direito a uma livre-concorrência no mercado dos correios, intencionalmente legislando e atuando de maneira a sabotar as empresas privadas do setor. O argumento principal de Spooner afirmava que, à época, o Congresso dos Estados Unidos tinha a possibilidade constitucional de estabelecer postos de correios em todo o território, mas não tinha a exclusividade dessa exploração comercial. Essa acusação recebeu como resposta a lei de 1845, que diminuiu a taxa cobrada pelo envio de cartas no sistema postal do governo e tornou o mercado ainda mais complicado para empresas como a de Spooner. Mais ainda, levou *American Letter Mail Company* à falência em 1951.

Esse caso em especifico aponta para uma característica crucial do pensamento político de Spooner: a ideia de que o governo norte-americano agia de maneira completamente tirânica, tanto na política interna quanto na política externa, e que sua única finalidade era diminuir as liberdades de seus cidadãos. Por isso, para ele, o Estado tornava-se sinônimo de despotismo e, particularmente na experiência norte-americana, era visto como marchando em direção ao massacre completo de certas garantias básicas. A retórica anarquista e individualista explosiva de Spooner tem essas questões como pano de fundo.

Outro exemplo desse posicionamento se encontra em alguns dos debates que travou sobre as origens das leis e do Estado. Apontava que, nos lugares onde o homem havia superado o "estado de selvageria", superação esta que ele conecta ao advento da agricultura e sedentarização, com a domesticação de plantas e animais, ocorreu também o aparecimento de ladrões. Em sua exposição, o uso do

[15]KROHN, R. J. *The Limits of Jacksonian Liberalism: Individualism, Dissent, and The Gospel of Andrew According to Lysander Spooner*, p.45.
[16]SPOONER, L. *The Unconstitutionality of the Laws of Congress Prohibiting Private Mails*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

termo “ladrões” estava basicamente ligado a qualquer grupo de seres humanos que se utilizavam da força e da coerção para obter algo desejado. Isso ampliava bastante o grupo de supostos ladrões, que poderia também passar a englobar determinados grupos ou indivíduos detentores de forças policiais e militares. Estes, segundo Spooner, haviam se tornado cada vez mais organizados e numerosos com o decorrer da história humana e impunham seu domínio sobre aqueles que produziam. Sendo assim, a linguagem simbólica utilizada torna-se bastante forte, associando essa imagem de grupos de ladrões à própria origem do Estado.

> Todos os grandes governos do mundo [...] foram meros grupos de ladrões, que se associaram para fins de pilhagem, conquista e escravização de seus semelhantes. As suas leis, como as chamavam, foram apenas os acordos que consideravam necessários de serem firmados, a fim de manter suas organizações e agir em conjunto ao saquear e escravizar os outros, e garantir a cada um a sua parte acordada dos espólios.[17]

A imagem retórica de que o Estado rouba o trabalho alheio, através de suas leis e impostos, foi e é um componente crucial da parcela mais radical da tradição libertária norte-americana. Não à toa, uma das obras principais de um dos mais importantes libertários norte-americanos, Frank Chodorov[18], é totalmente dedicada ao assunto e com um título bastante sugestivo: *The Income Tax: Root of All Evil*[19]. Do mesmo modo, na continuação da argumentação sobre as origens do Estado, Spooner expõe também outro problema bastante comum à argumentação libertária, a noção de que o Estado é uma ferramenta na mão das classes dominantes, que utilizam seus mecanismos para a manutenção de privilégios. Ele acusou essa classe dominante de trabalhar para manter um sistema de escravidão, beneficiando-se do trabalho forçado de outros indivíduos; ou, quando não mais detém escravos, para explorar os recém-libertos forçando esses despossuídos a vender sua força de trabalho em troca de um salário. Acusou-a também de trabalhar para dificultar a posse dos meios de produção por parte dessa população.

[17] “All the great governments of the world [...] have been mere bands of robbers, who have associated for purposes of plunder, conquest, and the enslavement of their fellow men. And their laws, as they have called them, have been only such agreements as they have found it necessary to enter into, in order to maintain their organizations, and act together in plundering and enslaving others, and in securing to each his agreed share of the spoils.” SPOONER, L. *Natural Law; Or The Science of Justice*, localização 2097.

[18] Frank Chodorov (1887 – 1966) foi um dos grandes pensadores libertários da primeira metade do século XX. Trabalhou principalmente como escritor em diversas revistas da época, como *The Freeman*.

[19] CHODOROV, F. *The Income Tax: Root of All Evil*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Sua crítica enfatiza, também, o fato de que esses trabalhadores não teriam outra alternativa a não ser aceitar a remuneração proposta para não morrer de fome. O trecho a seguir deixa claro esses seus argumentos:

> O objetivo e o efeito dessas leis foram manter, nas mãos da classe dos ladrões, ou dos proprietários de escravos, o monopólio de todas as terras e, na medida do possível, de todos os outros meios de criação de riqueza; e, assim, manter o grande corpo de trabalhadores em tal estado de pobreza e dependência, que os obrigaria a vender seu trabalho a seus tiranos pelos preços mais baixos e com os quais a vida poderia ser sustentada.[20]

Um outro fator importante a ser destacado refere-se ao fato de que apesar de sua retórica se assemelhar bastante com a de outros autores do anarquismo clássico, como Pierre-Joseph Proudhon e Piotr Kropotkin, Spooner era um ardente defensor do *laissez faire*. Parte importante de sua argumentação contrária a existência do Estado é justamente por considerar como nociva a sua atuação e interferência na economia, um verdadeiro perigo para o livre mercado. Assim, seu anarquismo não entrava em conflito com o sistema econômico vigente. No seu entendimento, o liberalismo econômico era a real força de progresso humano, o responsável pelos principais avanços tecnológicos e sociais da humanidade.

Desse modo, a retórica de Spooner era caracterizada por uma oposição radicalizada ao Estado e uma defesa do livre mercado. O autor reproduzia um conjunto específico de argumentos e ideias que se tornaram parte importante do discurso do moderno libertarianismo. O individualismo anarquista que defendia foi uma influência para diversos outros intelectuais, em especial os libertários da *Left and Right*. Inclusive, um dos textos de Spooner, *Natural Law; Or The Science of Justice,* foi republicado integralmente na revista. A seguir, trataremos de outra importante expressão do pensamento libertário do século XIX.

## 2.2
## William Graham Sumner e o "Homem Esquecido"

[20] "The purpose and effect of these laws have been to maintain, in the hands of the robber, or slave-holding class, a monopoly of all lands, and, as far as possible, of all other means of creating wealth; and thus to keep the great body of laborers in such a state of poverty and dependence, as would compel them to sell their labor to their tyrants for the lowest prices at wich life could be sustained" SPOONER, L. *Natural Law; Or The Science of Justice,* localização 2122.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

William Graham Sumner (1840 – 1910), filho de imigrantes ingleses, se formou na Universidade de Yale (1863) e complementou seus estudos posteriormente na Europa, nas Universidades de Gênova e Gotinga. Ao voltar a Yale, após uma breve carreira de clérigo, Sumner se tornou professor de ciências sociais e políticas da instituição. Foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da disciplina sociológica nos Estados Unidos e tornou-se figura notória não somente pela sua relevância acadêmica, mas também por um vasto repertório de comentários e ensaios políticos.

Foi um dos discípulos mais próximos de Herbert Spencer, a figura central e mais proeminente do darwinismo social norte-americano. Por conta disso, Sumner costuma ser associado a essa corrente de pensamento[21]. Entretanto, alguns estudos – como é o caso do trabalho de Norman Erik Smith[22] – apontam para textos inéditos de Sumner dos anos finais de sua carreira, que sugerem uma certa rejeição ao darwinismo social. Segundo Smith, essa rejeição estava atrelada a ideia de que as culturas humanas não "evoluem" tal qual o evolucionismo orgânico – evolucionismo este que era o único que de fato podia ser atribuído a Charles Darwin.

Essa controvérsia tem motivo para existir. Para Sumner, a vida era fruto de uma "luta pela existência"[23]. No caso humano, decorreria de uma relação conflituosa entre as necessidades dos homens e a escassez dos recursos oferecidos pelo ambiente. Tratar-se-ia de um conflito histórico para os humanos, que moldava as ações, características e formas de organização social desde os tempos mais primitivos. Segundo Sumner, havia um fator importante que diferenciava a experiência dos homens da dos demais seres vivos nesse quesito: a capacidade humana de desenvolver cultura. Esse fator impossibilitava que a ideia da "luta pela existência" fosse universal e uniforme para o caso humano. Pois, a depender do contexto de épocas e lugares, a vida dos homens não era necessariamente uma "luta por sobrevivência", mas uma disputa por necessidades que poderiam ir de

[21] Richard Hofstadter, o responsável principal pela caracterização do darwinismo social nos Estados Unidos, foi também o responsável pela interpretação de Sumner como parte integrante dessa corrente de pensamento. HOFSTADTER, R. *William Graham Sumner, Social Darwinist*.
[22] SMITH, N. E. *William Graham Sumner as an Anti-Social Darwinist*.
[23] "Struggle of existence" se tornou uma metáfora do evolucionismo para representar a disputa por recursos entre as espécies e seres vivos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

fato bem além da mera existência. Nas sociedades modernas, por exemplo, a luta por bem-estar substituiu a luta pela sobrevivência[24].

Com isso, Sumner procurou dar ênfase maior para os fatores culturais da vida dos indivíduos, em oposição aos meramente biológicos, para a explicação de comportamentos, atitudes e hábitos de cada indivíduo. Ou seja, a cultura em que uma pessoa nasce e é criada e os contatos que estabelece durante sua vida são muito mais importantes para a formação dessas características do que a genealogia dessa pessoa. Sendo assim, na visão de Sumner, a experiência e a tradição ganham um caráter importantíssimo na formação dos indivíduos, transmitindo um enorme conjunto de características através de gerações. Logo, a noção de seleção natural do "mais bem adaptado" da teoria evolucionista não poderia ser aplicada *tout court* às sociedades humanas. A exceção – dirá ele – ocorreria quando estivessem sendo tratados, especificamente, os aspectos econômicos em uma situação de livre mercado.

Nessa lógica, e apenas nela, os principais motivos da argumentação política de Sumner o colocariam em bastante proximidade com os argumentos desposados pelo darwinismo social. Em alguns momentos, eram quase malthusianos. De acordo com sua visão política, o único sistema econômico moralmente aceitável e considerado também o mais "natural", era o capitalismo. Nele ocorreriam as condições ideais para mimetizar o processo de seleção natural dos organismos vivos na teoria da evolução: um estado de permanente competição entre as forças econômicas pelo acesso, transformação e troca de bens e serviços escassos, permitindo a "sobrevivência" daqueles mais bem adaptados e úteis ao sistema econômico. Consequentemente, essa visão também implicava a marginalização daqueles considerados menos adaptáveis ou inúteis. O livre mercado seria, segundo Sumner, o mais natural e eficiente formato de organização econômica, funcionando basicamente como uma consequência lógica da forma como a natureza funciona e equaliza seus sistemas. Razão pela qual defendia que qualquer interferência do Estado nesse complexo esquema era um ato pernicioso que tenderia a gerar distorções e desequilíbrios.

No debate político, a sua principal contribuição para o campo conservador/libertário foi a noção de "Homem Esquecido". Nela, defendia que o

[24] Ibid., p.341.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

cidadão médio norte-americano, trabalhador e ordeiro, era completamente negligenciado pela maioria das ações políticas executadas pelo Estado. Sumner argumentava que na medida em que o governo empreendia ações públicas para auxiliar os mais pobres e socorrer os necessitados, ele na verdade incentivava a ineficiência e inaptidão. A pobreza e miséria, para Sumner, eram frutos da improdutividade e indolência, tinham origem na inadequação do indivíduo ao sistema econômico. Combater as desigualdades sociais, portanto, era uma luta inútil, a pobreza jamais poderia ser erradicada, pois ela era uma consequência natural da maneira como o livre mercado deveria funcionar. Tal qual a seleção natural biológica, os mais adaptados "triunfam" e os menos adaptados "sucumbem". O livre mercado, portanto, operava como um filtro: as boas práticas, lucrativas e benéficas para a sociedade, eram reforçadas e levavam ao progresso; as práticas não lucrativas pereciam. A transferência de capital daqueles bem-sucedidos para os que estavam em pior posição, na retórica do Homem Esquecido, era empregar os recursos e esforços do cidadão produtivo e fecundo em causas estéreis e contrárias a uma lógica econômica "saudável". Nessa perspectiva, a caridade, por exemplo, seria incapaz de trazer qualquer incentivo efetivo ao sistema produtivo. Mais valeria um dólar investido em um banco do que destinado ao auxílio dos necessitados. Com isso, os adversários do Homem Esquecido de Sumner eram os "reformadores sociais" e "filantropos" que, na gerência do Estado, buscavam investir os recursos desse cidadão em causas que não eram de seu interesse.

> Assim que A observa algo que lhe parece errado, do qual X está sofrendo, A conversa com B e A e B então propõem a aprovação de uma lei para remediar o mal e ajudar X. Essa lei sempre acaba por determinar o que C deve fazer por X ou, no melhor dos casos, o que A, B e C devem fazer por X. ... [O] que eu quero fazer é procurar C. ... eu o chamo de o Homem Esquecido. Talvez a denominação não esteja estritamente correta. Ele é o homem que nunca é pensado. Ele é vítima do reformador, especulador social e filantropo, e espero lhe mostrar, antes de terminar, que ele merece sua atenção tanto por seu caráter quanto pelos muitos encargos que lhe são impostos.[25]

[25] "As soon as A observes something which seems to him to be wrong, from which X is suffering, A talks it over with B, and A and B then propose to get a law passed to remedy the evil and help X. Their law always proposes to determine what C shall do for X or, in the better case, what A, B and C shall do for X. ... [W]hat I want to do is to look up C. ... I call him the Forgotten Man. Perhaps the appellation is not strictly correct. He is the man who never is thought of. He is the victim of the reformer, social speculator and philanthropist, and I hope to show you before I get through that he deserves your notice both for his character and for the many burdens which are laid upon him.". *The* KELLER, A. G. (Ed.). *Forgotten Man and Other Essays,* p. 466.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Nesse sentido, a ideia de Homem Esquecido estava vinculada a noção de que a maior parte da população, virtuosa e independente, não necessitava da atuação do Estado. Essas pessoas eram, na realidade, beneficiadas pela inação do governo. A narrativa do Homem Esquecido era bastante conveniente não somente para atacar qualquer tipo de política de assistência social, mas também para manter intacto o precioso e balanceado ecossistema da livre concorrência. Para o bom funcionamento da sociedade, as impiedosas leis do mercado deveriam valer para todos, sem qualquer restrição ou alívio. Todavia, essa ideia não servia somente para atacar o assistencialismo, mas também para denunciar projetos corporativistas. O perigo também residia em um Estado controlado pelas elites econômicas.

Esse fenômeno foi descrito com um tom bastante alarmista, pois se tratava de um processo que ele enxergava estar em pleno curso na política e na sociedade norte-americana. Políticas tarifárias protecionistas e a concessão de benefícios ficais para determinados ramos produtivos, por exemplo, eram ações que representavam uma ameaça aos ideais do livre mercado. Para Sumner, essa atuação das elites era um entrave tão perigoso para o capitalismo quanto o próprio socialismo. Esse risco iminente da formação de um Estado corporativista, revela um ponto crucial do pensamento de Sumner: a completa desconfiança quanto a capacidade da democracia em manter uma sociedade livre no longo prazo[26]. Sua denúncia repousava na fragilidade desse modelo de organização social, uma vez que as democracias poderiam facilmente se tornar uma mera ferramenta na mão de grupos poderosos pouco interessados na manutenção de uma sociedade baseada em direitos e liberdade.

É essencial ressaltar que a preocupação de Sumner com a democracia advém de uma diferenciação feita entre as noções de "democracia" e "republicanismo". A ideia de república para ele era fruto direto da idealização operada pelo liberalismo clássico e o iluminismo, um governo fundamentado no "império da lei" composto por cidadãos dotados de virtudes "cívicas", capazes de abraçar e defender os valores de uma sociedade baseada na garantia das liberdades civis. Já a democracia, para ele, era um conceito muito mais difuso e impreciso,

[26] BYRNE, W. F. *William Graham Sumner and the Problem of Liberal Democracy*, p.577.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

que significava basicamente uma experiência política endossada por uma maioria através de eleições ou referendos. Comportando, inclusive, governos incapazes de garantir um regime de liberdade. A noção de democracia de Sumner é um tanto quanto genérica, sendo utilizada como sinônimo de governos que lançam mão de sistemas baseados no voto popular. O enxerto a seguir deixa claro esse posicionamento:

> Se quisermos o domínio de uma maioria, podemos tê-lo - a maioria pode passar um plebiscito que confere poder permanente a um déspota. Uma república é outra coisa. É uma forma de autogoverno, e o seu principal objetivo não é a igualdade, mas a liberdade civil. Mantém as pessoas alertas em suas funções e deveres públicos. Em nosso sistema, todas as garantias de liberdade e os mecanismos práticos de autogoverno vêm da república constitucional; os perigos vêm principalmente da democracia.[27]

As consequências desse raciocínio eram de um forte cunho elitista. Parte de uma visão de mundo que enxerga as massas como completamente incapazes de impedir a deterioração das democracias, partindo da noção de que lhes faltam ou as virtudes cívicas ou a clareza política para garantir a sua própria liberdade frente aos avanços do Estado. Não obstante, essas ideias não eram de forma alguma incomuns para a retórica conservadora e libertária nos Estados Unidos. As noções, por exemplo, de que a democracia liberal, e por consequência o governo estadunidense, eram completamente incapazes de garantir um regime de plena liberdade civil e econômica; ou de que o Estado e seus burocratas subjugavam uma "maioria silenciosa" de cidadãos em prol do projeto de um *establishment* político e econômico, tem presença em basicamente todo o espectro político da direita norte-americana.

Uma parcela importante dessa retórica chegou ao início século XX propagada principalmente pela chamada "*Old Right*". Se tratava de uma coalizão heterogênea de oposição ao *New Deal* e ao *establishment* liberal. Durante a Segunda Guerra, boa parte desse grupo era contrário à entrada norte-americana no conflito. Dessa geração de intelectuais, o nome de Albert Jay Nock se impõe com

[27]"If we want majority rule, we can have it- the majority can pass a plebiscite conferring permanent power on a despot. A republic is quite another thing. It is a form of self-government, and its first aim is not equality but civil liberty. It keeps the people active in public functions and public duties. ... In our system the guarantees to liberty and the practical machinery of self-government all come from the constitutional republic; the dangers chiefly from democracy." SUMNER, W. G. *On Liberty, Society, and Politics*, p.83, apud BYRNE, W. F. *William Graham Sumner and the Problem of Liberal Democracy*, p. 588.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

destaque por ter se tornado uma referência importante para os diversos movimentos conservadores e libertários que se desenvolveram durante o século XX. Trataremos desse autor a seguir.

## 2.3
## Albert Jay Nock e a dicotomia entre poder social e poder do Estado

Albert Jay Nock (1870 - 1945), nascido na Pensilvânia e filho de um metalúrgico que também era pastor episcopal, foi uma das figuras influentes do movimento libertário e conservador durante a primeira metade do século XX nos Estados Unidos. Seu pensamento político era reconhecido pelo forte traço libertário e por um certo desprezo pela democracia. Dentre suas obras mais conhecidas está *Our enemy, the state*[28] (1935), que é especialmente importante para as nossas discussões no campo do libertarianismo e do discurso antiestatal.

Escrito no contexto dos Estados Unidos do *New Deal*, *Our enemy, the state* se tornou um dos cânones da direita antiestatista. Nele, Jay Nock procurou apresentar as razões pelas quais acreditava que o Estado era uma instituição imoral e adversária da liberdade dos homens. O ponto de partida da sua argumentação era a dicotomia entre duas forças em oposição: o "poder social" e o "poder do Estado". O poder social significava o respeito às liberdades individuais, civis e econômicas, a partir de uma lógica calcada no direito natural, no livre mercado e no individualismo. Já o poder do Estado era a antítese de todos esses valores. Nock interpretava que qualquer ação estatal significava a retirada de poder da sociedade. Isto é, a própria existência do Estado representava um risco a liberdade e autonomia de seus cidadãos. A sua proposição era de que o poder social e o poder do Estado funcionavam como forças antagônicas e em disputa nas sociedades humanas. Onde houvesse maior poder do Estado, haveria menor poder social e vice-versa. Foi a partir desse ponto de vista que Nock procurou analisar o desenvolvimento do Estado norte-americano e a sua relação com a causa da liberdade.

Nesse sentido, podemos depurar três caminhos cruciais por onde correm as principais críticas de Nock à instituição do Estado norte-americano e que podem

[28] NOCK, A. J. *Our enemy, the state*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

ser facilmente identificáveis como lugar-comum em grande parte da argumentação antiestatal da moderna direita norte-americana. Essas críticas têm como pano de fundo principal o *New Deal*.

O primeiro ponto era a constante centralização operada pelo governo de Washington. Se tratava de uma imagem retórica tão antiga quanto eficiente, expressões variadas desse debate ocorreram nos Estados Unidos durante toda a sua história. O exemplo mais famoso era o debate entre Alexander Hamilton e James Madison no consagrado *O Federalista*. Era também uma temática crucial para os individualistas do século XIX, como vimos com o exemplo de Spooner. O direito dos estados frente ao governo federativo era e é um ponto de contenda na política norte-americana desde a sua independência. Todavia, a crítica de Nock procurou destacar um aspecto bastante específico desse temor da centralização do governo estadunidense: a concentração de poderes no executivo, em especial na figura do presidente. Com ou sem razão, essa imagem retórica foi bastante comum em autores libertários durante todo o século XX.

O segundo ponto era a crescente burocratização e crescimento da administração pública estadunidense, destacando o expressivo incremento no número de conselhos, departamentos e comissões, além da elevação do custo da máquina pública durante os anos 30.

O terceiro elemento era a transformação da pobreza e da mendicância em um "capital político permanente"[29]. Aqui, mirando especificamente os programas assistencialistas do governo após a crise de 29, acusava o Estado de utilizar esses programas como forma de arregimentar votos, utilizando esses recursos para criar uma "enorme massa de votos subsidiados, fortalecendo o Estado às custas da sociedade"[30].

Por essa razão, em sua percepção, o poder do Estado estava em franca expansão nos Estados Unidos, acentuando a sua descrença com relação ao sistema democrático estadunidense. Justificava que a democracia representativa norte-americana não oferecia ferramentas suficientemente úteis para impedir essa crescente transferência de poder da sociedade para o Estado. Além disso, não havia no corpo social norte-americano, um número expressivo de indivíduos de fato comprometidos com a manutenção de suas liberdades. A razão para essa falta

[29] Ibid., localização 198.
[30] Ibid., localização 198.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

de ímpeto do povo estadunidense estava na noção de que o discurso que justificava a existência e expansão do Estado havia se tornado a corrente majoritária e dominante na américa. Um exemplo disso, como acreditava Nock, era que ambos os partidos, republicano e democrata, não somente estavam empenhados na manutenção do *status quo*, mas diligentemente engajados na expansão das atribuições do Estado. Esse fenômeno não se restringia somente ao governo americano, mas era percebido como um efeito de escala global. Se tratava da expansão daquilo que Nock denominou de "mentalidade coletivista".

O coletivismo era, para ele, a ideologia responsável pela sustentação do poder do Estado, justificando a sua existência e autoridade. Essa mentalidade, argumenta, estava em expansão em todo mundo, sendo inclusive o sustentáculo da ascensão do totalitarismo na Europa. Alegava que as únicas diferenças que existiam entre o totalitarismo europeu e o governo norte-americano contemporâneo era o estágio de maturidade dessa mentalidade coletivista e o grau de sua visibilidade no discurso político. Essa percepção de um avanço global do coletivismo levou Nock a hiperbólica constatação de que o Estados Unidos estava a caminho de se tornar um Estado totalitário.

> Suponha que Roosevelt deva defender o seu regime revertendo publicamente ao ditado de Hegel: "somente o Estado possui direitos, porque é o mais forte". Dificilmente poderíamos imaginar que o nosso público engolisse isso sem uma ânsia de vômito. No entanto, até que ponto essa doutrina é estranha à realidade de nossa política? Certamente não muito.[31]

Nock indicou que a razão para a fácil expansão dessa mentalidade coletivista nos Estados Unidos era o fato de que a população tinha dificuldades em racionalizar, de forma crítica, a natureza do seu próprio Estado[32]. Essa população norte-americana estava demasiadamente ocupada com as liturgias simbólicas da nação (bandeira, uniforme, hino) para se preocupar em identificar e combater a sua crescente perda de liberdade. Para ele, os Estados só existiam e obtinham força na medida em que os indivíduos que nele habitassem concedessem crédito e validade a suas ações, compartilhando a crença na

[31] "Suppose Mr. Roosevelt should defend his regime by publicy resserting Hegel's dictum that "the State alone possesses rights, because it is the strongest." Once can hardly imagine that our public would get that down without a great deal of retching. Yet how far, really, is that doctrine alien to our public's actual acquiescenses? Surely not far" Ibid., localização 285.
[32] Ibid., localização 325.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

capacidade e, principalmente, na primazia do Estado para a resolução de conflitos, organização de recursos estratégicos e defesa de seus cidadãos, seja contra os infortúnios da natureza, distúrbios internos ou um exército invasor. Dessa forma, a manutenção do poder do Estado dependia da noção compartilhada de que ele era uma necessidade. Esse "estado de espírito", argumentava Nock, estava no mundo contemporâneo a caminho de se tornar a ideia dominante.

Com isso, ele estabeleceu um prognóstico sombrio para o futuro dos Estados Unidos, em que a força social do homem comum "bem disposto e industrioso"[33] estaria sendo suplantada pela "máquina governamental" do Estado, dominando todos os aspectos da vida cotidiana dos homens. O entendimento de que múltiplas concessões à atuação do Estado poderiam levar a uma distopia totalitária era uma ideia bastante popular no discurso libertário e conservador do século XX. Essa linguagem retórica tornou-se muito comum na defesa de um Estado mais enxuto ou, no caso de autores como Jay Nock, na defesa de sua abolição. Para alguns desses intelectuais, a aceitação passiva desses pequenos avanços do Estado era a explicação para a decadência moral e intelectual que interpretavam dominar a américa de seu tempo. Essa narrativa tinha como principal fio condutor a ideia de que o Estados Unidos foi progressivamente abandonando o princípio político da liberdade. Por essa razão, muitos desses intelectuais estiveram especialmente preocupados em investigar e fornecer explicações para essa mudança. Segundo Nock, a história norte-americana era o grande exemplo de sua tese: uma sociedade que abriu mão de seu poder social, sua liberdade e autonomia, pelo poder do Estado. Esse discurso parte da ideia de que os princípios do federalismo que fundou o Estados Unidos previam um regime de maior liberdade e autonomia:

> Não apenas a filosofia dos direitos naturais e da soberania popular permaneceu tão completamente fora de consideração como quando Jefferson lamentou seu desaparecimento, mas a ideia de um governo como uma instituição social baseada nessa filosofia também foi desconsiderada.[34]

[33] Ibid., localização 1136.
[34] "Not only did the philosophy of natural rights and popular sovereignty remain as completely out of consideration as when Mr. Jefferson first lamented its disappearance, but the idea of government as a social institution based on this philosophy was likewise unconsidered." Ibid., localização 1193.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Nock atribuiu esse contínuo crescimento do Estado e o atrofiamento do poder social a um sentimento generalizado de apatia da população norte-americana, uma espécie capitulação ao coletivismo. A esmagadora maioria, para ele, "não fazia ideia do que era o Estado, aceitando-o passivamente como algo que simplesmente existe"[35]. A lamentação da falta de espírito combativo abre espaço para uma perspectiva de descrença. Seu argumento era de que a letargia e a complacência da população para com o Estado, aliado ao aparato de força física do governo (polícia e exército), se apresentavam como a receita perfeita para a manutenção indefinida da progressiva diminuição de liberdades. Sendo assim, Jay Nock lança uma pergunta sombria ao seu hipotético interlocutor: "o que há de se fazer contra o Estado? " A resposta era categórica e taxativa: "simplesmente nada"[36].

Não obstante, Nock foi de grande importância para o discurso da direita norte-americana nas décadas seguintes. Especialmente para o campo do libertarianismo. A nova era que se instaurou no Estados Unidos com o início da Guerra Fria tornou o autor uma referência crucial para os libertários da *Left and Right* pensarem a sociedade de sua época. Apesar da diferença temporal, tendo em vista que Nock escreveu boa parte de suas obras durante os tempos do *New Deal* e da Segunda Guerra, haviam diversas temáticas em comum. Entre elas, estavam as críticas a centralização política operada pelo executivo e por Washington, o perigoso crescimento da estrutura estatal e de sua burocracia e a expansão das políticas de *Welfare*. Para além disso, Nock é um autor importante desse esteio radical do pensamento político norte-americano que assentou os fundamentos para o desenvolvimento do moderno libertarianismo norte-americano.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

## 2.4
## O discurso libertário do individualismo norte-americano

O que apresentamos nesse capítulo foram alguns episódios pontuais, mas bastante relevantes, de uma importante e antiga tradição política e filosófica norte-americana: o individualismo. Procuramos traçar algumas de suas expressões que estiveram ligadas ao pensamento libertário durante o século XIX e início do

[35] Ibid., localização 1379.
[36] Ibid., localização 1477.

século XX. Isto é, as fontes mais radicais do individualismo norte-americano e do liberalismo clássico. Demos ênfase a autores e ideias que, de maneira direta ou indireta, apareceram nas páginas da *Left and Right* ou serviram de referência para Murray Rothbard e seus companheiros de revista. Nossa intenção com esse capítulo era dar subsídios suficientes para responder quem eram esses autores e qual sua importância para a revista e o discurso libertário.

Iniciamos com o anarquismo individualista do século XIX, do qual Lysander Spooner era um exemplo paradigmático. As principais questões de seu tempo moviam alguns de seus principais posicionamentos, como as críticas à escravidão, à guerra contra o México e aos "monopólios" do Estado. Como apontamos, esses debates funcionaram como fonte para uma geração de autores individualistas identificados com uma crítica tenaz ao Estado. No caso específico de Spooner, tratava-se também de um ardente defensor do liberalismo clássico e dos direitos naturais, articulando essas ideias em uma potente retórica contrária ao estatismo. Como sabemos, o autor teve destaque nas páginas da *Left and Right*, com um de seus textos reproduzidos na revista. Foi uma importante referência do discurso individualista norte-americano do qual Rothbard e seus companheiros eram tributários. Além de Spooner, dentre os intelectuais identificados com o individualismo do final do século XIX e início do século XX, escolhemos a apresentação de mais dois deles: William Sumner e Jay Nock. A manifestação intelectual desses autores cobriu um período de tempo muito grande, desde a Era de Ouro até os tempos do *New Deal*. Como vimos, eles desferiram críticas duras a qualquer forma de intervencionismo, destacando a importância de se rejeitar qualquer justificava filosófica que pudesse levar a uma menor liberdade econômica. Ressaltavam a primazia do indivíduo como unidade mais importante da sociedade, com o direito inalienável à liberdade. Ainda, produziram um olhar bastante crítico sobre a sociedade do momento em que viviam, lançando suspeições sobre a democracia representativa estadunidense e o crescente papel do Estado. No caso de Jay Nock, essas ideias o levaram para uma posição abertamente anarquista, tornando-o uma das figuras mais importantes do libertarianismo do século XX.

Procuramos apresentar com esses exemplos algumas das principais correntes que serviram de referência para o moderno libertarianismo norte-americano, em especial para o seu discurso em defesa do *laissez-faire* e a crítica

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

ao Estado. Como aponta George Nash, a antiquíssima tradição do individualismo no Estados Unidos foi um dos componentes constitutivos do libertarianismo após a Segunda Guerra[37].

Além disso, aqueles que comungavam do antigo credo libertário, chegaram a esse período sem grandes perspectivas. Em plena Guerra Fria, eles não tinham nenhum motivo para nutrir esperanças. Com o crescente prestígio das políticas de *Welfare State*[38], o estatismo parecia despontar por toda parte. E não era diferente nos Estados Unidos. Como apontou George Nash, os EUA saíram do conflito com "um superestado doméstico, uma economia parcialmente controlada, milhões no alistamento obrigatório, e medos generalizados de reversão à depressão assim que a desmobilização ocorresse"[39]. O liberalismo clássico e os seus defensores não tinham muito espaço no debate político norte-americano. Os conservadores, que tradicionalmente encamparam a pauta do governo mínimo, tinham outras prioridades durante aquele momento, como o combate ao adversário comunista. Boa parte da população norte-americana também não estava muito interessada em grandes mudanças no sistema. Passadas as décadas de desastres e privações, os americanos do pós-guerra experimentavam um incremento exponencial em sua qualidade de vida, em um período notadamente conhecido pelo *boom* econômico.

A despeito do período ruim, a causa libertária não estava morta. Enquanto o planeta entrava na Era Atômica, o libertarianismo norte-americano passava por grandes mudanças. A chegada de um conjunto de economistas egressos da Europa, a criação de novos e poderosos *think tanks* e o surgimento de uma nova geração de intelectuais evidenciavam tais mudanças. Sendo assim, discutiremos esse novo cenário no próximo capítulo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

[37] NASH, G. H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*, localização 206.
[38] Termo utilizado para designar o modelo de organização política e econômica bastante comum nos países do Ocidente após a crise de 1929. Caracterizado por um Estado responsável pela garantia de direitos sociais básicos, como educação, saúde, segurança social e renda para todos os cidadãos.
[39] "A domestic superstate, a partially controlled economy, millions of concripts under arms, and widespread fears of reversion to depression once demobilization set in."Ibid., localização 191.

# 3

# Os caminhos do libertarianismo norte-americano no contexto da Guerra Fria

As décadas de 1950 e 1960 representaram um marco importante na história política dos Estados Unidos. Tratava-se de um momento caracterizado por uma intensa atividade de debate público, tanto à direita quanto à esquerda. A luta pelos direitos civis, a Guerra do Vietnã (1955-1975), a contracultura, a Nova Esquerda, o conturbado clima político nas universidades e a presença constante da Guerra Fria são alguns exemplos dos elementos que fizeram parte dessas décadas e acabaram por incendiar a discussão política nos EUA.

Era também o momento do ressurgimento do conservadorismo como força política de peso no cenário político norte-americano e que se deu, primeiramente, como um movimento organizado através de intelectuais conservadores, principalmente durante a década de 50, como Russel Kirk[40] e William Buckley Jr.[41]. Acompanhados de outros pensadores, eles foram responsáveis pela recuperação e reorganização do ideário conservador norte-americano no cenário do pós-guerra, dando uma certa solidez teórica e clareza ideológica ao movimento. Principalmente através do estabelecimento de uma espécie de "literatura canônica" do movimento, trazendo uma gama bem diversificada de referências, que ia desde autores clássicos da teoria política, como o irlandês Edmund Burke, até figuras mais contemporâneas das décadas de 50 e 60, como o economista Friedrich Hayek. Essa heterogeneidade não era mero capricho, mas apontava para a principal o fator que tornou possível essa reorganização do pensamento conservador no pós-guerra: a operação de uma fusão entre as diversas correntes de pensamento da direita norte-americana da época[42]. Em um dos trabalhos mais importantes sobre a história do conservadorismo nos Estados

[40] Russel Amos Kirk (1918 – 1994) foi um importante intelectual norte-americano do século XX. Sua principal obra, *The Conservative Mind*, publicado em 1953, foi de grande impacto na formação do conservadorismo estadunidense do pós-guerra, principalmente no que diz respeito aos debates sobre cultura. O desenvolvimento de seu pensamento tinha um foco na tradição conservadora anglo-americana, com um certo foco em Edmund Burke.

[41] William Frank Buckley Jr. (1925 – 2008) crucial na reorganização conservadora do pós-guerra, Buckley se tornou uma das principais figuras intelectuais do conservadorismo norte-americano do século XX. Sua principal contribuição começou em 1955, quando fundou a revista conservadora *National Review*, que rapidamente se tornou um importante fórum de debate das mais diversas correntes da direita política norte-americana.

[42] Esse movimento ficou conhecido, posteriormente, como Fusionismo Conservador.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Unidos, George Nash delimita essas três correntes: o libertarianismo, o anticomunismo e o tradicionalismo[43].

Além disso, era o momento de expansão de algumas das principais correntes do moderno libertarianismo norte-americano. Com a chegada e incorporação do corolário econômico da Escola Austríaca, que potencializou o ressurgimento de um liberalismo radical. Os debates no campo da filosofia acerca da ética libertária, principalmente as contribuições da filósofa Ayn Rand. Além da constituição de algumas das principais instituições que financiaram e municiaram o movimento libertário nas décadas seguintes. Nesse sentido, a apresentação desses elementos tem como finalidade apresentar o contexto ideológico de formação de Murray Rothbard e a suas principais interações com esse diversificado universo da direita estadunidense.

## 3.1
## A Escola Austríaca nos Estados Unidos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Os pressupostos teóricos da Escola Austríaca, bem como seus principais articuladores no antigo continente, foram muito bem recebidos pela direita norte-americana, especialmente nos anos após a Segunda Guerra Mundial. A popularidade se alastrou pelas mais diversas tradições da direita, dos blocos conservadores aos mais radicais libertários. Entretanto, a intensidade dessa recepção foi muito heterogênea. Para os conservadores, por exemplo, apesar da atraente força dessas ideias na defesa de uma economia mais livre e de um Estado menor, essas pautas estavam em um patamar secundário. A principal questão a ser discutida, naquele momento, era a Guerra Fria e a ideia de uma necessária reação à perigosa "expansão soviética", por quaisquer meios que fossem necessários. O que acabou por afastar, para o novo conservadorismo dos anos 50 e 60, a urgência de pautas mais libertárias na política interna dos Estados Unidos.

Não obstante, uma obra conectada a linha de pensamento da Escola Austríaca teve um enorme impacto em todo o espectro da direita norte-americana, *O Caminho da Servidão*, de Friedrich Hayek. Apesar de publicada em 1944, a obra reverberou no debate político estadunidense dos anos 50 e 60. A principal

[43] NASH, G. H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945.*

razão para isso é porque se tratava de um texto extremamente importante para os debates travados durante a Guerra Fria. Nele, Hayek procura estabelecer que o caminho para o totalitarismo é liderado pela diminuição da liberdade econômica, e que esse elemento é também um dos principais medidores da liberdade em que vive determinada sociedade. Nesse sentido, durante os anos finais da Segunda Guerra, quando a obra foi escrita, Hayek procurou estabelecer um ponto de semelhança entre a ascensão do autoritarismo tanto na União Soviética quanto na Alemanha Nazista, usando como eixo principal o crescente controle do Estado na vida econômica. E mais, Hayek estabelece ainda que, no caso inglês em que vivia, o caminho para a totalitarismo também estava sendo pavimentado, justamente pelo crescente papel do Estado como diretor econômico. Por essas razões, a obra foi recebida com bastante entusiasmo pela direita norte-americana, resultando em um episódio em que Hayek afirmou não compactuar com o conservadorismo norte-americano, tendo em vista o seu alastrado uso por esse grupo[44]. A Escola Austríaca trazia, sob o manto de uma escola científica, uma teoria econômica completamente comprometida com a defesa do livre mercado, resgatando o que tanto conservadores quanto libertários identificavam como valores necessários na luta política norte-americana, principalmente como fonte de críticas à política econômica após o *New Deal*.

Com isso, Friedrich Hayek se tornou a mais conhecida voz da Escola Austríaca, influenciando o pensamento político da direita norte-americana. Natural de Viena, nascido em 1899, vindo de uma família repleta de cientistas e intelectuais, incluindo seu pai, que era botânico e professor na Universidade de Viena. Assim como uma boa parte do Ocidente, foi atravessado pelos eventos da Primeira Guerra Mundial, na qual participou a serviço do exército austro-húngaro. Sua temporada no front italiano foi rapidamente encurtada por ter contraído malária. No seu retorno à Áustria ao fim da guerra, começou a se dedicar de forma mais profunda aos seus estudos de economia e obteve seu doutorado na Universidade de Viena, sob a orientação do professor Friedrich von Wieser[45]. Após uma breve passagem pelos EUA e, com a ascensão do nazismo, Hayek

[44] O capítulo está presente na sua mais importante obra, *The Constitution of Liberty*, publicado no ano de 1960.Intitulado *Why I Am Not a Conservative*, o texto é taxativo ao desvencilhar Hayek do seu uso pelo conservadorismo norte-americano. HAYEK, F. A. *Why I Am Not a Conservative.*

[45] Friedrich von Wieser (1851 – 1926) foi um economista e sociólogo austríaco. É considerado como um dos membros da primeira geração da Escola Austríaca.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

migrou para a Inglaterra, passando a trabalhar na *London School of Economics* (LSE), ao lado de grandes nomes da ciência econômica da época, como John Maynard Keynes[46], ao mesmo tempo um amigo pessoal e um de seus principais adversários intelectuais. Dentre as diferenças entre os dois autores estava a possibilidade de um planejamento efetivo da economia e dos seus fins:

> Mais tarde, Hayek decidiu que o que realmente o separava de seu amigo Keynes era que este sempre acreditou que determinados intelectuais bem preparados (Keynes entre eles, é claro) poderiam manipular de maneira habilidosa e precisa a ordem social para atingir determinada finalidade, sem efeitos negativos. Hayek sempre foi muito cético com relação aos limites do conhecimento humano para acreditar nisso. [47]

Durante os anos 30, ao largo da gravíssima crise econômica que abatia as principais economias do globo, a rivalidade de Keynes e Hayek foi desvelando um claro "vencedor". Em meados dessa mesma década, Keynes se tornou a principal figura da ciência econômica. Como notou Ludwig Lachmann, aluno e amigo de Hayek na LSE, ao final da década de 1930, a esmagadora maioria dos economistas da *London School* estavam ao lado de Keynes[48].

Com isso, em 1950 Hayek se transferiu para a Universidade de Chicago, para participar do Comitê sobre o Pensamento Social. A mudança não foi somente geográfica, mas também sobre as áreas de concentração dos seus estudos. Nesse momento, Hayek focalizou seus esforços nas áreas de psicologia e epistemologia. O novo interesse, entretanto, serviu também para desanuviar alguns dos problemas que encontrou nos debates acadêmicos em Londres. O seu foco agora era na crítica à forma como a ciência moderna procurava aplicar às ciências humanas os modos de produção de conhecimento das ciências naturais. A consequência disso, para Hayek, é que assim as ciências humanas pareciam assumir como possibilidade a capacidade de se ordenar racionalmente as sociedades dos homens. Aqui, procurou colocar em discussão uma tese que já

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

[46] John Maynard Keynes (1883 – 1946) foi um economista inglês, bastante conhecido por seus estudos no campo da teoria econômica. Foi bastante influente durante o século XX.

[47] "Hayek later decided that what really separated him from his friend Keynes was that the latter always believed that certain advanced thinkers (Keynes among them, of course) could skillfully and accurately manipulate the social order to their own ends, without ill effects. Haye was always too skeptical about the limits of human knowledge and ability to believe that." DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*, p.105.

[48] Ibid., p. 106.

vinha desenvolvendo em *Caminho da Servidão*[49]: a da impossibilidade de um planejamento central da economia, seja direta ou indiretamente, por conta não somente da imprevisibilidade da ação humana, mas também pela incapacidade dessas organizações de fornecer soluções que fossem benéficas para todos os indivíduos. Haveria para Hayek uma limitação técnica nisso que denominou "construtivismo racionalista". Tal limitação residiria no fato de que o conhecimento humano – o que possibilitaria as soluções e os meios para atender as demandas e anseios dos indivíduos – encontra-se disperso na sociedade. Nesse sentido, segundo Hayek, um órgão que desejasse planejar a economia de um país através de regulações e interferências, mesmo estando muito bem equipado e bastante abrangente, será sempre menos eficiente do que uma economia de mercado. A melhor maneira, portanto, para maximizar a eficiência dessas soluções, das técnicas e meios que estão dispersos na sociedade, seria uma economia de livre mercado.

O ideário ao qual Hayek se refere é o liberalismo inglês do século XIX, trazendo a reboque a defesa do *Rule of Law* e a romântica noção de que o liberalismo é o principal caminho para a efetuação da plena liberdade do homem. Foi talvez o mais conhecido dos nomes da Escola Austríaca, e se manteve fiel a esse conjunto de ideias por toda sua carreira, principalmente na sua oposição ao keynesianismo. Hayek foi também o principal responsável pela fundação da *Sociedade de Mont Pèlerin*, em 1947, uma organização que reunia diversos cientistas e políticos comprometidos com a promoção e defesa do liberalismo. A organização serviu de apoio para diversos intelectuais e políticos envolvidos nessa guinada para políticas mais liberais em diversos países durante as décadas posteriores à sua criação[50].

Além de Hayek, a influência da Escola Austríaca no pensamento político norte-americano teve também um outro autor crucial, o Ludwig von Mises. Mises nasceu em Lemberg no ano de 1881, na época uma cidade do Império Austro-Húngaro e hoje parte do território ucraniano. Sua trajetória acadêmica esteve fortemente ligada à Universidade de Viena, onde chegou a lecionar durante os anos de 1913 e 1934. Viena e a universidade se tornaram o pano de fundo da

[49] HAYEK, F.A. *O caminho da servidão*.
[50] Sobre a constituição a atuação de Hayek na fundação e posterior participação na Sociedade de Mont Pèlerin, ver: ONOFRE, G. F. *O papel de intelectuais e think tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

formação de quase toda a Escola Austríaca. Foi onde também estudaram ou lecionaram nomes como Carl Menger e Böhm-Bawerk, também autores importantes para essa corrente de pensamento. A trajetória de Mises, porém, esteve atravessada pela catástrofe que se avizinhava na Europa e no mundo durante a década de 30. Com a ascensão do fascismo e o avanço da máquina de guerra Nazista contra a Europa continental, Mises se vê obrigado a se retirar de Viena em 1934[51]. Após alguns anos em Genebra, parte rumo aos Estados Unidos em 1940. A principal conexão de Mises no novo pais, e até aquele momento o principal divulgador das ideias e tradutor das obras da Escola Austríaca para o público anglófono, era o jornalista e economista Henry Hazlitt[52]. A estadia e alocação de Mises na cena universitária norte-americana foi patrocinada, principalmente, pela Fundação William Volker[53], instituição que se tornou, durante as décadas de 40 e 50, um dos principais financiadores de intelectuais e iniciativas libertárias. Após algumas tentativas frustradas, a Volker finalmente obteve uma posição de professor visitante na Universidade de Nova Iorque em 1949, onde Mises ficou até a sua aposentadoria em 1969[54].

Para os seus discípulos e admiradores, Mises foi uma das mais potentes mentes do século XX, mas ao mesmo tempo bastante negligenciado pela academia. Em uma apaixonada biografia sobre o amigo e mentor, Rothbard adiciona que o fato de Mises não ter encontrado uma posição em nenhuma universidade norte-americana é "uma mancha irreparável na história da academia americana"[55]. Considerava "verdadeiramente vergonhoso, em um momento em que qualquer marxista de terceira categoria foi capaz de encontrar uma vaga de prestígio na academia, [que] uma das maiores mentes do século XX não tenha conseguido encontrar um posto acadêmico"[56]. Os seminários de Mises em Nova Iorque se tornaram um ponto de convergência de boa parte dos intelectuais

[51] A frustrada tentativa de um golpe nazista no Império Austro-Húngaro no mesmo ano pode ter sido um dos fatores que impulsionaram a migração de Mises.
[52] DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*, p. 91-92.
[53] Foi uma fundação criada por William Volker, um magnata bem-sucedido de Kansas City, em 1932. A partir de 1947, com a morte de Volker, a instituição passou a ser gerida por seu sobrinho, Harold W. Luhnow.
[54] Ibid., p. 205.
[55] "Ineradicable blot on the record of American academia." ROTHBARD, M. *Ludwig von Mises: Scholar, Creator, Hero*, p.47.
[56] "It is truly shameful that at a time when every third-rate Marxoid refugee was able to find a prestigious berth in academia, that one of the great minds of the twentieth century could not find an academic post". Ibid., p.47.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

libertários - entre eles, Murray Rothbard -, e eram aulas abertas, com a finalidade de discutir textos ou temáticas acadêmicas de relevância.

O edifício teórico de Mises é construído em torno de uma reinterpretação do liberalismo do século XIX. No seu texto *Liberalism*[57], apresenta o liberalismo como a doutrina da paz e da tolerância, em que a liberdade individual se apresenta como o meio para a garantir a satisfação dos desejos e necessidades dos indivíduos. Em sua ótica, todas as principais ideias do liberalismo derivam de um princípio: a necessidade da proteção da propriedade privada. A interpretação do liberalismo de Mises era uma espécie de ressurreição da filosofia social do século XIX que, em sua narrativa, acabou sendo massacrada pela ascensão do nacionalismo e do estatismo. Mises defende a superioridade do sistema de preços do livre mercado, interpretando-o como a principal e única forma de parâmetro para se medir o desejo individual de cada pessoa por determinado produto. Um sistema de livre mercado, em que as decisões sobre preços dependem unicamente dos indivíduos, tanto os que vendem quanto os que compram, os preços se ajustariam automaticamente de acordo com os fluxos de demanda e oferta. Com isso, prever essas demandas, o que seria uma obrigação em uma economia planificada, é basicamente impossível. Devido a incapacidade, mesmo de um grupo especializado de indivíduos, de desvendar a quantidade de recursos disponíveis, possíveis de serem produzidos e o desejo subjetivo de cada indivíduo quanto a esses produtos ou serviços. Esse também é um argumento abordado por Hayek[58], sendo a fonte principal da crítica de toda a Escola Austríaca ao dirigismo econômico.

A contribuição mais impactante de Mises vem com o livro *Human Action*[59], publicado já em solo norte-americano. Nele, a arguição segue uma linha bastante comum na fórmula austríaca, focalizando na subjetividade, na análise das ações e opções individuais e em uma certa marginalização dos grandes modelos matemáticos. *Human Action* lança as bases do edifício filosófico de Mises. Não somente com um olhar sobre a ciência econômica, mas com reverberações também em outras áreas do conhecimento. Para Rothbard, naquele momento

[57] VON MISES, L. *Liberalism: The Classical Tradition*.
[58] A questão do planejamento econômico e a crítica de Hayek são endereçados em diversos momentos da obra, especialmente nos capítulos 6 e 7. HAYEK, F.A. *O caminho da servidão*. p. 81-102.
[59] VON MISES, L. *Human Action: A Treatise on Economics*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

ainda com pouco contato com as obras de Mises, o livro teve um impacto muito grande, resultando em uma resenha bastante positiva no periódico *Analysis* e uma carta elogiosa para Mises[60]. No texto, o fio condutor das explicações sobre os diversos fenômenos econômicos parte de um caminho principal, as escolhas e avaliações dos indivíduos. Se trata de uma perspectiva muito mais atomizada do universo social, abordando a economia através de uma análise centralizada nas ações e possibilidades dos indivíduos que, em busca de seu bem-estar, encaram um futuro incerto e ajustam suas avaliações e desejos de acordo com seus objetivos. Nesse caminho, a análise em *Human Action* segue com uma argumentação semelhante as obras anteriores de Mises e relacionada a impossibilidade de uma gestão racional das necessidades individuais. Nesse sentido, a centralidade de sua análise se encontra na ação humana no mundo, se tornando o meio possível através do qual se faz factível a análise econômica.

A ida de Hayek e Mises para os Estados Unidos auxiliou na proliferação do ideário e das obras da Escola Austríaca em grande parte do movimento conservador/libertário estadunidense, se tornando verdadeiros estandartes da causa do livre mercado. Até sua aposentadoria, Mises continuou com os seus seminários na Universidade de Nova Iorque, além de ter sido um importante quadro da *Foundation for Economic Education* (FEE) e, juntamente com Hayek, ter participado da Sociedade Mont Pèlerin.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

## 3.2
## Ayn Rand e o Objetivismo

A filósofa e romancista Ayn Rand foi uma das figuras mais icônicas e controversas da direita norte-americana do século XX. Apesar de se tornar uma escritora famosa em solo americano, Rand nasceu em São Petersburgo, na Rússia, em 1905. Após guerra civil iniciada em 1918 na ocasião da Revolução de 1917, Rand, então com seu nome de nascimento Alyssa Rosembaum, atendeu a Universidade de São Petersburgo, recebendo sua graduação em 1924, em História. Em 1926, com o auxílio de familiares em Chicago, fugiu para os Estados Unidos.

Em território norte-americano, se direcionou rapidamente para Hollywood, com a intenção de se tornar uma roteirista. Devido ao estilo bastante peculiar de

[60] RAIMONDO, J. *An enemy of the state: the life of Murray N. Rothbard*, localização 414.

escrita, após diversas tentativas, Rand encarou uma série de negativas. A principal crítica às suas obras se davam pelo surrealismo de suas histórias, uma característica que a autora carregou por toda a sua carreira. O exagero dos enredos, para Doherty, poderia ser explicado pela visão que a autora tinha sobre os romances e a ficção: "para ela, a ficção não deveria ser sobre recriar a vida como ela é; deveria apresentar a vida como ela poderia ser, e deveria ser"[61].

Após uma curta carreira como assistente em Hollywood, Rand termina o seu primeiro livro *We The Living*[62] (1936), que tem como pano de fundo principal a União Soviética. Sua intenção no livro não é somente expor suas críticas ao regime soviético, mas também apontar os malefícios de uma sociedade em que o pensamento coletivista se torna predominante. Grande admiradora do sistema econômico e político norte-americano, principalmente daquele presente nas telas do cinema, uma de suas principais paixões, Rand defende que o sistema coletivista soviético deve ser combatido com um reforço da importância do capitalismo e do liberalismo. Em carta trocada com Channing Pollock, ao responder o questionamento sobre "qual organização do nosso lado tem uma ideologia concreta e definida sobre o Americanismo?", Rand deixa claro o caminho que acredita que precisa ser seguido: "queremos ensinar às pessoas, não sobre o que é a iniciativa privada, mas por que devemos acreditar nela e lutar por ela. Queremos prover uma base espiritual, ética, filosófica para a crença no livre mercado"[63]. De certa forma, a trajetória literária de Rand cumpriu justamente essa função de um libelo ao capitalismo e ao liberalismo estadunidense.

Durante a década de 40, após um fluxo mais frequente de trabalhos, Rand conseguiu se estabelecer em Hollywood. Na alvorada da Guerra Fria, atuou na formalização de um documento produzido pela *Motion Picture Alliance for American Ideals*, com diversas diretrizes de cunho claramente anticomunistas que serviriam para nortear as produções da época. O documento foi intitulado *Screen Guide for Americans*. As 13 diretrizes são proibições que funcionaram para

[61] "To her, fiction should not be about re-creating life as it is; it should present life as it could be, and ought to be." DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*, p. 135 – 136.
[62]RAND, A. *We the Living*.
[63]"What organization of our side has defined a concrete ideology of Americanism ?"/ "We want to teach people, not what the system of private enterprise is, but why we should believe in it and fight for it. We want to provide a spiritual, ethical, philosophical groundwork for the belief in the system of private enterprise". DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*, p. 140 – 141.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

"blindar" o espírito empreendedor do capitalismo norte-americano[64]. A produção audiovisual, ao que indica o documento, deveria evitar qualquer contradição com os valores tipicamente americanos. Com sentenças curtas e bastante abrangentes, as diretrizes poderiam possibilitar acusações bastante extrapoladas. Quantas obras poderiam se enquadrar em "não usar eventos correntes de forma descuidada"? Por outro lado, no contexto da Guerra Fria, em que o "perigo soviético" era uma presença política constante, esse tipo de ação não era incomum. Ainda mais se tratando de uma indústria tão crucial como o audiovisual. Não obstante, Rand acreditava que o palco da luta anticomunista deveria ser no campo ideológico. Em 1947, ao ser convocada pela *House Un-American Activies Committe* (HUAC), para participar como testemunha na perseguição a produções interpretadas como "comunistas" ou "pró-soviéticas", se demonstrou bastante contrariada:

> Foi um empreendimento muito duvidoso. Penso que legalmente e constitucionalmente eles tinham o direito apenas de perguntar sobre questões factuais, como filiação a partidos e participação em organizações Comunistas. Se o foco deles era expor o comunismo, isso deveria ser feito ideologicamente – mas é impróprio para uma agência do governo fazê-lo. [65]

Os alvos de Ayn Rand não se limitavam aos quadros da esquerda, também foi uma poderosa crítica a parte da direita norte-americana. Para ela, faltava energia e ímpeto na defesa de valores verdadeiramente liberais. A defesa do capitalismo, feita por conservadores ou por agrupamentos da indústria, como a *National Association of Manufacturers* (NAM), eram tímidos demais em uma defesa explícita e corajosa do livre mercado. Parte disso vem da decepção granjeada por Rand ao não encontrar apoio nas fileiras conservadoras para a publicação de seu livro *The Fountainhead*:

> Parecia que o livro havia sido assassinado da maneira mais eficiente – e nenhum dos nossos malditos "conservadores" se preocuparam com isso... eu fiz mais pela

[64] As restrições descritas no texto de Doherty: "1. Don't take politics lighty. 2. Don't smear the free enterprise system. 3. Don't smear industrialists. 4. Don't smear the profit motive. 6. Don't smear success. 7. Don't glorify failure. 8. Don't glorify depravity. 9. Don't deify "the common man". 10. Don't glorify the collective. 11. Don't use current events carelessly. 12. Don't use current events carelessly. 13. Don't smear American political institutions" Ibid., p.187.

[65] "It was a very dubious undertaking. I think that legally and constitutionally they had the right only to ask factual questions, such as party membership and Communist penetration of organizations. If their focus was to expose communism, it had to be done ideologically -- but it's improper for a government agency to do it." BRANDEN, B. *Passion of Rand*, p. 202, apud, DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*, p.188.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> causa da liberdade de mercado do que a NAM, com o seu orçamento de um milhão de dólares ao ano [...] mas onde eles estavam quando o livro precisava deles?[66]

No caso dos conservadores, o principal problema era que eles estariam demasiadamente preocupados com a tríade deus-família-tradição. Para ela, a associação entre os indivíduos e a forma como suas relações se desenvolvem deveriam ser organizados seguindo somente a "racionalidade", e não laços familiares, nacionalidade ou religião. Rand traça uma linha irreconciliável entre o que considera escolhas racionais, baseadas na lógica aristotélica, e as escolhas fundamentadas em aspectos emocionais. Como veremos mais adiante, essa diferenciação toma características completamente mais claras e, de alguma maneira, muito mais restritivas conforme Rand desenvolve a sua filosofia. Também a direita liberal era alvo de seus ataques, em especial os identificados como "utilitaristas". A defesa do capitalismo, em Rand, não acontecia por se tratar de um sistema mais eficiente, mas por ser o único moralmente aceitável. Estabelecer um limite para o preço de aluguéis, por exemplo, não era negativo porque poderia ser ineficiente ou atingir outras desvantagens imprevistas, mas porque era moralmente inapropriado que o Estado, ou um conjunto de indivíduos, decidisse as condições nas quais uma pessoa fazia uso de sua propriedade ou vendia um serviço. Os constantes embates com diversos quadros da direita norte-americana levaram Rand a se retrair da luta organizada e institucional pelas ideias individualistas. Não obstante, se ocupou de construir um engenhoso edifício filosófico através da ficção com a sua mais importante obra, *Atlas Shrugged* (1957)[67]. A empreitada parte da seguinte pergunta: e se todas as mentes criativas, engenhosas e potentes do mundo fizessem uma revolta?

O plano principal gira em torno da história da figura de John Galt, um superinteligente engenheiro mecânico. Galt, vivendo em um mundo distópico, controlado por uma sociedade "coletivista", resolve organizar uma revolta, convocando outras figuras de proeminência desse mundo, com a finalidade de "parar o motor do mundo". Essas figuras, artistas, filósofos, industriais e

[66] "It looked as if the book had been most efficiently murdered -- and none of our goddamn "conservatives" would lift a finger about it… I've done more for free enterprise than the NAM with their million-dollars-a-year budget yet where were they when the book needed them ?" Ibid., p. 189.
[67] RAND, A. *Atlas Shrugged*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

inventores, que seriam as principais forças produtivas dessa sociedade. Sem a habilidade e engenhosidade desses indivíduos, o mundo na trama de Rand entrou em uma espiral de ruína e miséria.

A finalidade da revolta de Galt era construir um paraíso para esses indivíduos notavelmente brilhantes, separado do restante do mundo maculado pelo ideário coletivista. Em Atlas, Rand não deixa muito espaço para confusões sobre o que exatamente ela estava se referindo, apesar da trama bastante absurda, o que era uma característica da autora, as alegorias eram cristalinas. Não existe nenhuma zona cinza na escrita de Rand. Os heróis eram superinteligentes, bonitos, bem-sucedidos e perspicazes, e a utopia que construíram era um panegírico à sociedade de mercado e às liberdades individuais. Os vilões, são figuras completamente destrutivas, que engolfam o mundo fora do paraíso de Galt em caos e destruição. Apesar do grande sucesso comercial de *Altas*, Rand não pareceu completamente satisfeita. O livro foi a sua principal e mais completa obra, apresentando a sua filosofia e os seus princípios –posteriormente conhecido como Objetivismo. Doherty pondera que isso pode ter ocorrido pela expectativa que Rand colocou em sua obra:

> Atlas foi um grito para a cultura: que eu possa encontrar personificações reais dos homens sobre os quais escrevo! A sua imensa popularidade era muito boa. Mas Rand queria a aprovação de homens de influência e realizações, cujo o julgamento sobre o seu trabalho e paixão ela respeitava muito. Ela era elitista demais para se satisfazer com o mero sucesso de vendas.[68]

O sucesso do livro trouxe também os seus principais discípulos: Nathaniel Blumenthal, Barbara Weidman e Leonard Peikoff. As frequentes reuniões na casa de Rand foi levando a formação de um grupo cada vez maior de indivíduos, muitos deles identificados de alguma maneira com a filosofia de Rand. O movimento que se seguiu das reuniões, nomeou a filosofia randiana de Objetivismo. Com o auxílio do agora casal Branden (Nathaniel e Barbara) e Peikoff, foram montados grupos de estudo e de leitura em diversas cidades do Estados Unidos, alguns deles contavam com a orientação direta dos Branden ou

[68] "Atlas was a cry to the culture: May i find real-life embodiments of the men i write about! Its immense mass popularity was all well and good. But Rand wanted approbation from men of influence and accomplisment, from men of achievement whose judment of her work and love for it merited her respect. She was too much the elitist to be satisfied by mere bes-sellerdom." DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*, p. 233.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Rand. Ao final dos anos 50, é criada uma instituição para a difusão do objetivismo, liderado por Nathaniel, com o nome de *Nathaniel Branden Institute* (NBI). Um newsletter também foi criado, chamado de *Objectivist Newsletter*, que chegou a ter uma tiragem de 15000[69]. Posteriormente, a *Newsletter* se transformou em uma revista chamada *The Objectivist*, com uma tiragem ainda maior, com cerca de 21000 em torno do ano de 1967.

Conforme o crescimento do *The Objectivist* e da NBI as histórias da formação de uma espécie de "culto" em torno dos círculos objetivistas começou a tomar forma. Principalmente através dos relatos de indivíduos que participaram em algum momento das reuniões do grupo. Uma característica destacada era o apelo a uma ortodoxia, qualquer divergência ou distanciamento dos elementos dogmáticos da filosofia objetivista era tratado com expulsões e exclusões. O que levava a uma exigência de constante reafirmação da lealdade aos princípios objetivistas, ocasionando uma insularidade dos círculos. A obrigação de um enquadramento e seguimento das posições de Rand também desembocaram no campo político, como apontam alguns ex-membros dos círculos, Rand costumava exigir que os seus discípulos seguissem à risca os seus desafetos. Qualquer demonstração de respeito por algum de seus adversários era sumariamente punida com a exclusão.

> O objetivismo construiu um espaço que isolava os jovens acólitos do mundo corrupto, com artes nas paredes, livros nas estantes, e companheiros agradáveis para os jantares. Mas esse lar poderia ser pequeno e restrito, sem nenhum espaço livre. Através da arquitetura complicada do edifício, o movimento essencialmente ditava o que os seus membros poderiam ou não poderiam (ou que deveriam ou não deveriam) fazer.[70]

Durante os anos 60, o objetivismo continuou a crescer. Rand passou a focalizar seus esforços em ensaios não-ficcionais, mas que acabaram não sendo publicados. Depois de *Atlas*, não houveram mais grandes obras da autora. A filosofia randiana teve uma importância muito grande no interior do movimento libertário, apresentando-se como uma defesa filosófica do capitalismo *laissez-*

[69] Ibid., p. 234.
[70] "Objectivism built a shelter that insulated young acolytes from the corrupt world, complete with art on the wall, books on the book-shelf, and agreeable companions for dinner parties. But that home could seem small and constrained, with no free space. Through the building's complicated architecture the movement essentially dictated that members could or couldn't (or should or shouldn't) do." Ibid.,p. 238.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

*faire* como a única forma moral e correta de se organizar as interações entre os homens.

## 3.3
## As instituições libertárias: Fundação William Volker e *Foundation for Economic Education*

Como já apresentado, a principal organização responsável pela estadia de Mises e Hayek em solo norte-americano foi a Fundação William Volker. Lunhow e a Volker estiveram envolvidos na vinda de Mises e Hayek para as universidades norte-americanas. A instituição se tornou, durante as décadas de 50 e 60, a principal instituição dedicada ao pensamento libertário dos Estados Unidos. A missão e as principais táticas da Fundação Volker, segundo Brian Doherty, ficaram conhecidas, posteriormente, através de Hayek:

> A ideia implícita no ensaio de Hayek – que tem sido a estratégia dominante das organizações e fundos libertários desde a época da Volker – é que a mudança intelectual acontece através da difusão de ideias por meio da camada superior da elite intelectual – principalmente na academia.[71]

Dessa forma, a missão da Fundação Volker, sob a liderança de Lunhow, era promover o ideário afinado com a defesa do livre mercado através da formação e manutenção de intelectuais para a produção, desenvolvimento e divulgação dessas ideias. A ação da Volker foi fundamental para a formação de uma identidade distinta do libertarianismo dentro do campo político da direita estadunidense, pois se tornou um refúgio para a defesa radicalizada do capitalismo ao se distanciar do corporativismo de algumas instituições patronais que, em teoria, também eram dedicadas a causa do livre mercado, como a *National Association of Manufacturers* (NAM). Durante anos, o trabalho na Volker foi a principal ocupação de Murray Rothbard, que se manteve na instituição até o seu repentino desmantelamento em 1963[72]. Rothbard trabalhava principalmente na

[71] "The idea implicit in Hayek's essay -- which has been a dominant strategy for libertarian organizations and funders ever since Volker days -- is that intellectual change occurs via ideas percolating down from a top layer of intellectual elites -- mostly in academia." Ibid. p. 185.

[72] No início da década de 60 a era da Volker como financiadora de intelectuais libertários foi chegando ao fim. Após mudanças na orientação da direção do fundo, Luhnow demite boa parte dos funcionários em 1963, levando ao fim do fundo em 1964 e a transferência do restante de seus recursos para a *Hoover Institution*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

leitura e revisão dos textos da organização, além de ser o responsável pela busca de novos talentos para financiamento e de ser o consultor para os mais diversos assuntos enfrentados pela Volker durante sua existência.

Além da Fundação Volker, uma outra instituição com grande impacto na direita libertária norte-americana foi a *Foundation for Economic Education* (FEE) de Leonard Read. Um notório defensor do liberalismo político, a atuação de Read, principalmente através da FEE, teve um grande impacto na cena da direita norte-americana. Seu trabalho com a promoção do liberalismo, entretanto, começa antes. Juntamente com William C. Mullendore, Read formou a *Pamphleteers Inc*, uma pequena editora focalizada em autores da direita norte-americana. A editora foi responsável, por exemplo, pela publicação do principal romance pré-*fountainhead* de Ayn Rand, *Anthem*. A razão para essa empreitada de Read era exatamente a mesma que fundamentou a criação da FEE. Para ele, não havia na cena política norte-americana nenhum espaço dedicado à promoção da "filosofia da liberdade". Não haviam revistas que aceitassem seus trabalhos ou editoras que publicassem seus livros[73].Em suma, para Read, faltava à direita estadunidense uma estrutura francamente engajada na luta contra a legislação sobre preços, as guerras norte-americanas, o alistamento obrigatório e em defesa do livre mercado.

Ainda, a situação da política interna norte-americana da época não parecia muito promissora para os defensores do Estado limitado, com o crescimento gradual das atribuições do Estado desde o *New Deal*, acentuado pelo esforço de guerra. Com isso, se apresentava como urgente a tarefa de criação de uma organização que pudesse promover a "filosofia da liberdade", em contraposição ao crescimento do dirigismo econômico do Estado norte-americano. Nesse contexto que nasceu, em 1946, a FEE, recebendo o apoio de "pequenas e grandes manufaturas, magnatas dos seguros, barões do aço, montadoras, empresas bancárias", que seriam "empresários verdadeiramente individualistas que naquele momento haviam percebido que nem a *Chamber* [*of Commerce*] ou a *National Association of Manufacterers* eram defensoras tenazes ou radicais do livre mercado"[74].

[73] Ibid.,p. 176 – 177.

[74]"manufacterers small and large, insurance magnates, steel barons, car makers, insurance and banking firms."/ "truly individualist businessmen had realizes by then that neither the chamber nor the National Association of Manufacturers was a reliably tenacious and radical defender of the meaning of free enterprise." Ibid., p.155 – 156.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

O apoio se traduziu em um poderoso arsenal de financiadores. Com menos de um ano de operação, a FEE já havia arrecadado cerca de $254,000 (em torno de $2,4 milhões no valor atual) em doações, o que possibilitou a compra de uma grande propriedade para sediar as operações da FEE, localizada em Irvington-on-Hundson, Nova Iorque[75]. Entre os patrocinadores do projeto, encontravam-se algumas grandes figuras do empresariado norte-americano, como David Goodrich (*Goodrich and Company*), que também fazia parte da diretoria da FEE, Harold Luhnow (Fundação William Volker), Donaldson Brown (*General Motors*), Charles White (*Republic Oil Company*), dentre outros. Além da própria habilidade de Read no convencimento de novos investidores, o que animava os financiadores da FEE era a objetividade de sua missão, pois servia como um veículo de educação e propagação dos benefícios e virtudes da economia de livre mercado. Os meios empregados eram diversos, como a concessão de bolsas para trabalhos afinados com a ideologia liberal, organização de palestras, cursos e seminários, publicações de livros, revistas e panfletos.

Um exemplo da abrangência e diversidade do apoio da FEE foi a ressurreição, pela terceira vez, da revista *The Freeman*. Read e a diretoria da FEE compraram a revista após uma grave crise financeira e optaram por seu relançamento em 1956, a partir daquele momento com o veterano libertário Frank Chodorov como editor. A nova *The Freeman* se tornou rapidamente um espaço ecumênico para intelectuais do libertário/conservador. Durante a década de 50, contou com a contribuição de figuras diversas como Barbara Branden, Murray Rothbard, Friedrich Hayek, Ludwig Mises, Frank Meyer, entre outros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

## 3.4
## O libertarianismo de Murray Rothbard

Nascido no ano de 1926, em Nova Iorque, Murray Newton Rothbard descreve o seu próprio núcleo de convivência como um ambiente dominado pela "cultura comunista", inclusive tinha tios e tias ligados diretamente ao Partido Comunista norte-americano[76]. O pai de Rothbard, entretanto, foi uma exceção. David Rothbard, o pai de Murray, chegou ao Estados Unidos em 1910, emigrando

[75] Ibid., p.156-157.
[76] ROTHBARD, M. *Life in the Old Right*.

de uma comunidade judaica próximo da Varsóvia, Polônia. Em sua autobiografia, Rothbard descreve seu pai como uma figura que rapidamente adotou os valores e a forma de vida norte-americana, uma "devoção ao básico do 'American way': governo mínimo, crença e respeito pelo livre mercado e a propriedade privada"[77]. Em princípios gerais, a formação política de Murray Rothbard não seguia muito distante das convicções de seu pai.

Em setembro de 1942, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos participavam ativamente do esforço de guerra, Rothbard entrava na Universidade de Columbia. Apesar de não ter sido recrutado para o combate, muito por conta de sua baixa aptidão física nos testes realizados, a atmosfera da Segunda Guerra teve reflexos na formação de Rothbard. A oposição ao militarismo e ao imperialismo norte-americano foram intensificadas durante o período e acentuados pelo governo Roosevelt e a sua oposição ao *New Deal*. A pauta do isolacionismo era uma temática repetida com frequência por Rothbard. Nesse momento, se identificava como um homem da *Old Right*, com uma oposição sistemática a qualquer interferência ou conflito externo e a qualquer forma de coletivismo na política interna. O principal problema era que, em sua época, as posições da *Old Right* já se tornavam ultrapassadas na direita estadunidense, sendo uma força cada vez mais minoritária.

Com o fim da guerra, Rothbard se juntou ao *Young Republican Club of New York*[78]. Dentre as suas preocupações com a administração Truman, a principal era com a política de controle de preços, um resquício de período de esforço de guerra. Ainda, Rothbard se manteve com relativa atividade nas bases do Partido Republicano até a eleição de Eisenhower, em 1953, quando iniciou um distanciamento do GOP, ao mesmo tempo em que radicalizava a sua ideologia política. A aproximação de Rothbard com o libertarianismo ocorreu especialmente através de autores da chamada *Old Right*, como Jay Nock, H. L. Mencken e Frank Chodorov. Apesar de, à época, já se considerar um ardente defensor do liberalismo clássico e do livre mercado, encontrou nesses autores uma abertura e possibilidade para o anarquismo político. A abordagem deles, como vimos com Nock, substanciava uma crítica moral ao Estado, como uma instituição

[77] "Devotion to the basic American way: minimal government, belief in and respect for free enterprise and private property." RAIMONDO, J. *An enemy of the state: the life of Murray N. Rothbard*, localização 175.
[78] Ibid., localização 313.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

invariavelmente agressiva que tinha como principal finalidade limitar as possibilidades de liberdade dos indivíduos.

Juntamente com a formação de um pequeno grupo informal de libertários, chamado de "Círculo Bastiat"[79], Rothbard passou a frequentar os seminários de Mises na Universidade de Nova Iorque. Os seminários se tornaram um pequeno polo de expansão da influência da Escola Austríaca na academia norte-americana, tendo em vista que uma boa parte dos intelectuais identificados com os austríacos estão conectados aos seminários de Mises em Nova Iorque. A conexão de Rothbard com a Escola Austríaca tem como pano de fundo justamente esses seminários. Para um fervoroso admirador do liberalismo clássico e da *Old Right*, o encontro com as ideias da Escola Austríaca foi um marco importante. Para Rothbard, a descoberta de Mises "era a ponte entre sua paixão pela justiça e a sua paixão pela verdade científica."[80]

Durante os anos 50, Rothbard também participou por algum tempo dos encontros de Ayn Rand e do círculo objetivista. A despeito de suas restrições iniciais quanto a filosofia randiana, se tornou um grande fã do *Atlas*. Descreve o livro como um dos melhores livros com os quais já teve contato, em elogiosa carta direcionada a autora[81]. O que seguiu a carta foi uma aproximação não somente de Rothbard, mas também de seus companheiros do "Círculo Bastiat" com Rand e os objetivistas. Os problemas, porém, continuaram e as críticas aos aspectos de culto do grupo de Rand se intensificaram nesse período. Até o momento em que Rothbard e seu grupo foram permanentemente expulsos do círculo objetivista. Uma das oposições principais se encontrava justamente no propósito restritivo que a filosofia de Rand tinha para os seres humanos. Para o objetivismo, todos os homens deveriam compartilhar uma certa epistemologia racional, o que implicaria, para Rothbard, em uma obliteração da individualidade, já que todos deveriam ser – ou aspirar ser - um perfeito homem racional, segundo as doutrinas do objetivismo. Em carta escrita em 1954 por Rothbard direcionada a Richard Cornuelle, argumenta que se somente a razão randiana fosse necessária para moldar os comportamentos mais adequados aos indivíduos, então a filosofia de

[79] O nome foi dado em homenagem a Frédéric Bastiat (1801 – 1850), um conhecido teórico francês do laissez-faire. O grupo era formado, inicialmente, por formado por Murray Rothbard, Ralph Raico, George Reisman, Robert Hessen, Ronald Hamowy e Fred Preisinger.
[80] "Was the bridge between his passion for justice and his equal passion for truth scientifically." Ibid.,, localização 419.
[81] Ibid., localização 1142.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Rand se tornaria "muito boa para uma completa tirania estatista que planejará a vida de todos, irá educá-los desde o berço nos princípios racionalistas, forçará relacionamentos, etc."[82] Essa divergência que levou ao expurgo de Rothbard e de seu grupo dos círculos objetivistas. Anos depois, o ocorrido levou à escrita de um ensaio onde Rothbard tecia severas críticas ao "culto de Ayn Rand".

Dentre as principais vertentes do pensamento libertário, a de Murray Rothbard foi uma das mais radicalizadas e heterodoxas. Um dos principais autores desse momento a flertar explicitamente com o anarquismo, sua interpretação dos princípios liberais sugere a necessidade de uma completa abolição do Estado. Do final dos anos 40 datam as primeiras vezes em que Rothbard se autodenomina um anarquista de direita, pavimentando o caminho do que posteriormente ficaria conhecido como o "capitalismo anarquista" ou "anarcocapitalismo". O seu uso, contudo, ainda era bastante reservado, devido a consciência da implicação potencialmente contraditória e inusitada do uso do termo político anarquismo junto de capitalismo, tendo em vista a larga tradição anticapitalista do anarquismo histórico. Rothbard defende que deveria haver alguma maneira de intitular aqueles que eram contrários a existência do Estado, mas a favor da manutenção da propriedade privada como um direito natural do homem, e que isso não teria outro nome se não também anarquismo. Mas, o uso do termo se tornou um ponto de contenda e de falta de entendimento do campo conservador e libertário não-anarquista – como apontam algumas trocas de cartas entre Rothbard e William Buckley[83]. O jovem libertário de Columbia descia mais um nível na defesa radical do livre mercado, se tornando um autor bastante exótico e peculiar dentro do próprio campo do conservadorismo/libertarianismo norte-americano.

No entanto, o anarquismo não era a única característica que separava Rothbard do ressurgimento conservador do pós-guerra. Um outro ponto de atrito agitava a discussão política daquele momento, a Guerra Fria. Em uma época em

[82]"The case really become very good for a complete Statist tyranny that will plan everybody's lives, educate them from the cradle in rationalist tenets, enforce mating etc." DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*,, p. 261.

[83] Em uma carta que ficou sem reposta, Buckley questiona Rothbard: "what is it supposed to be, and who are the "philosophers" sponsoring it ? Is it Prince Kropotkin, who wanted to abolish private property and organize all production in workers collectives and peasants communes ?... Are we and Mr. Meyer similar to Spanish Anarchists who, during the Civil Wae, imposed the death penalty on anyone caught using money, as contrasted to barter? In what way, then, are we to be called Anarchists ? But what is it then, that libertarianismo resembles ? Who are its founding philosophers?" Ibid., p. 664.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

que o anticomunismo era a principal pauta da direita conservadora, Rothbard se via completamente deslocado. O fator principal era, usualmente, a constante negação de Rothbard em chancelar o intervencionismo da política externa estadunidense. Um dos pontos principais do libertarianismo de Rothbard era a rejeição de qualquer tipo de ato violento, principalmente aqueles perpetrados pelo Estado, independentemente de onde ou contra quem fosse esse ato.

Durante os anos iniciais da década de 50, Rothbard participou com uma coluna do periódico *Faith and Freedom*, sob o pseudônimo "Aubrey Herbert"[84]. Entre outras razões, o uso do pseudônimo ocorria por conta da reputação duvidosa da revista, já que Rothbard ainda estava construindo a sua carreira acadêmica. A *Faith and Freedom* pertencia a um movimento conhecido como *Spiritual Mobilization*, uma organização fundada em 1935 pelo reverendo James W. Fifield. A organização tinha como principal finalidade difundir as ideias de livre mercado irrestrito e antiestatismo, associados a uma perspectiva religiosa. A revista com frequência servia de palco para autores que, apesar de não alinhados com a sua visão religiosa, compartilhavam os seus valores políticos. Rothbard foi um desses diversos autores libertários que passaram pela *Faith and Freedom*.

Foi nesse periódico que Rothbard lançou um de seus primeiros artigos acusando a direita norte-americana de trair a causa isolacionista e declarando o conflito aberto contra a escalada do imperialismo estadunidense durante a guerra fria. No artigo, *The Real Aggressor*[85], Rothbard aponta o que considera ser uma contradição da direita conservadora anticomunista, dos chamados *Cold Warriors*. Ao mesmo tempo que defendiam pautas de menos impostos e a ideia de um governo mínimo, lançavam mão do que Rothbard chamou de "guerra santa" contra a Rússia e a China, a qual exigia um custo econômico e humano cada vez maior. A solução de Rothbard para o problema da guerra fria não deixa de ser também heterodoxa no que diz respeito à direita norte-americana. Ele defendeu a saída completa dos Estados Unidos da ONU e da OTAN, assim como a retirada das tropas e bases estadunidenses ao redor do globo. Para além disso, propôs que a melhor forma que o Estados Unidos teria para lidar com a ameaça comunista não seria via sanções econômicas, mas sim por meio do livre mercado. Defendeu

[84] Fazia referência a Auberon Herbert, um filósofo inglês do século XIX.
[85] ROTHBARD, M. *The Real Agressor.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

não somente uma reabertura econômica com todo o bloco socialista, mas também o reconhecimento imediato da República Popular da China.

O credo libertário de Rothbard envolvia o entendimento de que, uma vez com os revolucionários no poder, a União Soviética e o bloco socialista passariam a ter prazo de validade. A economia socialista, era interpretada como uma impossibilidade, um projeto fadado ao fracasso. Não somente por conta do colapso do próprio sistema econômico, mas também pela ideia de que o próprio fervor revolucionário se tornaria estéril com o passar das gerações: "podemos confiantemente esperar que, à medida que o tempo passa, e a velha geração revolucionária desaparece, seus sucessores serão cada vez mais simples carreiristas, e não comunistas dedicados."[86] Isso significava que, para Rothbard, uma vez no poder, os ideais revolucionários se tornariam com o tempo uma mera ferramenta retórica, incapaz de produzir as mudanças necessárias ou mesmo de expandir a revolução ao restante do mundo. Nesse sentido, para ele, não havia razão para escalar qualquer conflito, seja ele comercial ou militar, com a União Soviética ou o bloco socialista, o tempo estava do lado do capitalismo. Em carta direcionada a Buckley, Rothbard afirma: "veremos que o Tempo está do nosso lado, e perceberemos que não precisamos procurar uma batalha longa e sangrenta até a morte com um inimigo que está definhando por dentro."[87]Apesar de ter contribuído de forma eventual com a *National Review* de Buckley, as diversas desavenças com a linha política da revista, em especial com relação à política externa e também à excentricidade do anarquismo de Rothbard, evitaram que a relação se aprofundasse.

O pleito de 1956 coloca uma definição no afastamento de Rothbard do partido republicano. Após a vitória inconteste de Dwight Eisenhower na convenção do partido, seu apoio fica com o seu adversário democrata, Adlai Stenvenson II. A principal questão para essa decisão era justamente a política externa proposta. Ike, como era conhecido Eisenhower, apesar da promessa de retirada das tropas da Guerra da Coreia, representava o que Rothbard chamava de

[86] "We may confidently expect that as time goes on, and the old revolutionary generation dies out, their successuors will more and more be simple careerists, and not dedicated Communists at all."Em correspondência de Rothbard para William F. Buckley Jr, em 1956. RAIMONDO, J. *An enemy of the state: the life of Murray N. Rothbard*, localização 933.

[87] "We will see that Time is on our side, and we will realize that we need not dig in for a long and bloody battle to the death with an enemy that is even now withering from within." Em correspondência de Rothbard para William F. Buckley Jr, em 1956. Ibid., localização 943.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

"internacionalismo republicano". Ou seja, a manutenção da mentalidade belicosa da guerra fria. Stenvenson, por outro lado, acenava para um desarmamento multilateral e o fim do alistamento obrigatório. Nesse sentido, na eleição de 1956, o então Aubrey Hebert resolveu contar a seus leitores da *Faith and Freedom* que, entre Eisenhower e Stenvenson, sua preferência era o candidato democrata. Esse se tornou o último gesto de Rothbard na revista, pois foi afastado por ser considerado demasiadamente "comunista"[88].

A década de 60 trouxe a reboque um período de grandes mudanças para o movimento libertário. A corrida presidencial de 1964 movimentou o debate político norte-americano, especialmente no campo da direita estadunidense. Barry Goldwater, o candidato republicano, também conhecido como "Sr. Conservador", foi interessante como uma figura que agitou as discussões no interior da ala libertária. O discurso de Goldwater, principalmente no campo econômico, animava os libertários. Para Ayn Rand, por exemplo, Goldwater era a materialização perfeita do gênio de John Galt[89], dotado das qualidades morais e da correta visão política da filosofia randiana. Milton Friedman se tornou um dos conselheiros econômicos da sua campanha. Como aponta Doherty, para boa parte do movimento libertário, "Goldwater mostrou que outra realidade poderia existir. Algo poderia ser dito – talvez até feito – sobre o liberalismo moderno; a defesa da causa do Estado mínimo tinha algum tipo de futuro, desde que Barry continuasse se destacando"[90].

Porém, nem todos os libertários embarcaram na campanha. Para Rothbard, Goldwater não parecia uma opção viável ou desejável para o movimento libertário[91]. Para ele, a retórica de Goldwater não representava um enfrentamento claro ao Estado, pois não defendia o desmantelamento sistemático ou mesmo gradual de alguns dos elementos balizares da estrutura estatista, como o imposto de renda e o sistema de segurança social. Além disso, Rothbard era completamente contrário à proposta da política externa de Goldwater, denunciando que ela procurava manter e expandir as principais estruturas do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

---

88 Ibid., posição 746.
89 DOHERTY, B. *Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement*, p. 307.
90 "Goldwater showed that another reality could exist. Something *could* be said – maybe even done – about modern liberalism; the cause of small government advocacy had some sort of future, as long as Barry was flying high." Ibid., p. 308.
91 Ibid., p. 311.

imperialismo estadunidense, sob a égide da defesa do "mundo livre" frente a ameaça soviética. Em suma, para Rothbard, o discurso de Goldwater não era radical o suficiente na política interna e agressivo demais na política externa. Em meados da década de 60, já estava claro para Rothbard que o conservadorismo não oferecia opções viáveis para o desenvolvimento do libertarianismo. Seguindo o que considerava ser os paradigmas balizares de sua ideologia libertária - o isolacionismo pacífico e o antiestatismo - intensificou as suas críticas à direita conservadora. Esse desencontro pode ser exposto através de dois pontos principais:

I) A ideia de que libertários e conservadores deveriam ser aliados automáticos era, para Rothbard, uma falácia. Considerava que o conservadorismo norte-americano não estava minimamente comprometido com o livre mercado, com um governo mínimo, com as liberdades individuais ou mesmo com a paz. Com isso, não haveriam motivos para que os libertários continuassem ao lado dos conservadores.
II) O medo do "perigo soviético" era um exagero. Com a crença de que a economia socialista era uma impossibilidade a longo prazo, Rothbard acreditava que não havia motivos para se temer ou combater extensivamente os comunistas. Pelo contrário, possivelmente o acirramento dos ânimos poderia levar a um conflito nuclear de proporções globais e consequências devastadoras. Nesse sentido, avaliava que o maior perigo para a sociedade norte-americana da época era o novo conservadorismo, com a sua retórica cada mais agressiva na política externa, sob a prerrogativa do necessário combate ao comunismo. Denunciava também o apoio concedido pelo governo norte-americano a regimes autoritários ao redor do globo, também um problema dessa mesma retórica intervencionista.

Como o próprio Rothbard descreveu em *The Betrayal of the American Right*[92], o crescente afastamento do movimento conservador levou-o ao isolamento no campo ideológico. Ao ponto de afirmar que, no início da década de 60, "o movimento libertário de Nova Iorque reduziu-se a duas pessoas: Leonard

[92] ROTHBARD, M. N. *The Betrayal of The American Right.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Liggio e eu"[93]. Isolado e diante do fervoroso ambiente político da década de 1960, Rothbard construiu uma visão bastante peculiar acerca do libertarianismo. Nela, o conservadorismo era o principal adversário da liberdade e a Nova Esquerda o principal aliado dos libertários. Com a finalidade de defender e divulgar essas ideias, fundou em 1965 a revista *Left and Right*. Sendo assim, no próximo capítulo, nos dedicaremos a analisar as principais características dessa inusitada interpretação do libertarianismo realizada por Rothbard nas páginas desse periódico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

[93] " The new York libertarian movement had been virtually reduced to two: Leonard Liggio and myself".Ibid., p. 174.

# 4

# O "Partido da Esperança": libertarianismo de Murray Rothbard na revista *Left and Right*

A revista *Left and Right* teve a sua primeira edição publicada na primavera de 1965, tendo como fundadores e editores Murray Rothbard, Leonard Liggio e George Resch. Inicialmente, a intenção do trio era contar com três edições por ano, o que somente foi possível nos anos de 1966 e 1967. Cada versão saia em uma estação do ano, com a exceção do verão. Ao todo foram lançadas nove publicações, além das seis entre os anos de 1966 e 1967, foram duas em 1965 e a última edição da revista em 1968. Usualmente a revista contava com uma pequena seção editorial logo nas primeiras páginas, utilizada para comentar fatos políticos considerados relevantes, efemérides e por vezes até obituários. Esse editorial era seguido de colunas mais extensas, normalmente de autoria dos próprios editores ou de escritores convidados. Além disso, a maior parte das edições também continha uma pequena republicação de algum texto clássico de autores considerados importantes para o libertarianismo norte-americano, como Garet Garett, Herbert Spencer e Lysander Spooner. As republicações vinham com uma pequena introdução contextualizando a obra e indicando a relevância do texto para a tradição libertária. Esse formato fazia com que o tamanho de cada revista variasse bastante, algumas contavam com 40 páginas enquanto outros volumes podiam chegar a ter mais de 90 páginas. A distribuição ocorria através do envio da revista por correio aos assinantes, e as tiragens jamais passaram de alguns milhares[94].

Como sugere o título e subtítulo do periódico *Left and Right: A Journal of Libertarian Thought*, a finalidade desse trio de libertários com a revista era não somente criar um espaço para o debate sobre o libertarianismo - suas teses, estratégias e visões de mundo -, mas demonstrar a necessidade do libertarianismo se desvincular da direita conservadora norte-americana e, ao mesmo tempo se aproximar de alguns movimentos políticos que emergiram no contexto da esquerda norte-americana da Guerra Fria. Não se tratava exatamente da tentativa de inserir um meio termo entre os polos políticos, mas na noção de que haviam componentes libertários na retórica tanto à direita quanto à esquerda. Para

[94] RAIMONDO, J. *An enemy of the state: the life of Murray N. Rothbard*, localização 1551.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Rothbard e seus companheiros, como veremos mais à frente, ao passo que o novo conservadorismo abandonava ou deixava de lado a retórica e o programa libertário, a Nova Esquerda seguia o caminho completamente oposto, e adotava práticas e discursos mais compatíveis com o libertarianismo.

> Nosso título... reflete de várias maneiras as nossas preocupações. Revela nossa preocupação com o ideológico; e destaca nossa convicção de que as categorias atuais de "esquerda" e "direita" se tornaram enganosas e obsoletas, e que a doutrina da liberdade contém elementos correspondentes tanto à esquerda quanto à direita contemporânea.[95]

Com o aceno à Nova Esquerda e o distanciamento do conservadorismo, a *Left and Right* aparecia como uma resposta aos novos desafios enfrentados pelo libertarianismo durante os anos da Guerra Fria. Como vimos, por se tratar de uma corrente radicalizada, pequena e frequentemente escamoteada no interior da direita estadunidense, ela procurou se reinventar durante a conturbada década de 60. Apesar de não ter se tornado em nenhum momento o grande vetor libertário nos Estados Unidos, a revista representou um marco interessante da diversidade dessa corrente política, constituindo-se em uma fonte imprescindível para o estudo da história do libertarianismo norte-americano.

Do ponto de vista ideológico, o isolamento dessa linha libertária – anarquista na mesma medida que capitalista – não era somente bastante evidente para os próprios autores da revista, era interpretado mais como uma distinção de orgulho. Uma analogia frequentemente utilizada nos textos editoriais era a comparação com o desenvolvimento da luta abolicionista nos Estados Unidos do século XIX, com referências aos autores individualistas daquele período que, de alguma forma, também participaram do esforço abolicionista – Lysander Spooner e Henry Thoreau. O argumento utilizado para essa peculiar comparação era que o libertarianismo compartilhava com o movimento abolicionista tanto a radicalidade de seus objetivos quanto a situação completamente desfavorável na correlação de forças políticas que ambos vivenciavam. No mundo escravista das Américas de fins do século XVIII e inícios do XIX, por exemplo, a causa da abolição tinha de

[95] "Our title... reflects our concerns in several ways. It reveals our editorial concern with the ideological; and it highlights our conviction that the present-day categories of "left" and "right" have become misleading and obsolete, and that the doctrine of liberty contains elements corresponding with both contemporary left and right". EDITORIAL. The General Line. *Left and Right*, primavera de 1965. p.3

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

ser radical em face dos seus poderosos adversários. A relação com o abolicionismo também atendia a um interesse retórico: a associação da luta libertária contra o jugo do Estado era interpretada pelo libertarianismo como a luta pelas liberdades mais básicas do homem – a propriedade de si próprio e a capacidade de gerir e trocar seus bens da maneira que melhor lhe aprouver. Nesse sentido, tal qual os abolicionistas do século anterior, os libertários representariam, nessa visão, uma espécie de vanguarda intelectual de uma sonhada futura libertação da humanidade dos ditames do Estado. O uso dessa alegoria fica bastante evidente no seguinte trecho de Rothbard na revista:

> O libertário genuíno, então, é, em todos os sentidos da palavra, um "abolicionista"; ele deveria, caso fosse possível, abolir instantaneamente todas as violações de liberdade: seja no sentido original do termo, a escravidão, ou nas diversas instâncias de opressão estatal. Ele deveria, como nas palavras de um outro libertário de linha similar: "apertar energicamente o botão! "[96] O libertário deve necessariamente ser um "apertador de botão" e um "abolicionista".[97]

Mas a radicalidade, ou a capacidade de "apertar o botão", não bastava para tornar mais próximo o futuro do capitalismo anarquista. O ativismo político era um componente crucial para a abordagem rothbardiana do libertarianismo. Se fazia necessário, portanto, a constituição de um movimento mais organizado, capaz de arregimentar novos integrantes, divulgar o credo libertário e combater ativamente a máquina estatal. Esse objetivo se torna bastante claro logo na primeira edição do periódico, sendo o fio condutor do mais importante texto da revista, escrito por Rothbard, intitulado *Left and Right: The Prospects for Liberty*[98], lançado na edição da primavera de 1965. Este texto procura lidar não somente com as linhas gerais e a justificativa de existência da revista, mas propõe

[96] A expressão "apertar o botão" faz referência a um texto de Leonard Read de 1946, intitulado "I'd Push the Button". O texto brinca com a ideia de que, caso houvesse um botão que instantemente retirasse qualquer forma intervenção do governo na economia e na vida das pessoas do dia para a noite, o "verdadeiro" libertário deveria ter a firmeza moral de pressionar esse botão.

[97] "The genuine libertarian, then, is, in all senses of the word, an "abolitionist"; he would, if he could, abolish instantaneously all invasions of liberty: whether it be, in the original coining of the term, slavery, or it be the manifold other instances of State oppression. He would, in the words of another libertarian in a similar connection: "blister my thumb pushing that button! The libertarian must perforce be a "button-pusher" and an "abolitionist". ROTHBARD, M. *Left and Right: The Prospects for Liberty*. *Left and Right*, outono de 1966. p.8.

[98] Se tornou o texto mais reconhecido e famoso da revista. Com o passar dos anos, foi distribuído em versões independentes. Conta, inclusive, com uma tradução para o português feita por Maria Luiza X. de A. Borges, sob o título "Esquerda e direita: perspectivas para a liberdade".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

uma breve genealogia do desenvolvimento do liberalismo e discorre sobre as características dessa ideologia que possibilitariam a opção libertária.

Esse resgate das origens supostamente radicais do liberalismo ocorreu através de uma narrativa histórica que realçava a potencialidade do liberalismo como "partido da esperança", como lugar da utopia e do progresso da humanidade, frente à oposição do conservadorismo. Rothbard argumenta no texto que, antes da Revolução Francesa e das revoluções liberais na Europa, a civilização era dominada pelo que chamava de "antiga ordem". O termo é usado de forma bastante genérica para caracterizar uma sociedade baseada em privilégios de berço, status nobiliárquicos e "atraso econômico". A derrubada dessa "antiga ordem" aconteceu a partir da Revolução Francesa, através do avanço do ideário liberal e do desenvolvimento do capitalismo. Nessa argumentação, o liberalismo aparecia essencialmente como força radical e revolucionária, comprometida com as liberdades do homem, em forte oposição ao conservadorismo, identificado à monarquia e à "antiga ordem". Com isso, o liberalismo se apresentava como um horizonte histórico bastante otimista, em que a defesa da propriedade privada, da indústria e das liberdades individuais significariam invariavelmente, como propõe Rothbard, o progresso material da humanidade de forma pacífica. Para a explicar o motivo pelo qual o liberalismo não mais carregava essas características radicais, acusou a esquerda e o socialismo de tomarem de assalto esse lugar da radicalidade. A retórica de um futuro otimista, esperançoso e pacífico não mais se encontrava com o liberalismo, mas com os seus opositores. Por isso, Rothbard argumentava que era papel do moderno libertarianismo retomar esse lugar de radicalidade, levando a frente a luta antiestal e em defesa do livre mercado. Assim, partindo de um ponto visto quase teleológico, ele interpretou a constituição de uma sociedade libertária como uma tarefa de longuíssima duração, para a qual os libertários deveriam agir sempre na vanguarda das mudanças históricas.

É com esse espírito que se constituiu a revista, sugerindo a urgência da ação libertária. Apesar de seu radical objetivo estar ainda bastante distante do ponto de vista histórico, existiam diversas formas de atuação na política cotidiana a serem empreendidas. A denúncia e confronto com as ações imperialistas ou a interferência do Estado nas liberdades individuais, seja esta sob qualquer pretexto, poderiam ser pautas realistas no presente. A atuação libertária deveria ser capaz de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

provocar recuos dos adversários. Era com isso que contavam os autores da *Left and Right*, com a possibilidade da constituição e organização de uma direita libertária comprometida com um futuro sem o Estado e que fosse capaz de agir politicamente para atingir esse objetivo.

## 4.1
## A causa isolacionista

Um dos aspectos mais interessantes da atuação da *Left and Right* foi a autodeclarada investida da revista em promover um revisionismo da história recente dos Estados Unidos, com destaque para temáticas relacionadas a política externa. As relações exteriores do governo norte-americano era um assunto particularmente sensível para os libertários da *Left and Right*, tendo em vista que se tratava de um dos fatores principais que levou a sua cisão com os conservadores, além de ser o principal elemento utilizado como ponte para conectar esses mesmos libertários à Nova Esquerda. O fomento a essa revisão foi muito frequente durante toda existência do periódico, ocorreu tanto nos editoriais, quanto em algumas resenhas críticas e artigos publicados. Os temas específicos eram diversificados, mas sempre com o foco na história da política externa estadunidense, desde a análise dos esparsos movimentos anti-imperialistas nos Estados Unidos do XIX, e as suas possíveis conexões com o anti-imperialismo dos anos 60, passando pela discussão sobre a entrada e participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra, o ataque de Pearl Harbor e as bombas em Hiroshima e Nagasaki.

A tese principal que movia a revista era a crítica à narrativa oficial que justificativa as diversas incursões militares feitas pelo Estados Unidos ao redor do globo, bem como a interferência política que mantinham, oficial ou clandestinamente, em governos de todo o mundo. Isso ocorreu de diversas formas, desde a apresentação de histórias, autores e grupos que de alguma maneira participaram de movimentos contrários ao expansionismo estadunidense, até a correlação entre o crescente imperialismo norte-americano ao longo do século XX e o recrudescimento da coerção do aparato estatal na política doméstica. O principal personagem da revista que ditou o tom dessa proposta foi Leonard Liggio, autor da maioria dos textos relacionados ao tema. A intenção desse

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

esforço, ao que tudo indica, era fornecer uma narrativa alternativa sobre as relações internacionais dos Estados Unidos durante os séculos XIX e XX, que pudesse justificar as posições adotadas por esses libertários no período no qual viviam. Em especial, demonstrar as razões pelas quais, no contexto dos anos 60, acreditavam que o seu principal aliado era a Nova Esquerda americana. Para atingir esse fim, o caminho percorrido foi a tentativa de reanimar a importância do discurso isolacionista para a direita norte-americana frente aos desafios impostos pela Guerra Fria, de forma que se tornasse compatível com a narrativa anti-imperialista.

Era com esse espírito que, na edição da primavera de 1966, um longo editorial foi dedicado a apontar que a revisão das origens da Guerra Fria e a sua natureza era uma das mais importantes tarefas dos libertários[99]. Essa revisão tinha um alvo bastante especifico, atacar o "consenso" que entendia o crescente intervencionismo estadunidense na política mundial como o reflexo de uma necessária guerra em defesa da democracia e liberdade. O que significava, na prática, um discurso de oposição ao adversário comunista por parte do governo dos Estados Unidos. A noção de um governo "forte", capaz de enfrentar a perigosa "expansão soviética", particularmente popular entre os conservadores da Guerra Fria – mas não somente entre eles –, se tornou a mola propulsora para a defesa de um fortalecimento da capacidade bélica do governo norte-americano, bem como a principal justificativa para a manutenção das interferências políticas e militares ao redor do globo. O editorial apontou para uma "estranha metamorfose" dos ideais e objetivos dos conservadores, onde antes havia a defesa de um isolacionismo pacífico, começou-se a traçar a linha da "guerra, caso necessário"; onde havia um clamor por um governo pequeno, se instaurou uma noção de um governo forte e bem equipado, capaz de manter a segurança nacional frente a ameaça soviética.

Era esse o discurso que a revista acusa como o responsável por solidificar o "consenso" na política norte-americana em torno dessa política externa operada durante a Guerra Fria, ao menos no que diz respeito as grandes representações partidárias e os grupos mais proeminentes da sociedade civil. Foi bastante frequente na revista a acusação de que esse estado permanente de guerra recebia

[99] EDITORIAL. *Cold War Revisionism, The Major Historical Task . Left and Right*, primavera de 1966.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

absoluto apoio da elite econômica do país, com o uso comum do termo "welfare-warfare State" para se referir ao governo dos Estados Unidos durante o período da Guerra Fria. Através da ótica libertária, a crítica estabelecida era a de que esse apoio viria em troca de uma maior regulação estatal na esfera econômica a favor desses grupos dominantes, com subsídios e privilégios. O que a *Left and Right* procurou fazer foi justamente relacionar essa diretriz da política externa com o fortalecimento de um Estado norte-americano cada vez mais autoritário e expansivo. Nesse sentido, a luta antiestatal, a principal causa dos libertários, também envolveria uma revisão do papel do governo estadunidense na Guerra Fria. Visão esta que deixaria de lado, pelo menos momentaneamente, a oposição com a esquerda. Não somente isso, mas elegendo o conservadorismo norte-americano como o adversário de primeira ordem, tendo em vista o papel importante que esse grupo detinha no acirramento do discurso de confronto durante a Guerra Fria. De forma estratégica, essa perspectiva permitia ao mesmo tempo a criação de pontes com a Nova Esquerda, através do estabelecimento de um adversário em comum, e o posicionamento da *Left and Right* como o produto da "verdadeira" tradição libertária isolacionista. Para isso, entretanto, se fazia necessário que as bases desse libertarianismo anti-imperialista e isolacionista fossem apresentadas, e os vínculos entre os intelectuais da revista com essa corrente de pensamento fossem estabelecidas. Portanto, nessa seção, nos deteremos na defesa feita pela revista da existência de uma tradição isolacionista e anti-imperialista entre os libertários.

O primeiro passo nesse esforço aconteceu com a apresentação de uma espécie de genealogia desse anti-imperialismo libertário, que ocorreu em dois artigos de Leonard Liggio, lançados de forma consecutiva no inverno e primavera de 1966, intitulados *Isolationism, Old and New*[100] e *Early Anti-Imperialism*[101]. Liggio propôs que a tradição do isolacionismo nos Estados Unidos era tão antiga quanto a própria formação da nação norte-americana, se caracterizando pela oposição ao imperialismo estadunidense, como implica o seguinte trecho:

> A oposição à tradição do imperialismo americano tem sido caracterizada como a tradição do "isolacionismo". Os estadistas da Revolução Americana foram os fundadores da tradição isolacionista americana, que combina o cosmopolitismo e

[100] LIGGIO, L. P. *Isolationism, Old and New. Left and Right*, inverno de 1966.
[101] LIGGIO, L. P. *Early Anti-Imperialism. Left and Right*, primavera de 1966.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> a cidadania do mundo com a rejeição de alianças políticas internacionais. [...] O credo isolacionista foi mantido pelos Jeffersonianos e Jacksonianos em sua oposição a exploração status quo internacional.[102]

É importante ressaltar, entretanto, que essa suposta oposição era um tanto quanto anacrônica. Isso porque a origem que Liggio atribuiu tanto para movimento isolacionista moderno quanto para o imperialismo norte-americano era coincidente, pois tem como marco inicial a guerra entre Estados Unidos e Espanha no final do século XIX[103]. Como seria, portanto, a geração da revolução americana anti-imperialista cem anos antes do marco que o próprio Liggio estabelece como o início do imperialismo estadunidense? Principalmente pelo fato de que, com raríssimas exceções, a expansão para o Oeste e a guerra contra o México geraram nenhuma reação daqueles influenciados pela suposta tradição anti-imperialista da revolução americana. Com isso, podemos supor que o anti-imperialismo, tal qual colocado por Liggio, apesar de estabelecer relação com ideais políticos pregressos, como o isolacionismo, que de fato remontam a revolução americana, não se desenvolveu até o ultimo quartel do século XIX.

Dessa maneira, o advento desse isolacionismo anti-imperialista apareceu com a guerra hispano-americana, representado por um modesto movimento que deu origem a Liga Anti-Imperialista Americana[104]. A liga foi formada no contexto das anexações operadas após a guerra, que colocaram na ordem do dia questionamentos sobre o futuro da política externa norte-americana e seu expansivo crescimento para além de suas fronteiras continentais na América do Norte. Apesar de a expansão territorial não ser nenhuma novidade, tendo em vista que a história dos Estados Unidos está inteiramente ligada ao progressivo crescimento territorial através de guerras e aquisições, as anexações de 1898

[102] "The opposition to the tradition of American imperialism has been characterized as the tradition of "isolationism". The statesmen of American Revolution were the founders of the American isolationist tradition, which combines cosmopolitanism and citizenship of the world with rejection of international political alliances [...] The isolationist creed was maintained by the Jeffersonians and Jacksonians in their opposition to international status quo exploitation." LIGGIO, L. P. op. cit., p. 20.

[103] A guerra hispano-americana ocorreu no ano de 1898, e teve fim com a vitória do lado norte-americano. Os conflitos foram impulsionados por movimentos insurgentes nas colônias insulares da Espanha na América Central e nas Filipinas.

[104] A *American Anti-Imperialist League* foi fundada em 1898, no contexto da guerra hispano-americana, em oposição a política externa norte-americana que tomava características imperialistas. Inicialmente, se tratavam de diversas ligas espalhadas por várias cidades do Estados Unidos. Elas se unem em uma só liga em 15 de junho de 1898. Sobre a Liga Anti-Imperialista, ver o breve artigo de Jim Zwick. ZWICK, J. *The Anti-Imperialist League and the Origins of Filipino-American Oppositional Solidarity*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

ultrapassaram, para alguns norte-americanos, uma linha distintiva: se tratava de um caminho sem volta para a constituição de uma política externa imperialista. Foi com os indivíduos desconfortáveis com essa situação que a Liga Anti-Imperialista engrossou as suas fileiras.

A principal intenção desses grupos era denunciar o caráter agressivo e imoral que parecia tomar conta da sociedade e do governo norte-americano em respeito às suas relações exteriores, algo especialmente evidenciado pelo caso filipino. O saldo da guerra para o povo filipino foi bastante negativo. Em oposição a independência almejada, o que ocorreu foi que o governo dos Estados Unidos tomou o lugar da Espanha como a nação estrangeira dominante. O problema mais grave, entretanto, foi a forma como ocorreu essa transição. O principal aliado norte-americano no conflito contra a Espanha era justamente o movimento independentista do arquipélago filipino, que ao final do conflito sofreu uma amarga traição por parte do governo estadunidense, tendo em vista que a independência da região não foi alcançada. Para os anti-imperialistas, se tratou basicamente de uma emboscada preparada pelo governo dos Estados Unidos, que agia, argumentavam, na contramão do que consideravam ser os valores fundamentais que formaram a política norte-americana. Isto é, a ideia da liberdade dos povos para estabelecer a sua própria forma de governo, algo que estaria conectado com a principal motivação dos colonos na guerra de independência dos Estados Unidos. A imagem retórica, portanto, era que o governo estadunidense estaria agindo de forma tão arbitrária e tirânica quanto o governo inglês com relação as treze colônias. Dessa forma, a contradição residia no fato de que o governo norte-americano estaria traindo esses valores fundamentais ao manter uma ocupação imoral em território Filipino. Com base nesse entendimento, as ligas atuaram de maneira a se opor ao imperialismo, advogando por uma política externa focalizada no isolacionismo.

> A Liga Anti-Imperialista Americana foi fundada como um protesto contra o militarismo e os pesados impostos na pátria e as agressões no exterior; considerava o imperialismo ruim pois negava a liberdade e a autodeterminação de forma igualitária tanto em sua terra natal quanto no estrangeiro. A liga anti-imperialista americana sustentava que, se havia alguma traição, ela consistia no apoio as ações imperialistas do governo dos EUA e não a oposição a elas; sustentava que era o governo dos EUA que havia introduzido a guerra civil na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> vida americana, não aqueles que se opunham à traição dos ideais fundamentais do povo americano.[105]

As pautas da Liga não se limitavam aos assuntos da política externa, mas também tocavam em diversos pontos da política doméstica, em grande medida com uma preocupação econômica. As fileiras da Liga tinham um número expressivo de indivíduos ligados ao mundo dos negócios, diversos de orientação liberal. Contrapor a política imperialista do governo norte-americano não era somente para evitar que ele se tornasse cada vez mais autoritário, mas também para evitar que gastasse cada vez mais dinheiro com as guerras e as ocupações em terras estrangeiras, deixando de lado as reformas e mudanças necessárias no âmbito interno. Essa preocupação ficou um pouco mais evidente quando Liggio recorreu a trajetória de um libertário bastante atuante na Liga e um dos principais representantes do anti-imperialismo nos Estados Unidos desse período, Edward Atkinson[106]. Atkinson fazia parte dessa larga tradição de individualistas do século XIX, que como vimos, comportava nomes como Lysander Spooner. Teve atuação ativa em organizações abolicionistas, se tornou um grande crítico da política adotada no período da reconstrução ao argumentar que o governo dos Estados Unidos havia traído a população negra, pois restringia o acesso a direitos civis básicos como, em especial, os de propriedade. Atkinson era um grande defensor do livre mercado, muito conectado as ideias de Frédéric Bastiat. Dessa forma, sua oposição ao imperialismo estadunidense vinha acompanhado de uma certa postura crítica com a crescente participação do governo no campo econômico através de tarifas, subsídios e privilégios.

A atuação mais notável de Atkinson na Liga foi a tentativa de envio de diversos panfletos contrários a ocupação nas Filipinas para soldados e comandantes em campo. O material foi apreendido pelos correios e gerou uma acusação formal contra Atkinson por traição e sedição, que acabou não sendo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

[105]"The American Anti-Imperialist League was founded as a protest against militarism and heavy taxes at home and aggression abroad; it held imperialism to be evil because of its denial of liberty and self-determination equality at home and abroad. The American Anti-Imperialist league held that if there was such a thing as treason, then it consisted of the support of imperialist actions of the U.S government and not opposition to them; it held that it was the U.S government that had introduced a civil war in American life, not those who opposed the betrayal of the fundamental ideals of the American people. " LIGGIO, L. P. *Early Anti-Imperialism. Left and Right*, primavera de 1966, p. 54.

[106] Edward Atkinson (1827 – 1905) era economista e foi um dos fundadores da *American Anti-Imperialist League*.

levada a frente pelo governo dos Estados Unidos. Tendo em vista a idade de Atkinson, o ato tornaria a sua prisão não somente em um símbolo de resistência, mas em pouco tempo poderia se tornar também um mártir. O que Liggio queria ressaltar, entretanto, era que a trajetória de Atkinson era bastante comum na Liga. Suas fileiras eram formadas de um grande número de indivíduos ligados a ideologia liberal. A Liga, dessa forma, seria o exemplo de uma instituição liberal anti-imperialista. A sua existência, porém, foi bastante curta. Com a chegada da Primeira Guerra Mundial e o apoio dado a entrada norte-americana no conflito, o grupo entrou em colapso em 1921[107].

Apesar do seu claro fracasso em dissuadir a América de sua política externa intervencionista, a Liga seria representante, para os libertários isolacionistas da *Left and Right*, da tradição histórica de um anti-imperialismo oriundo da direita norte-americana. Posteriormente, essa tradição seria desposada pelo conjunto de indivíduos da direita do início do século XX, que ficaram reconhecidos como a *Old Right*, da qual Rothbard e seus companheiros acreditavam ser herdeiros diretos. Ainda, a Revista trabalhava com uma correlação entre a experiência da Liga e do movimento isolacionista com os movimentos de contestação ao intervencionismo estadunidense durante a Guerra Fria, argumentando que se tratava de um eco da antiga tradição anti-imperialista norte-americana:

> A juventude americana anti-imperialista dos dias atuais está, sem ao menos perceber, seguindo uma grande tradição moderna de anti-imperialismo, inaugurada durante o florescimento do imperialismo dos EUA na época da guerra hispano-americana. Isso se aplica não apenas à oposição como um todo, mas também as táticas empregadas, como as agitações nas tropas norte-americanas contra o esforço de guerra. [...] Os Conservadores, fora de seu conflito irreconciliável com os libertários, reconhecem que o isolacionismo e o anti-imperialismo na política externa são o outro lado da moeda do "anarquismo" na política doméstica.[108]

[107] ZWICK, J. *The Anti-Imperialist League and the Origins of Filipino-American Oppositional Solidarity*, p.81.

[108] "The anti-imperialist American youth of today are, without realizing it, following in a great tradition of modern anti-imperialism inaugurated during the burgeoning of US imperialism at the time of the Spanish-American War. This applies not only to the opposition as a whole, but even to such tactics as agitating among US troops against the war effort. [...] For Conservatives, out of their irreconcilable conflict with libertarians, recognize that isolationism and anti-imperialism in foreign policy is but the other side of the coin "anarchism" in domestic affairs." LIGGIO, L. P. *Early Anti-Imperialism. Left and Right*, primavera de 1966, p.39.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Essa ideia aponta para uma das teses principais apresentadas pela *Left and Right*, a de que haveriam aspectos bastante semelhantes entre a *Old Right* e a Nova Esquerda, com especial destaque justamente para a visão da política externa dos Estados Unidos. Essa noção seria a base para a argumentação de que, no contexto da Guerra Fria, o principal representante do pensamento e da prática libertária era a Nova Esquerda, sendo necessário, portanto, a disputa desse campo para uma guinada à direita, em especial no campo econômico. Trataremos desse aspecto nas próximas páginas.

## 4.2
## A Nova Esquerda, Murray Rothbard e a *Left and Right*

À época da fundação da revista, em 1965, a Nova Esquerda era uma força emergente no cenário político norte-americano, com um foco bastante característico em movimentos da juventude, sobretudo no ambiente universitário. O *Berkeley Free Speech Movement*[109] de 1964 bem como as marchas contra a guerra do Vietnã, em abril de 1965, causaram grande reverberação na cena política dos Estados Unidos. Um desses impactos, podemos dizer, foi a própria criação da revista *Left and Right*. Na leitura feita pelo periódico e por Rothbard, o emergente movimento tinha diversas características que sugeriam uma inclinação para pautas individualistas (libertárias). Com isso, uma das finalidades explícitas da revista era apontar esses laços entre a Nova Esquerda e o libertarianismo.

Para entender exatamente como essa relação foi apresentada, devemos lembrar que um aspecto importante do pensamento rothbardiano era a noção de que haviam elementos extremamente radicais na ideologia liberal, como ficou claro em sua percepção sobre a história do liberalismo[110]. Esse radicalismo formava a essência do libertarianismo de Rothbard. Foi dele que derivava a irremovível consciência de que o Estado era um adversário das liberdades dos indivíduos, e que o seu fim era uma necessidade. O fator inusitado da teoria

[109] Referimo-nos ao combativo movimento estudantil ocorrido, à época, no campus da Universidade da Califórnia, em Berkeley. As pautas presentes eram bastante diversas como bem apontou James Patterson: "Some raged against poverty and racial discrimination, others (especially after the escalation of American involvement in Vietnam) against American foreign policies, others against the flaws universities themselves". PATTERSON, J. T. *Grand expectations: the United States, 1945 – 1974,* p.446.
[110] ROTHBARD, M. *Left and Right: The Prospects for Liberty*. *Left and Right*, primavera de 1965.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

política de Rothbard, por outro lado, era que esse anarquismo vinha acompanhado de uma fervorosa defesa do livre mercado. A explicação para a ausência dessa radicalidade no liberalismo contemporâneo teria ocorrido por conta do sequestro dessa radicalidade pela esquerda, aliado ao esquecimento desse importante aspecto pela direita que defendia o liberalismo.

Juntamente com a radicalidade ideológica que empunhava, Rothbard também carregava um certo apetite revolucionário. Diferentemente do aristocrático e desapaixonado tom de libertários como Albert Jay Nock, acreditava que o combate ao Estado e ao pensamento estatista deveria ser levado como um projeto tão radical quanto possível, dependendo somente da capacidade de organização e ação desses libertários em levar essa oposição até a últimas consequências. Nesse sentido, o papel revolucionário que deveria desempenhar o libertário era o de uma radical oposição a qualquer limitação da liberdade dos indivíduos. Essa característica possibilitou Rothbard enxergar nos movimentos iniciais da Nova Esquerda a possibilidade de um levante dessa natureza. Para ele, os inconformados dos anos 60 eram sintomas de um progressivo desconforto com o próprio Estado norte-americano.

A revista *Left and Right*, partindo dessas ideias, foi a aposta de Rothbard em uma linha política completamente inversa do que fazia a esmagadora maioria da direita da Guerra Fria. Partindo da noção de que as categorias de esquerda e direita não mais representavam corretamente os desafios que o libertarianismo encontrava a sua frente, apostou que havia algo na Nova Esquerda de especialmente novo para o pensamento radical e individualista norte-americano, que talvez pudesse ser guiado ou influenciado rumo ao libertarianismo. A capacidade de levar a frente causa comum com aqueles que, em qualquer outro contexto seriam adversários, não parecia ter nenhuma restrição para Rothbard e seus companheiros de revista. Talvez o mais elucidativo exemplo dessa característica foi o caso da pitoresca nota editorial comentando a morte de Ernesto Che Guevara:

> Che está morto, e todos nós lamentamos. Por quê? Como é que tantos libertários lamentam a morte desse homem; como é que recebemos uma carta de um brilhante jovem libertário, um ex-objetivista e ex-seguidor da John Birch Society, que dizia o seguinte: " se eles finalmente entendessem Che... Eu tenho certeza que a sua memória viverá a assombrar a América Latina e os EUA nas décadas que virão. Vida longa ao Che! " Por quê? Certamente não era devido ao fato de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> Che ser um comunista. Poucas pessoas nesse país ou em qualquer outro lugar lamentarão a morte, por exemplo, de Brejnev, de Kossygin ou Ulbricht, todos líderes comunistas. Não, certamente não foram os objetivos comunistas de Che que o tornaram um exemplo e uma lenda em todo o mundo, e também para a Nova Esquerda desse país.
> O que fez de Che uma figura tão heroica para o nosso tempo é que ele, mais do que qualquer outro homem de nossa época e até desse século, foi a personificação do princípio da Revolução. Mais do que qualquer outro homem desde o amável, mas totalmente ineficaz, anarquista russo do século XIX, Mikhail Bakunin, Che recebeu o título de "revolucionário profissional". E, além disso, parafraseando Christopher Jenckes, em um artigo recente bastante perceptivo no *New Republic*, todos nós sabíamos que o seu inimigo era o nosso inimigo – aquele grande Colosso que oprime e ameaça todos os povos do mundo, o imperialismo norte-americano. [111]

Ao que tudo indica, Rothbard e seus companheiros não tinham nenhuma reserva ideológica ou política em apoiar, endossar e participar de qualquer esforço que pudesse, de alguma maneira, levar a frente a luta contra o Estado. Dessa forma, a radicalidade do libertarianismo exposto na *Left and Right* foi o principal meio com o qual tentaram a aproximação com a Nova Esquerda. Por essa razão, a relação que a revista manteve com o pulsante movimento que animou a política estadunidense dos anos 60 não foi exatamente o de uma aliança, mas da interpretação de que se tratava de um movimento com características ligadas ao libertarianismo. Para melhor elucidação da visão tanto de Rothbard como da *Left and Right*, nos deteremos no trabalho de análise operado por Rothbard nos anos iniciais do movimento, trabalho esse que girou em torno da tentativa de buscar e ressaltar essas características libertárias da Nova Esquerda, aquelas que potencialmente se encaixavam no libertarianismo. O principal texto nesse sentido foi *Liberty and the New Left*[112], publicado no outono de 1965. Um dos argumentos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

[111] " Che is dead, and we all mourn him. Why? How is it that so many libertarians mourn this man; how is it that we just received a letter from a brilliant young libertarian, a former objectivist and Birchite, which said, in part: "if they did finally get Che… I am sure that his memory will live to haunt both Latin America and the U.S for decades to come. Long live Che!" How come? Surely not because Che was a Communist. Precious few people in this country or anywhere ever will mourn the passing, for example, of Brezhnev, Kosygin, or Ulbricht, Communist leaders all. No, it is certainly not Che's Communist goals which made his name a byword and a legend throughout the world, and throughout the New Left in this country.
What made Che such a heroic figure for our time is that he, more than any man of out epoch or even of our century, was the living embodiment of the principle of Revolution. More than any man since the lovable but entirely ineffectual nineteenth-century Russian anarchist, Mikhail Bakunin, Che earned the title of "professional revolutionary". And furthermore, to paraphrase Christopher Jencks in a recent perceptive, if wrongheaded, article in the New Republic, we all knew that his enemy was our enemy – that great Colossus that oppresses and threatens all the peoples of the world, U.S imperialism" EDITORIAL. *Ernesto Che Guevara, R.I.P. Left and Right*, outono de 1967, p.3.

[112] ROTHBARD, M. *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965.

mais importantes do texto era que a causa das liberdades individuais nos Estados Unidos havia se transferido da *Old Right* norte-americana para a Nova Esquerda, como evidencia o seguinte trecho:

> Não é de admirar, que, confrontado com o espectro deste Leviatã, muitas pessoas dedicadas à liberdade do indivíduo se voltaram para a direita, que parecia oferecer uma base para salvar o indivíduo desse vigoroso pântano. Mas a direita, ao abraçar o militarismo e o imperialismo americano, assim como a brutalidade policial contra a população negra, enfrentou as questões mais importantes de nosso tempo... e saiu diretamente ao lado do Estado e contra o indivíduo. A tocha da Liberdade contra o *Establishment*, portanto, passou para a Nova Esquerda.[113]

No calor dos acontecimentos, parecia para Rothbard que o levante da Nova Esquerda trazia para a realidade estadunidense a radicalidade que tanto animava a sua teoria política. Interpretava que era possível que esse contexto pudesse levar a um ambiente mais favorável ao campo do libertarianismo, através, principalmente, de sua causa comum com a prática e teoria de confronto ao Estado e ao *Establishment*. Certamente, a juventude rebelde dos anos 60 seria muito mais receptiva as teses radicais do libertarianismo rothbardiano comparada com os seus antigos companheiros da direita. A leitura que Rothbard propôs era que essa receptibilidade poderia ser explicada pelo seguinte motivo: a tese de que a Nova Esquerda assumiu o local de oposição que anteriormente era ocupado pela *Old Right*. A seguir, ele estava se referindo a defesa das pautas individualistas e a posição contrária às agressões internacionais operadas pelo governo dos Estados Unidos:

> O povo, então, estava sujeito ao papel passivo e manipulado, imposto pela Velha Esquerda, de marcar as suas cédulas de vez em quando: e com essa estrutura, o Estado e a burocracia tinham carta branca -- especialmente O Presidente, que em sua majestade e com a sua periódica vitória nas urnas era o modelo ideal da Social-Democracia. Portanto, o planejamento da economia na política interna, e a intervenção em nome da "segurança do coletivo" nos assuntos e guerras de todo mundo ao redor do globo.[114]

[113]"It is no wonder then that, confronted by the spectre of this Leviathan, many people devoted to the liberty of the individual turned to the Right-wing, which seemed to offer a groundwork for saving the individual from this burgeoning morass. But the Right-wing, by embracing American militarism and imperialism, as well as police brutality against the Negro people, faced the most vital issues of our time... and came out squarely on the side of the State and against the person. The torch of liberty against the Establishment passes therefore to the New Left." ROTHBARD, M. *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965. p. 37-38.

[114] "The people, then, were consigned by the Old Left to the passive and manipulated role of marking their ballots every once in a while: and within that framework, the State and the bureaucracy were to have carte blanche – especially The Presidente, who in his majesty and his

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

Nesse sentido, a tarefa que Rothbard se colocava era de encontrar no movimento da Nova Esquerda essas compatibilizações com a *Old Right* norte-americana. Uma delas, seria a crítica as inconsistências da democracia estadunidense. Algo, como vimos em Jay Nock, comum na *Old Right*. Rothbard parte da ideia de que a democracia representativa estadunidense era uma mera ferramenta com a qual os grupos econômicos e políticos mais proeminentes se mantinham no poder. Apesar de sua defesa da iniciativa privada, manteve um posicionamento bastante crítico sobre a relação entre grupos empresariais e o Estado. Um exemplo desse posicionamento foram os ataques direcionadas na revista à associação patronal *National Association of Manufacturers* (NAM)[115]. O editorial em questão repercutiu uma reportagem de Murray Kempton para o *The New Republic*, publicado em 18 de dezembro de 1965, sobre a convenção da NAM daquele ano. Para Rothbard e seus companheiros, a convenção deixou bastante claro os problemas que existiam na relação muito próxima entre grupos empresariais e o governo norte-americano. O tom narrativo adotado no periódico era, convenientemente, semelhante ao que defende ter acontecido com o restante da direita dos Estados Unidos: a de que a NAM tinha passado de uma linha política alinhada à *Old Right*, e que que segundo os autores "costumava se preocupar em denunciar os abusos estatais sobre a vida dos indivíduos", para um posicionamento mais alinhado com os interesses daquele que se tornou o seu principal cliente, o complexo industrial-militar do governo norte-americano, sucumbindo à defesa de um Estado corporativo e centralizador. Ainda, o editorial deu destaque a participação de um estudante ligado a *Students for a Democratic Society* (SDS) na convenção, ao qual atribuiu a cobrança feita por um posicionamento mais incisivo da organização para com a defesa das liberdades individuais[116].

A convenção da NAM, para os autores da *Left and Right*, seria uma evidência de que esses grupos economicamente poderosos caminhavam para a promoção e manutenção de um Estado capitalista, nacionalista e corporativista. O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

---

periodic victory at the ballot box was the beau ideal of Social Democracy. Hence, the planning of the economy at home, and of "collective security" intervention into everyone's affairs and wars all over the world" Ibid., *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965, p. 37.

[115] EDITORIAL. *SDS: The New Turn. Left and Right*, inverno de 1967.

[116] EDITORIAL. *Old Right/New Left. Left and Right*, inverno de 1966, p.3 - 7.

aspecto capitalista não era exatamente visto como um empecilho, mas o problema principal que tentavam ressaltar era o caráter corporativista que havia dominado, segundo os próprios, a sociedade norte-americana. Para Rothbard e seus companheiros, era um jogo de cartas marcadas, em que todos os principais projetos disponíveis, por exemplo, representavam somente gradações diferentes da mesma coloração estatista.

A partir disso, Rothbard defende que o processo descentralizador da democracia participativa da Nova Esquerda seria ao mesmo tempo uma crítica a essa "falácia" representada pela democracia representativa e uma resposta apontando para novas possibilidades de organização. A utilização da democracia participativa nas diversas instâncias da Nova Esquerda foi recebida com bastante entusiasmo por Rothbard:

> A principal contribuição da Nova Esquerda, tanto dos meios quanto dos fins, assim como a forma mais direta de confronto a antiga esquerda é a concepção da "democracia participativa". Em um sentido amplo, a ideia de "democracia participativa" é profundamente individualista e libertária: pois significa que cada indivíduo, mesmo o mais pobre e humilde, deve ter o direito ao controle total das decisões que afetam a sua própria vida. Democracia participativa é ao mesmo tempo, (aqui, novamente, trazendo um aprofundamento para o pensamento social), uma teoria política e uma teoria de organização, uma abordagem para os assuntos políticos e a forma como as organizações da Nova Esquerda (ou qualquer outra organização) deveriam funcionar.[117]

A prática e teoria desse modelo de organização da Nova Esquerda seria, nesse contexto, uma resposta ao distanciamento entre o poder político, decisório do Estado e o povo. A estratégia discursiva adotada por Rothbard apelou para um discurso que visava antagonizar a política institucional como um todo, direcionando os seus ataques diretamente ao próprio Estado norte-americano, acusando o jogo político partidário de ser apenas um *mise en scène* para manter no poder a mesma burocracia estatal, atendendo aos mesmos interesses corporativistas. A base dessa noção era a interpretação do Estado como uma

[117] "The crucial contribution to both ends and means by the New Left as well as its most direct form of confrontation with the Old Left is the concept of "participatory democracy". In the broadest sense, the idea of "participatory democracy" is profoundly individualist and libertarian: for it means that each individual, even the poorest and the most humble, should have the Right to full control over the decisions that affect his own life. Participatory democracy is at the same time, (here again bringing a profoundly new dimension to social thought), a theory of politics and a theory of organization, na approach to political affairs and to the way New Left organizations (or any organizations, for that matter) should function" ROTHBARD, M. *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965, p. 38.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

entidade inerentemente imoral, que não tinha nenhuma outra função a não ser diminuir as liberdades de sua população. Como já visto, para Rothbard, não havia literalmente nada que o Estado pudesse oferecer que também não pudesse ser igualmente oferecido pela iniciativa privada, mesmo se tratando de atribuições clássicas como a ministração da justiça, serviços de emergência e policiamento. A dicotomia entregue por essa perspectiva era bastante próxima a oposição entre Poder Social e Poder Estatal de Nock, em que qualquer Estado, mesmo que mínimo, já representava por sua mera existência um risco para a plena liberdade dos indivíduos. Sendo assim, a rebeldia da juventude da Nova Esquerda parecia para libertários como Rothbard uma verdadeira rebelião contra os limites da democracia representativa, acusando-a de representar apenas uma ferramenta para suavizar o distanciamento entre a população e o seu governo, entregando uma aparência de participação popular.

Uma outra marca da atuação da Nova Esquerda, herdada da experiência na luta pelos direitos civis, era a estratégia da desobediência civil. Aqui também houve, para Rothbard, uma prova das relações entre a Nova Esquerda e o libertarianismo. O exemplo utilizado para estabelecer essa relação, contudo, parece um tanto quanto exagerado. Rothbard sugeriu que a desobediência civil era uma prática ligada ao libertarianismo, pois foi formulada e popularizada através de um nome muito importante do pensamento individualista norte-americano do século XIX, Henry David Thoreau. O que tornava essa correlação um tanto quanto exagerado eram dois fatores. O primeiro, era que seria um grande equívoco supor que Thoreau poderia estar diretamente ligado ao libertarianismo. De fato, se tratava de um libertário, mas isso não significa de nenhuma forma que o autor abraçava todo o restante do programa político do libertarianismo, ele sequer existia na época em que escrevia. De fato, pode-se argumentar que, se não fazia parte diretamente do libertarianismo, Thoreau influenciou diversos autores importantes dessa corrente política. O que de fato ocorreu, mas nos leva ao segundo ponto. Por se tratar de uma estratégia que tinha como alvo expor a imoralidade de determinada lei ou conjunto de leis, ela poderia ser utilizada por qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos que por alguma razão entendessem que determinada legislação deveria ser desafiada. Isso não significava, de nenhuma forma, que todos esses grupos ou indivíduos eram libertários. De toda forma, a adoção da desobediência civil como estratégia representava, para Rothbard, um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

exemplo de oposição direta e radical a quaisquer que fossem as imoralidades do Estado. Por essa razão, ao comentar as consequências que adoção a da desobediência civil causou na Nova Esquerda, o tom de Rothbard foi apologético:

> A Nova Esquerda aprendeu muitas lições com essa experiência [o uso da desobediência civil]. Aprendeu que, moralmente, o argumento "democrático" era uma farsa: leis injustas merecem ser desobedecidas. E aprendeu que, estrategicamente, a estrutura de leis injustas só pode ser destruída quando homens determinados, mesmo que sejam uma minoria, saem as ruas ansiosos e dispostos para desafiá-los. A Nova Esquerda aprendeu da forma mais difícil a importância de um antigo slogan revolucionário: "encha as cadeias!" Aprendeu que a intensidade do comprometimento e a vontade de agir sobre esse comprometimento são bem mais importantes, moralmente e estrategicamente, do que a mera passividade de ir até as urnas e marcar um "X" no curso de alguns anos. Para ser franco, a Nova Esquerda é um movimento de heróis.[118]

A adoção desses métodos também expressava a radicalização que a ascensão da Nova Esquerda representou para algumas pautas, como por exemplo a oposição aos conflitos da Guerra Fria. O principal ponto de destaque era que os grupos diretamente ligados Nova Esquerda pediam a imediata retirada dos Estados Unidos da guerra, de forma unilateral. Diferentemente de movimentos anteriores, que focavam a sua atenção na ação mais institucionalizada, buscando pressionar de forma tímida para que o governo norte-americano iniciasse negociações para finalizar o conflito. A Nova Esquerda fazia essa demanda através de grandes mobilizações em todo território estadunidense. Essa mudança foi crucial para o movimento antiguerra ganhar um formato muito mais robusto, se intensificando após o incidente de Tonkin e a posterior escalada americana no conflito do Vietnã. Para Rothbard, essas demandas mais extremas, como a retirada imediata das tropas, era um reflexo de que a oposição da Nova Esquerda aos conflitos dos Estados Unidos ia muito além de um simples pedido de paz, mas também se tratava de uma denúncia da atuação imperialista do governo norte-americano. Como deixa claro no seguinte trecho:

[118] "The New Left learned many lessons from this experience [civil disobedience]. It learned that, morally, the "democratic" argument was a sham: that unjust laws deserve to be broken. And it learned that, strategically, the structure of unjust laws can only be smashed when determined men, even if they be a minority, take to the streets eager and williang to defy them. The New Left has learned the hard way the importance of the old revolutionary slogan: "fill the jails!" It learned that intensity of commitment and willingness to act on that commitment is far more improtant, morally and strategically, than the mere passive willingness to toddle down to the ballot box and mark na "X" every few years. To be blunt about it, the New Left is a movement of heroes." ROTHBARD, M. *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965, p. 42.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> Dessa falência total do movimento americano de paz, começou a emergir um outro movimento verdadeiramente radical, ligado a Nova Esquerda, dedicado às oposições ao alistamento e à resistência ao imperialismo americano [...] Na primavera de 1964, foi formado o movimento *May 2nd*, especificamente dedicado para a oposição à guerra americana no Vietnã e, mais geralmente, contra a etiologia da guerra no imperialismo americano; aqui, em suma, havia um movimento estudantil anti-imperialista radical que não considerava a sua função aconselhar o Departamento de Estado sobre a melhor forma de manter a presença americana no Vietnã. Considerou a sua função assumir uma oposição moral a todo envolvimento americano, passado, presente e futuro.[119]

Com isso, se consolida a noção alentada por Rothbard, como exposto por Liggio, de que a Nova Esquerda americana fazia parte de uma longa tradição anti-imperialista, o que seria a política externa mais "anarquista" dentre aquelas presentes na cena política norte-americana. De fato, na história do pensamento individualista norte-americano não são raros os exemplos da adoção de uma política externa não-intervencionista. Podemos citar, por exemplo, o caso da oposição de Henry David Thoreau à guerra norte-americana contra o México, a formação da Liga Anti-Imperialista Americana e a grande tradição isolacionista na *Old Right*. Essa provavelmente era a pauta que mais aproximava o libertarianismo da Nova Esquerda, tendo em vista que boa parte de sua análise política estava baseada em princípios parecidos.

Rothbard também procurou enxergar aspectos libertários em uma outra frente da Nova Esquerda, a luta antirracista. Ele supôs que a Nova Esquerda era responsável pela transição de uma luta mais institucionalizada para a ação direta, como aponta no seguinte trecho:

> Assim, concentrando-se em áreas em que a população negra sofre opressão do Estado controlado pelos brancos, a Nova Esquerda transformou o movimento negro fundamentalmente estatista em um movimento fundamentalmente libertário – e ao fazer isso, ficou muito mais alinhado ao principais objetivos e desejos da população negra. A Nova Esquerda entendeu muito bem o papel chave que a brutalidade policial tem para a população negra; pois, em seus próprios

[119] "From this total bankruptcy of the American Peace movement, there began to emerge a truly radical, New Left- type of movement, devoted characteristically to opposition to war and conscription through resistance to American imperialism. [...] In the spring of 1964, the May 2nd Movement was formed, dedicated specifically to opposition to the American war in Vietnam, and more generally to the etiology of the war in American imperialism; here, in short was a radical anti-imperialist student movement that did not consider its function that of advising the State Department how best to preserve the American presence in Vietnam. It considered its function that of taking a moral stand in opposition to the whole American involvement, past, present, and future." Ibid., p. 49.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> confrontos com o Estado, também sentiu ao menos um pouco o que essa população vivencia diariamente.[120]

O que parece, à primeira vista, um argumento um tanto quanto contraditório, tendo em vista que linhas antes o autor havia atribuído a estratégia da desobediência civil justamente a experiência do movimento pelos direitos civis. No ano em que esse artigo de Rothbard foi publicado, em 1965, já se fazia algum tempo que o movimento pelos direitos civis agitava a cena política norte-americana. Desde então, com as mobilizações, protestos e a grande mudança cultural que transcorria durante a luta contra a segregação, era impensável afirmar que se tratava de um movimento preso as amarras da luta institucional. Nesse sentido, não teria lógica alguma atribuir a Nova Esquerda o ato de ter transformado a luta da população negra norte-americana. Ao que tudo indica, a leitura de Rothbard era que o movimento pelos direitos civis não passava de uma seção do todo que era a Nova Esquerda. Talvez, por se tratar de eventos ainda bastante recentes no momento da análise de Rothbard, a distinção exata entre esses dois fenômenos ainda não estava evidente. De todo modo, o assunto é pouco mencionado na revista, o que dificulta uma análise mais aprofundada dos motivos para esse equívoco.

Por último, a análise de Rothbard tratou da temática da educação, em especial pelo fato de que a Nova Esquerda tinha um papel importantíssimo nas universidades. O fio condutor para a sua narrativa foram os eventos iniciados em Berkeley no ano anterior, que evidenciaram a insatisfação da juventude universitária da época. Embarcou completamente na narrativa moldada pelos estudantes insatisfeitos, apontando também para as contradições da educação universitária estadunidense. Em sua análise, as universidades norte-americanas havia se resumido a grandes "fábricas", responsáveis por levar uma "crescente massa de jovens para as universidades a fim de treina-lo em conformidade e uniformidade, para ocupar de forma dócil os seus devidos lugares no gigantesco

[120]"Thus, by focusing on areas in which the white-run State oppresses the Negro people, the New Left has transformed the Negro movement from a basically statist into a basically libertarian movement – and by doing so, has come much more into alignment with the central aims and desires of the Negro masses themselves. The New Left can well understand the key role for the Negro people of the issue of police brutality; for, in its own confrontations with the State, it too has felt at least a taste of what the Negro masses have been experiencing all their lives." ROTHBARD, M. *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965, p.46.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

complexo militar."[121] A imagem retórica a qual Rothbard se referia, a ideia das universidades americanas como fábricas de produção em massa, era exatamente igual àquela que ficou imortalizada no famoso discurso de Mario Savio[122], uma das lideranças da revolta estudantil em Berkeley. Aqui, também, Rothbard extrapolou essa crítica para utilizar como munição contra a instituição do Estado. Denunciou que as universidades não eram o limite dessa poderosa "máquina", mas que se tratavam de um microcosmo exemplar de toda a sociedade norte-americana. Essa ideia sugeria que, para além das universidades, o Estado trabalharia com diversas instituições (exército, polícia etc) com a finalidade de domesticar os indivíduos.

Ao final de sua análise, Rothbard confirmou que os fatores que acreditava aproximarem a Nova Esquerda do libertarianismo eram os seus adversários, como o autoritarismo, o imperialismo e, em algum sentido, os conservadores. Entretanto, essa visão somente permaneceu na medida em que Rothbard fracassou em apreender os rumos ideológicos que a Nova Esquerda havia adotado. Como podemos aferir no seguinte trecho:

> Se, então, a Nova Esquerda é radical, individualista e militante, qual é o conteúdo de sua ideologia, quais políticas ela defende? É verdade que a Nova Esquerda não desenvolveu nenhuma ideologia de forma sistemática, uma visão coerente de sociedade que aspirem criar. [...] Mas essa completa falta de uma ideologia desenvolvida é completamente compreensível: esse é um movimento novo, jovem, arrebatador, que está aprendendo; e, além disso, essa frouxidão pode até ser uma vantagem, pois o resultado tem sido uma saudável recusa de se envolver em antigas intrigas, sobre quem traiu quem em 1938, etc. que tem sido um crônico tormento dos movimentos radicais nesse país.[123]

Apesar da afinidade quanto aos inimigos, existiam alguns desencontros cruciais entre o libertarianismo e a Nova Esquerda. Ou melhor, um grande abismo

[121]"Increasing masses of young men and women into college to train them in uniformity and conformity, and to take their due and uncomplaining places in the gigantic military-complex" ROTHBARD, M. *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965, p.53.

[122]O discurso foi proferido no Sproul Hall, em Berkeley. Savio compara a administração da universade à operação de uma "máquina", na qual os estudantes são a matéria-prima. Em revolta, sugere que os estudantes se rebelem contra a situação e ataquem as "engrenagens" desse Sistema.

[123] "If, then, the *New Left* is radical, individualistic and militant, what is the content of its ideology, what policies does it advocate? Here it is true that the *New Left* has not worked out a systematic ideology, a coherent vision of the society it wishes to bring into being. [...] But this lack of a totally developed ideology is perfectly understandable: this is a movement new, young, gripping, learning; and, furthermore, this looseness is even an advantage, for the result has been a healthy refusal to worry about all the old squabbles, about who betrayed whom in 1938, etc. that have chronically plagued radical movements in this country." ROTHBARD, M. *Liberty and the New Left. Left and Right*, outono de 1965, p. 43.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

que parece ter sido ignorado, de forma proposital ou não, por Rothbard. Esse abismo consistia na política econômica defendida pela esmagadora maioria daqueles envolvidos com a Nova Esquerda, que era o extremo oposto da solução apresentada pelo libertarianismo. No ano de 1965, entretanto, Rothbard parecia acreditar que existia a possibilidade de um desfecho diferente:

> Em suas lutas concretas contra a opressão centralizada, a juventude militante da Nova Esquerda está avançando, em grande parte de maneira involuntária, mas mais consciente através do trabalho de alguns de seus melhores pensadores, em direção a uma visão de futuro com a máxima expansão possível dos ideais de liberdade, independência e democracia participativa: o livre mercado em uma sociedade livre.[124]

Nos anos seguintes, ficou bastante claro que essa distância parecia ter tomado uma curva sem volta, o que pode explicar o fato de a Nova Esquerda ter progressivamente sumido do periódico. Ela somente volta a revista de forma direta em outras duas ocasiões, dois editoriais, um dedicado a discutir o futuro da SDS[125] e o outro comentando as ações de Ronald Reagan, então governador da Califórnia, em relação ao movimento universitário em Berkeley.

O entusiasmo da *Left and Right* com a Nova Esquerda americana pode ser explicado pelo fato de que a revista vivenciou alguns dos primeiros passos de diversos dos mais importantes movimentos da Nova Esquerda, que no calor do momento, geraram o tipo de reação que vimos estampada no periódico. Uma análise contínua da revista sugere que, durante a sua breve existência, claramente esse entusiasmo foi resfriando, talvez se constituindo como um dos fatores que levou ao precipitado fim da revista.

## 4.3
## A crítica ao conservadorismo

Na perspectiva de Rothbard, como vimos, a verdadeira oposição à liberdade e ao liberalismo radical era o conservadorismo, e não o socialismo. Uma

[124]In their concrete struggles against centralized oppression, the young militants of the New Left are moving, largely unwittingly but more consciously in the work of some of its advanced thinkers, toward a vision of the future that is the fullest possible extension of the ideals of freedom, independence, and participatory democracy: a free Market in a free society Liberty and New Left, de Murray Rothbard P. 67.
[125] EDITORIAL. *SDS: The New Turn. Left and Right*, inverno de 1967.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

das razões para esse afastamento do conservadorismo se deu na medida em que o programa em comum que era possível, a diminuição do Estado e a defesa do livre mercado, passou para o segundo plano na agenda conservadora. Segundo os conservadores, todo e qualquer meio deveria ser empregado na derrota do Comunismo internacional, incluindo um crescimento do aparato estatal e a adoção de políticas que restringiam a liberdade de seus cidadãos[126]. No entanto, para Rothbard, a defesa do anarquismo capitalista dependia, no terreno da política presente de sua época, do resguardo de uma política externa isolacionista, do afastamento do perigo de uma catástrofe nuclear através de um tom mais pacífico nas relações com o bloco socialista e o desmonte do permanente estado de guerra norte-americano.

Com essas pautas completamente antagônicas sobre a temática da Guerra Fria, a oposição com os conservadores parecia bastante natural. O afastamento de libertários como Rothbard dos chamados *Cold Warriors*, que se tornaram uma das vozes mais ativas da direita estadunidense da época, ocorria através da noção de que de toda a retórica conservadora em oposição ao bloco socialista não era somente desnecessária, mas completamente nociva para liberdade dos cidadãos norte-americanos e bastante perigosa pelo fato de que os Estados Unidos e a União Soviética tinham um poderoso arsenal nuclear. Como vimos anteriormente, para Rothbard, não havia qualquer necessidade de se elevar o tom contra o bloco socialista, pois o livre mercado e o tempo levariam esse regime à ruína. Esse argumento sugere a ideia de que o progresso da história da humanidade estava ao lado do livre mercado. Com isso, não faltavam motivos para o rompimento desse libertário com o campo conservador da direita norte-americana.

O editorial da publicação de inverno de 1966 deixou transparecer esse desconforto com o conservadorismo. Ao repercutir o aniversário de 10 anos da *National Review*, o principal veículo do ressurgimento conservador, o tom era crítico. Em um primeiro momento, o editorial constatou o fato de que a *National Review* se tornou a principal liderança da direita norte-americana dos anos 60, operando ao mesmo tempo uma grande transformação em direção ao novo conservadorismo. A *National Review* de William Buckley forjou uma poderosa

[126] Os exemplos principais utilizados eram: o crescimento ostensivo da indústria bélica norte-americana, tendo em vista a corrida armamentista contra a União Soviética e também o alistamento forçado, em face das incursões do exército norte-americano ao redor do mundo, principalmente na Guerra Vietnã.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

aliança entre diversas vertentes do conservadorismo estadunidense, no que ficou conhecido como fusionismo[127]. Entre estas vertentes, também se encontrava o libertarianismo, em que Rothbard e a *Left and Right* representavam uma exceção. O motivo para essa rápida ascensão, para os radicais libertários da *Left and Right*, foi por conta de uma carência de grandes lideranças intelectuais na direita dos Estados Unidos, local que naquele momento passa a ser ocupado pelos intelectuais ligados ao novo conservadorismo da *National Review*. Mais especificamente, sugeriram que faltava aos intelectuais da direita um espírito mais combativo em sua participação no cenário político, característica que não faltava a William Buckley e a sua revista:

> Nem são difíceis de encontrar as razões que permitiram que a NR assumisse o controle da direita. A direita na América nunca se distinguiu pela intensidade de sua vida intelectual; e os dispersos intelectuais que existiam à direita geralmente se limitavam à breve exposição de princípios gerais. Essa exposição é muito boa, mas dificilmente é suficiente para gerar um movimento ideológico robusto e independente. É nesse vácuo que se inseriu a National Review: espirituosa, polida, perspicaz, erudita e pronta para a batalha, semana após semana, ao menos contra a ala Liberal do Establishment. Não é de se surpreender que a NR tenha rapidamente alcançado a liderança da direita, que tenha inspirado a juventude e um movimento intelectual, e nem que a massa de direitistas estivesse irrefletidamente ansiosa para aceitar essa liderança.[128]

A constatação desse fenômeno de transformação foi seguida da exposição das principais objeções dos libertários da *Left and Right* ao novo conservadorismo, explicitando as razões que levaram a uma dissensão desse grupo de libertários do *mainstream* da direita estadunidense da Guerra Fria. Entre esses motivos principais estava não somente a política externa, mas também o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

[127] Fusionismo foi como ficou conhecido o esforço teórico de Frank Meyer em unir e compatibilizar as três principais vertentes da direita norte-americana: o tradicionalismo, o anticomunismo e o libertarianismo. Foi um passo essencial para possibilitar o ressurgimento conservador capitaneado pela *National Review.*

[128] "Neither are the reasons for the ease of NR's takeover of the Right-wing difficult to find. The Right-wing in America has never been distinguished for the intensity of its intellectual life; and those scattered intellectual that did exist on the right generally confined themselves to the brief exposition of general principles. Such exposition is all very well, but hardly suffices to generate a sturdy ideological, let alone a political, movement. Into this vacuum at the top, then, stepped National Review: witty, polished, glib, erudite, and ready to do battle, week in and week out, with at least the Liberal wing of the Establishment. It is then not surprising that NR quickly leaped to the leadership of the Right-wing, that it inspired a youth and an intellectual movement, nor that the mass of rightists were unreflectively eager to accept that lead." EDITORIAL. *New Right: National Review's Anniversary. Left and Right*, inverno de 1966, p.8.

apoio explícito do novo conservadorismo ao autoritarismo do governo dos Estados Unidos na política doméstica:

> E podemos, por exemplo, imaginar o Senador Taft, líder político da *Old Right*, correndo para a defesa do regime fascista da África do Sul? Tampouco a transformação da Velha para a Nova Direita se limita às relações exteriores, embora seja a mais flagrante. Para uma direita que antes era pelo menos parcialmente dedicada à liberdade civil do indivíduo agora apresenta como candidato à prefeitura de Nova Iorque William F. Buckley, cujo a principal posição política foi denunciar todas as restrições libertárias ao poder policial e pedir, em essência, todo o poder a polícia.[129]

O editorial da revista acusou a *National Review* de trair alguns dos valores mais tradicionais da *Old Right* estadunidense, que entre seus componentes principais tinha a política isolacionista. Muito provavelmente Rothbard, como exemplificação dessa transição, procurou reanimar os desafetos com as disputas nos anos anteriores no interior do partido Republicano, relembrando as sucessivas derrotas do projeto do senador Taft nas primárias do partido, em contraposição ao crescimento paulatino do novo conservadorismo.

Além disso, o editorial sugeriu que a visão geopolítica do novo conservadorismo, absorto na necessidade de enfrentamento ao perigo comunista, tanto na política doméstica quanto no exterior, estava no centro das soluções autoritárias ou antiliberais apoiadas pelos conservadores, como o alistamento forçado para a guerra contra os Vietcongs, o apoio e manutenção de regimes autoritários anticomunistas ao redor do globo, ou mesmo na adoção de uma política econômica pouco compromissada com o livre mercado. Deste modo, a transformação impulsionada pela *National Review* foi apontada com bastante desaprovação pelo editorial da *Left and Right*, que sugeria que o novo conservadorismo era um dos principais adversários da causa da liberdade nos Estados Unidos, como manifestado no seguinte trecho:

> A National Review tem motivos para olhar para os últimos dez anos com orgulho. Ela realizou a maior parte do que se propôs a fazer: conseguiu transformar a Direita Americana, essencialmente, de um liberalismo antiquado

[129]"And can we for example, imagine Senator Taft, the political leader of the Old Right, rushing to the defense of the fascist regime of South Africa? Neither is the transformation from Old to New Right confined to foreign affairs, although there it is the most glaring. For a Right-wing that used to be at least partially devoted to the civil liberty of the individual now puts up as candidate for Mayor of New York City William F. Buckley, whose major political position was to denounce all libertarian restraints upon the police power and call, in essence, for all power to the police." Ibid, p. 12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> para um conservadorismo antiquado, com toda a devoção à guerra, a teocracia, o Estado policial, e o racismo que essa mudança implica. Conseguiu nomear um dos membros da Nova Direita como candidato à presidência por um dos partidos majoritários. Se o Grande Consenso do Centro vacilar em seu curso lento, mas seguro, para extirpar a liberdade da América, a NR e a Nova Direita estarão preparados para apresentar uma alternativa: terminar a tarefa de forma rápida e dramática. Para alguns de nós, esse tipo de "escolha" cresce muito e tem bastante "eco". Mas existem fortes sinais de que o Movimento Conservador atingiu seu pico em 1964 e vem declinando rapidamente desde então, e talvez possamos esperar uma celebração muito menos exuberante para o aniversário de quinze anos da *National Review.*[130]

Apesar do prognóstico quanto ao pico do movimento conservador e da própria *National Review* não ter se concretizado, como demonstrou a história política norte-americana dos anos posteriores a década de 1960, os libertários da revista apontaram com esse texto as motivações de sua cisão com o novo conservadorismo norte-americano. Além disso, também indicavam as vias com as quais tentaram forjar a aproximação com a Nova Esquerda: a pauta antiautoritária e a crítica à política externa norte-americana, em especial a Guerra do Vietnã.

A retórica de combate ao adversário comunista, uma das mais atraentes da américa da Guerra Fria, foi alvo de uma ácida resenha de Rothbard na *Left and Right* intitulada "*The Communist As Bogey-Man"*[131]. O objeto específico do texto era o discurso anticomunista de Frank S. Meyer, um dos mais importantes intelectuais da *National Review* e o principal responsável pelo fusionismo. Além de sua relevância para a cena política da época, a preocupação particular com Meyer por parte de Rothbard também poderia ser explicada por outras duas razões. A primeira é que se tratava de uma das vozes mais enfáticas e agressivas da direita norte-americana da Guerra Fria, o que para Rothbard suscitava uma certa ambiguidade, tendo em vista que se tratava de um dos editores mais libertários da *National Review*. Como Rothbard procurou demonstrar no texto,

[130]"National Review has reason to look back upon its ten years and be proud. It has accomplished most of what it set out to do: it has managed to transform the American Right from essentially old-fashioned liberalism to old-fashioned Conservatism, with all the devotion to war, theocracy, the State police, and racism that the change implies. It managed to nominate one of the New Right's very own as a major party presidential candidate. If the Great Consensus of the Center should falter in its slow but sure course of extirpating American freedom, NR and New Right stand ready to present us with a alternative: finishing the task quickly and dramatically. To some of us, this kind of "choice" is all too magnified and "echo". But there are strong signs that the Conservative Movement peaked in 1964 and has been declining rapidly ever since, and perhaps we can look forward to a rather less exuberant and gala celebration on National Review's fifteenth anniversary." EDITORIAL. *New Right: National Review's Anniversary. Left and Right*, inverno de 1966, p.13.

[131] ROTHBARD, M. "*The Communist As Bogey-Man". Left and Right*, primavera de 1967.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

existe uma incompatibilidade entre a defesa de uma "guerra ao comunismo" e a posição libertária. A segunda razão é que o anticomunismo militante de Meyer também vinha precedido de um outro fator interessante, o fato de se tratar de um ex-comunista. Durante anos Meyer foi um ativo militante do Partido Comunista dos Estados Unidos, se tornou inclusive uma liderança importante do partido. Ao se converter ao conservadorismo, adquiriu uma certa fixação pelo confronto com a sua antiga ideologia, no que Rothbard sugeriu ser o tópico central de sua inconsciência com o libertarianismo: "As inclinações libertárias de Meyer são fatalmente distorcidas pelo desejo insaciável de encarcerar e incinerar todos os comunistas, onde quer que estejam"[132]. A trajetória de Meyer não foi de nenhuma forma um ponto fora da curva, mas representante de um tipo bastante comum no "microcosmo" anticomunista da direita norte-americana.

O material de Meyer posto em análise no artigo foi o livro *The Moulding of Communists: The Training of The Communist Cadre*[133]. Trata-se de um texto com um forte teor "confessional", em que Meyer procurou lançar mão de sua própria experiência no movimento comunista para efetuar uma denúncia das características que considerava nocivas nessa ideologia. Não se tratava de um tipo incomum de literatura, até pelo fato de Meyer estar longe de ter sido o único ex-comunista que havia se transferido para a direita política. A *National Review*, inclusive, foi lar de um número expressivo de indivíduos com trajetória semelhante à de Meyer[134].

No caso de Meyer, a abordagem de seu trabalho foi direcionada a desvelar as supostas engrenagens nefastas que operavam na formação intelectual e política no interior das organizações comunistas. O que seria, à vista disso, uma análise do processo de "formação do Homem Bolchevique", o militante comunista organizado em um partido revolucionário. Destarte, para Rothbard, a questão central do livro de Meyer era provar que o "credo comunista" estava longe de ser uma ideologia que pudesse ser aceitável para convivência pacífica nas democracias ocidentais, particularmente por formar militantes intoxicados de

[132] "Meyer's libertarian inclinations are fatally warped by his all-consuming desire to incarcerate and incinerate all Communists, wherever they may be." ROTHBARD, M. *The Communist As Bogey-Man. Left and Right*, primavera de 1967, p. 22.
[133] MEYER, F. S. *The Moulding of Communists: The Training of the Communist Cadre*.
[134] Como aponta Rodrigo Farias, diversos outros indivíduos da revista faziam parte desse histórico. FARIAS, R. *William F. Buckley Jr., National Review e a Crítica Conservadora ao Liberalismo e os Direitos Civis nos EUA, 1955-1968*, p.167.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

forma "diabólica" por seu ideário, processo que ocorreria de forma uniforme em todo o planeta, como parte de uma conspiração global com a intenção de destruir a sociedade ocidental e instaurar a revolução ao redor do globo. O destaque curioso dessa caracterização era de fato o uso do termo "luciferiano (a)"[135] para se referir à ideologia comunista, termo que se conectava de maneira direta a ideia que Meyer procurava salientar de que as organizações comunistas funcionavam como uma espécie de "culto religioso", o que também explica a referência a ideologia comunista como um credo. Sendo assim, essa característica foi responsável por trazer uma carga religiosa ao antagonismo do comunismo feita por Meyer. A resenha de Rothbard procurou justamente questionar e tencionar a forma hiperbólica com que ocorreu essa caracterização feita pelo discurso anticomunista, tendo como objeto de análise o livro de Frank Meyer. Não à toa o título do artigo fez referência a figura mítica do bicho-papão, sugerindo que a "ameaça vermelha" era frequentemente superdimensionada pelo discurso anticomunista da direita norte-americana, produzindo o tipo de sentimento de medo e tensão onde uma narrativa mais agressiva em relação ao bloco socialista encontrava terreno fértil. O seguinte trecho deixa clara essa ideia:

> Sendo um intelectual, Meyer não publicou a habitual baboseira ex-comunista de memórias e denúncias pessoais repleta de trivialidades; em vez disso, ele foi o único ex-comunista a construir a partir de sua experiência uma teoria geral sobre o treinamento feito pelos comunistas de seus principais membros: a criação do "homem bolchevique". Mas, embora com conteúdo muito diferente do habitual texto confessional ex-comunista, a análise crítica revela que o trabalho de Meyer sofre dos mesmos estigmas básicos: demonstração de eventos e ações comuns a diversos grupos como padrões monstruosos e diabólicos únicos do grupo o qual o autor fez parte.[136]

Em um primeiro momento, Rothbard procurou atacar a principal tese de Meyer, a noção de que o rigoroso processo de treinamento dos seus quadros levaria os comunistas a formação de um sólido grupo de indivíduos capazes de

[135] No texto, o termo utilizado é *luciferian*.

[136] "Being an intellectual, Meyer did not publish the usual ex-Communist flim-flam of personal memoirs and denunciations; instead, he was the only ex-Communist to build out of his experience a general theory of the communist training of their hard-core members: of the forging of "Bolshevik man". But while very different in content from the usual ex-Communist confessional, critical analysis reveals the Meyer work to be suffering from the same basic stigmata: the blowing up of events and actions common to many groups into a monstrous and diabolic pattern of actions unique to the group from which the author had traveled" ROTHBARD, M. *The Communist As Bogey-Man. Left and Right*, primavera de 1967, p. 24.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

qualquer ato maligno ou imoral para levar a frente sua causa revolucionária. Essa seria uma das características principais do "credo comunista", formando um grupo de pessoas ideologicamente radicais e cegamente leais à condução do partido. Ainda, como Meyer sugeriu, por se tratar de uma ideologia autoritária, antidemocrática e contrária aos "valores ocidentais", a coexistência pacífica com os comunistas era impossível. Com isso, não haveria outra maneira de se lidar com os comunistas a não ser através do confronto: " [O] homem comunista nos apresenta apenas duas alternativas: vitória ou derrota"[137]. Reverberando o clima de apocalipse nuclear do período, Rothbard advertiu que essa política de "matar ou morrer" de Meyer tinha um potencial catastrófico em um mundo onde as novas máquinas de guerra possibilitavam uma destruição mútua entre as grandes potências.

A fim de contestar essa tese de Meyer sobre o processo de formação potencialmente "diabólico" dos comunistas, Rothbard propôs que não havia grande diferença entre o processo de formação e iniciação dos comunistas e outros processos parecidos em diversas outras instituições ou grupos políticos. Ocorria, nesse caso, que o "seu [Meyer] diabólico e remodelado homem Bolchevique"[138], não passava de um indivíduo completamente bem adaptado e leal ao seu partido. O que, para Rothbard, não se tratava de forma alguma de um elemento excepcional. Esse tipo de formação era uma prática comum, não somente em diversos outros partidos ou grupos ideológicos, mas também na composição dos quadros executivos de grandes empresas, de organizações policiais como a CIA e FBI e, talvez o caso mais clássico, a formação de militares para o exército. Todas eram instituições que procuravam, tal qual o partido, formar os quadros mais leais possíveis a sua causa e integrados ao seu sistema organizacional. Ao se referir a esse aspecto da tese de Meyer, Rothbard questionou:

> O grande problema é que todas as características que ele [Meyer] menciona podem ser encontradas em quase todas as organizações de indivíduos dedicados a algo, independentemente de qual seja o objeto dessa dedicação. [...] Se, então, é ensinado ao comunista que o seu fim – o bem do Partido como um todo – justifica qualquer meio para alcança-lo, e essa é a sua qualidade luciferiana –

[137]"communist man poses two stark alternatives to us: victory or defeat" MEYER, F. S. *The Moulding of Communist: The Training of The Communist Cadre*, p.171, apud ROTHBARD, M. *The Communist As Bogey-Man. Left and Right*, primavera de 1967, p. 24.

[138]"His [Meyer] uniquely diabolic and re-moulded Bolshevik Men turn out to be, on further inspection, simply Organization Men , with the sins of all Organization men everywhere." *Ibid.*, p. 24.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

> assim também é ensinado o soldado americano, britânico ou alemão, assim como o oficial de inteligência – dessa mesma forma, afinal, também acontece com todos os políticos[…] Não nos é dito, repetidas vezes, que as "razões de Estado" nos obrigam a mentir, trapacear, matar, por causa do "interesse nacional"? Todo Estado, todo governo, todo político segue esse caminho; como isso é diferente do comunista?[139]

Rothbard foi além, sugeriu que as características que Meyer atribuiu ao movimento comunista como prova de sua atuação potencialmente "diabólica" não somente eram características comuns a qualquer grupo de pessoas organizadas, mas algumas delas, inclusive, poderiam ser interpretadas como virtudes: "o seu [Meyer] erro é mais profundo que isso, pois em alguns casos, as sinistras qualidades que ele atribui [aos comunistas] deveriam ser admiradas ou consideradas como virtudes"[140]. A lista apresentada por Rothbard era imensa e tinha características como responsabilidade, sobriedade, racionalismo, comprometimento com posicionamentos políticos necessários etc.

Uma objeção antecipada por Rothbard ao seu argumento contra o anticomunismo era o de que ele estaria menosprezando ou pouco se importando para os crimes do socialismo real denunciados pelos anticomunistas, como os expurgos, os campos de trabalho forçado, a supressão autoritária de revoltas etc. Crimes esses que eram a principal justificativa para uma oposição tão tenaz proposta pelos anticomunistas mais exaltados, em especial os *Cold Warriors.* A resposta de Rothbard para essa objeção também era uma comparação, mas agora entre a União Soviética e os Estados Unidos. Alegou que não haveria grande distância entre as justificativas utilizadas por qualquer apologista do governo de moscou para as ações questionáveis da União Soviética daquelas utilizadas para justificar o governo dos Estados Unidos em atos igualmente infames. Os exemplos eram diversos, passando pelas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki ao fim da Segunda Guerra até os ataques de Napalm no Vietnã.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

---

[139]"The big problem is that all of the characteristics he mentions can be found in almost any organization of dedicated men, regardless of what that dedication happens to be [...] If, then, the Communist is taught that his end – the good of the Party as a whole – justifies any means to attain it, and this is his Luciferian quality – then so is taught the American or British or German soldier, so is the intelligence officer – and so, after all, is every politician. […] Are we not told, again and again, that overriding "reasons of State" compel them to lie, cheat, kill, for the sake of the "national interest"? Every State, every government, every politician, follows such a path; how then does this differ from the Communist?" ROTHBARD, M. *The Communist As Bogey-Man. Left and Right*, primavera de 1967, p. 25-26.

[140] "His [Meyer] error goes deeper than this, for in some cases, he attributes the sinister to qualities that we should consider virtuous or even admirable" Ibid., p.31.

> Aqui, novamente, ficará claro que essa justificativa dos comunistas não é única, mas infelizmente quase universal, e é endossado pelos apoiadores de todos os Estados, em todos os lugares e em todos os momentos. Por exemplo, Harry S. Truman e seus companheiros deliberada e arbitrariamente aniquilaram centenas de milhares de civis japoneses inocentes, incluindo mulheres e crianças, com as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. Quantos americanos ouviram esses gritos durante a noite? Meyer ou Chambers ouviram? Quantos americanos falharam em "justificar" – em nome do "interesse nacional" ou o que quer seja – esse ato monstruoso? Quantos do "credo americano" – no governo ou fora dele – abandonaram a defesa do Estado americano por causa desse ato? Quantos expressaram remorso ou indignação? E o mesmo pode ser dito de inúmeras ações americanas, incluindo o bombardeio de centenas de milhares de refugiados alemães em Dresden, o envio de centenas de milhares de refugiados de volta à zona soviética da Alemanha, etc. e até o atual uso genocida de napalm nas inocentes populações camponesas no Vietnã do norte e do sul. Justificativas e racionalizações para a carnificina e o assassinato em massa sempre foram apresentadas por todos os Estados e adotadas com alegria pela esmagadora maioria de seus cidadãos.[141]

O que Rothbard procurava ressaltar com essa argumentação era que Meyer e os demais anticomunistas estavam ignorando o real responsável por essas calamidades: o Estado. Para ele, haveria um motivo para isso, que também destacava o cerne central de sua oposição ao anticomunismo da Guerra Fria. Argumentava que era "quase impossível que se incentive o Estado a matar Comunistas ao redor do mundo sem que isso signifique adotar o estatismo como sua filosofia social"[142]. Esse aspecto é interessante pois revela uma camada importante do pensamento rothbardiano e, em especial, de seu libertarianismo. Do ponto de vista ideológico, tal qual os exemplos de Jay Nock e Spooner, o principal adversário de sua causa libertária era o estatismo. Nesse quesito, o que Rothbard sustentava era que a direita anticomunista da Guerra Fria não representava uma

[141] "Here again, it will become clear that such justification by Communists is not only not unique, but is unfortunately almost universal, and is engaged in by the supporters of all States, everywhere and at all times. For example, Harry S. Truman and his cohorts deliberately and wantonly annihilated hundreds of thousands of innocent Japanese civilians, including women and children, in A-bomb blasts at Hiroshima and Nagasaki. How many American have listened to this screams in the night? Have Meyer or Chambers? How many Americans have failed to "justify" – in the name of the "national interest" or whatever – this monstrous act? How many "cadre Americans" – either in the government or out – jumped off the American State bandwagon, because of this act? How many have even expressed remorse or indignation? And the same can be said of countless American actions, including the bombing of hundreds of thousands of German refugees at Dresden, the sending of hundred of thousands of refugees back to the Soviet zone of Germany, etc and down to the current genocidal napalming of the innocent peasantry of South and North Vietnam. Justifications, rationalizations, for butchery and mass murder have been served up by every State and cheerfully adopted by the overwhelming majority of their citizens." Ibid.,p.27.

[142] "It is almost impossible to agitate for the State to kill Communists throughout the world without adopting statism at the root of one's social philosophy." Ibid., p.42.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

opção viável para os libertários, mas era a sua antítese ao fornecer um suporte retórico e ideológico para a manutenção e expansão do imperialismo norte-americano. Com isso, a expansão imperial do Estados Unidos durante a Guerra Fria, na qual o conflito na indochina era apenas um dos vários sintomas, se apresentava como a questão central do libertarianismo rothbardiano durante o período e o principal pronto de inflexão com o novo conservadorismo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

# 5
# Conclusão

Em conjunto, as análises que foram realizadas neste estudo evidenciaram o trabalho de reinterpretação do libertarianismo empreendido por Rothbard nas páginas da revista *Left and Right: a Journal of Libertarian Thought*. Ainda, para embasar essa análise, fizemos questão de apresentar alguns principais expoentes do pensamento libertário norte-americano dos séculos XIX e XX, buscando pontos de diálogo que poderiam ter contribuído para tornar possível a empreitada de Rothbard.

Diante do novo cenário político que se apresentou na década de 1960, com os avanços na pauta pelos direitos civis, a escalada norte-americana na Guerra do Vietnã e a ascensão da Nova Esquerda, defendemos que uma nova leitura daquelas ideias empregada por Rothbard teve como propósito afastar o libertarianismo do movimento conservador e aproximando-o à ideia então veiculadas pela Nova Esquerda americana. Esse objetivo levou-o a uma leitura bastante peculiar do libertarianismo, cujo conteúdo foi apresentado como composto por três pontos principais: o argumento de que o libertarianismo era uma ideologia oposta ao conservadorismo; a tese de que a Nova Esquerda era um movimento com características libertárias compatíveis com o libertarianismo; e a leitura do libertarianismo como representante direto do individualismo e do isolacionismo estadunidense dos séculos XIX e XX.

Sobre as oposições ao conservadorismo, elas foram direcionadas tanto ao movimento conservador contemporâneo de Rothbard, quanto à ideologia conservadora como um todo. As críticas ao primeiro tinham como alvo principal a paranoia anticomunista e a política externa militarista. Já o argumento contra a ideologia denunciava o conservadorismo como a antítese da causa da liberdade e, portanto, como o principal adversário dos libertários. Como demonstramos cons capítulos anteriores, essa perspectiva esteva fundamentada em uma narrativa histórica que ressaltava a importância do libertarianismo como sendo o principal rebento do liberalismo radical. Na época, o embate contra os conservadores expressava um posicionamento extremamente minoritário e, em certa medida, inovador mesmo entre os libertários. Para justificar suas posições, especialmente em relação à sua aproximação com a Nova Esquerda, Rothbard recorreu a pautas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

individualistas e isolacionistas da direita norte-americana que, como vimos, eram caracterizadas pela defesa das liberdades individuais e pela oposição às interferências indevidas do Estado, tanto no ambiente doméstico quanto na política externa.

Com o novo cenário político norte-americano, Rothbard procurou defender que as categorias de esquerda e direita não mais representavam corretamente os desafios que o libertarianismo encontrava a sua frente. Com isso, decidiu apostar em algo novo e ousado, investindo em uma aproximação com a Nova Esquerda. De fato, havia muitos pontos de proximidade. As oposições à Guerra do Vietnã, à violência policial, à repressão do Estado, ao complexo industrial-militar e à política educacional das universidades. Ambos compartilhavam dos mesmos adversários, ao menos em teoria. Rothbard nutria a esperança de que aquele pudesse ser o início de um grande momento para o libertarianismo. Mas, como vimos, esse projeto nunca se efetivou. As diferenças com a Nova Esquerda se tornaram bem rapidamente grandes demais, e tornaram a compatibilidade entre esses dois polos uma real impossibilidade. Dentre esses e outros motivos, a revista saiu de cena em 1968. As razões que justificaram sua existência logo desapareceram.

Apesar do declínio da *Left and Right*, Rothbard não demorou muito para enveredar em uma nova empreitada no jornalismo político. O *Libertarian Forum*, intitulado inicialmente como *The Libertarian*[143], se tornou a nova morada para as colunas do autor,a partir de 1969. O periódico lançava duas edições por mês e se manteve ativo, com alguns hiatos, até 1984. Os assuntos eram bem mais variados do que os da *Left and Right*, indo desde os episódios políticos mais correntes da cena norte-americana até comentários específicos sobre cultura, cinema e literatura. Também durante esse período, Rothbard participou ativamente do Partido Libertário dos Estados Unidos, em especial nas décadas de 1970 e 1980. Rothbard veio a falecer na primeira semana de 1995, e podemos dizer, com certa segurança, que seu nome se tornou uma principal referência para aquilo que hoje chamamos de "anarco-capitalismo".

Tendo em vista que as produções sobre o libertarianismo não são abundantes, principalmente na área acadêmica; e, que grande parte daquilo que

[143] O nome permaneceu até a quarta edição, quando teve que ser modificada por conta da reivindicação de direitos autores sobre o nome *The Libertarian*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

foi escrito sobre o moderno libertarianismo, foi produto dos próprios libertários e fora do ambiente acadêmico, justificamos esse estudo. Esperamos que este nosso trabalho possa vir a contribuir para um melhor entendimento da trajetória do libertarianismo e seus pensadores durante a metade do século XX e suas primeiras décadas subsequentes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

# 6

# Referências bibliográficas

## 6.1
## Edições da revista *Left and Right*

*Left and Right.* Edições diversas. In: **Left & Right: A Journal of Libertarian Thought (Complete, 1965-1968)**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007. 688p. Disponível em: <https://mises.org/library/left-and-right-journal-libertarian-thought-complete-1965-1968>. Último acesso em: março de 2020.

## 6.2
## Livros, artigos e documentos eletrônicos

BYRNE, W. F. William Graham Sumner and the Problem of Liberal Democracy. **The Review of Politics**, v.72, n.4, p.571-597. 2010.

CHODOROV, F. **The Income Tax: Root of All Evil**. New York: The Devin-Adair Company, 1952. 81p. [Edição online]. Disponível em: <https://mises.org/library/income-tax-root-all-evil>. Acesso em: 16 Jan. 2020.

DOHERTY, B. **Radicals for Capitalism: A Freewheeling History of the Modern American Libertarian Movement**. New York: Public Affairs, 2009. 754p. [Edição Kindle].

FALCON, F.J.C. História das Idéias. In: CARDOSO, C.;VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 139 – 188.

FARIAS, R. William F. Buckley Jr., National Review e a Crítica Conservadora ao Liberalismo e os Direitos Civis nos EUA, 1955-1968. Niterói, 2013. 371p. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

HAMOWY, R. (Ed.). **The Encyclopedia of Libertarianism**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2008.

HAYEK, F.A. **O caminho da servidão**. 6.ed. São Paulo: LVM, 2010. 232p.

_____. Why I Am Not a Conservative. In: **The constitution of liberty**. Chicago: The University of Chicago Press, 1978. p. 397-414.

HOFSTADTER, R. William Graham Sumner, Social Darwinist. **The New England Quarterly**, v.14, n. 3, p. 457 – 477, set. 1941.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

JASMIN, M. G. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 57, p. 27 - 38, fevereiro. 2005.

KELLER, A. G. (Ed.). **The Forgotten Man and Other Essays**. New Haven: Yale University Press, 1918.

KROHN, R. J. The Limits of Jacksonian Liberalism: Individualism, Dissent, and The Gospel of Andrew According to Lysander Spooner. **Journal of Libertarian Studies**, v.21, n.2, p.45-68. 2007.

MEYER, F. S. **The Moulding of Communists: The Training of the Communist Cadre**. San Diego: Harcourt, 1961. 214p.

MITCHELL, B. M. A. O liberalismo moderno nos Estados Unidos: discussões acerca da sua pluralidade entre os séculos XIX e XX. **Revista de História da UEG**, v.5,n.2 p. 282-306, agosto/dezembro. 2016. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/viewFile/4962/3851> Acesso em: 12 mai. 2020.

NASH, G. H. **The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945**. Wilmington: Intercollegiate Studies Institute, 2014. 467p. [Edição Kindle].

NOCK, A. J. **Our enemy, the state**. Alabama: Ludwig von Mises Institute, 2010. 209p. [Edição Kindle].

ONOFRE, G. F. O papel de intelectuais e *think tanks* na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX. Niterói, 2018. 368p. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense.

PATTERSON, J. T. **Grand expectations: the United States, 1945 – 1974**. New York: Oxford University Press, 1996. 880p.

POCOCK J.G; MICELI, S. (Org.). **Linguagens do ideário político**. Tradução Fábio Fernandez. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

RAIMONDO, J. **An enemy of the state: the life of Murray N. Rothbard**. Amherst: Prometheus Books, 2000. 400p. [Edição Kindle].

RAND, A. **Atlas Shrugged**. New York: Signet, 2005. 1188p. [Edição Kindle]

____. **We the Living**. New York: Signet, 1996. 464p.

RAKOVE, J. N. **Original Meanings: Politics and Ideas in the Making of the Constitution**. 1.ed. New York: Vintage, 1997. 464p.

ROTHBARD, M. N. *Ludwig von Mises: Scholar, Creator, Hero*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2002. 60p. [Edição Online]. Disponível em: <https://mises.org/library/ludwig-von-mises-scholar-creator-hero-2>. Acesso em: 11 fev. 2020.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA

____. Life in the Old Right. **Cronicles: a magazine of american culture**. 1994. Disponível em: < https://history.fee.org/publications/life-in-the-old-right/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

____. **The Betrayal of The American Right**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2011. 258p.

____. The Real Agressor. **Faith and Freedom**. 1954. Disponível em: <https://mises.org/library/real-aggressor>. Acesso em: 19 fev. 2020.

SMITH, N. E. William Graham Sumner as an Anti-Social Darwinist. **The Pacific Sociological Review**, v.22, n. 3, p. 332-347, jul. 1979.

SPOONER, L. Natural Law; Or The Science of Justice. In: **The Complete Works of Lysander Spooner**. Madison & Adams Press, 2019. 1873p. [Edição Kindle].

____. No Treason. In: **The Complete Works of Lysander Spooner**. Madison & Adams Press, 2019. 1873p. [Edição Kindle].

____. The Unconstitutionality of Slavery. In: **The Complete Works of Lysander Spooner**. Madison & Adams Press, 2019. [Edição Kindle].

_____. The Unconstitutionality of the Laws of Congress Prohibiting Private Mails. In: **The Complete Works of Lysander Spooner**. Madison & Adams Press, 2019. [Edição Kindle].

THOREAU, H. D. **A desobediência civil**. Tradução de José Geraldo Couto. 1. ed. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012. 152p.

TULLY, J. H. (Ed.). **Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics**. Princeton: Princeton University Press, 1989.

VON MISES, L. **Human Action: A Treatise on Economics**. 4. ed. San Francisco: Fox & Wilkes, 1996. 906p.

_____. **Liberalism: The Classical Tradition**. Indianapolis: Liberty Fund, 2005. 171p.

ZWICK, J. The Anti-Imperialist League and the Origins of Filipino-American Oppositional Solidarity. **Amerasia Journal**. v.24, n. 2, p. 65-86, 1998.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812535/CA